

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LILIANE DE PAULA TOLEDO

**Reich e o enfoque de Deleuze e Guattari:
o pensamento crítico em busca do desenvolvimento humano**

São Paulo

2009

LILIANE DE PAULA TOLEDO

**Reich e o enfoque de Deleuze e Guattari:
o pensamento crítico em busca do desenvolvimento humano**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini

São Paulo

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Toledo, Liliane de Paula.

Reich e o enfoque de Deleuze e Guattari: o pensamento crítico em busca do desenvolvimento humano / Liliane de Paula Toledo; orientador Paulo Albertini. -- São Paulo, 2009.

176 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Reich, Wilhelm, 1897-1957 2. Deleuze, Gilles, 1925-1995 3. Guattari, Félix, 1930-1992 4. Esquizoanálise 5. Crítica I. Título.

RC504

FOLHA DE APROVAÇÃO

Liliane de Paula Toledo

Reich e o enfoque de Deleuze e Guattari: o pensamento crítico em busca do desenvolvimento humano

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Aprovada em: ___ / ___ / ___

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Para Cláudio e Luiz Felipe.

AGRADECIMENTOS

Dada a extensa e intensa rede de ajuda que precisa ser formada para que um trabalho como este seja realizado, quero agradecer imensamente:

Ao meu orientador, prof. Dr. Paulo Albertini, que há quinze anos apresentou-me as idéias de Wilhelm Reich, por tanto empenho, paciência, envolvimento e pela condução cuidadosa e serena.

Aos mestres Dr. Luiz B. Orlandi e Dr. Cláudio Wagner pelas valiosas sugestões oferecidas no exame de qualificação e incorporadas ao trabalho.

Ao Dr. André Valente de Barros Barreto pela imediata disponibilidade em colaborar, oferecendo-me sua leitura acurada e contribuições preciosas.

À Cláudia Gallo pelo acolhimento no período de minha análise, experiência que influenciou e enriqueceu cada página desta pesquisa.

Aos funcionários da Biblioteca da USP pelo profissionalismo e qualidade do atendimento prestado, exemplo da capacidade do serviço público, particularmente Célia Regina de O. Rosa, Flávio Hermes dos Santos, Lilian Leme Bianconi, Renato dos Passos e Roseni Vieira G. da Silva.

Aos participantes do Núcleo de Subjetividade da PUC de São Paulo pela receptividade e ajuda no conhecimento da obra de Deleuze e Guattari.

À equipe do Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientae pelo incentivo, em especial, Ana Lúcia Faria, Maria Zeneide Monteiro e Marilza de Souza Martins.

Aos colegas do Serviço de Orientação Profissional da USP pelo estímulo e aos professores Marcelo Ribeiro e Maria da Conceição Uvaldo pela minha inclusão em discussões e trabalhos inteiramente diversos do tema de minha pesquisa.

Aos amigos e familiares que ampararam minhas incertezas e dificuldades e que fizeram com que o árduo (e também prazeroso) caminho de escrita da dissertação fosse ocupado por encontros divertidos e poéticos:

Álvaro, Cristina, Edinael, Eliana, Elizabeth, João, Marcos, Martin, Rosa, Stella, Thelma e Zilma, agradeço a grandiosidade da presença de vocês na minha vida.

À Eliana Montemor pela tranquilidade e auxílio na gravação das cinco horas do exame de qualificação.

À Daniella Oliveira pelo amor visceral e fraterno.

À Darli Cunha pela inspiração emocionante e contínua: coragem, confiança e entrega.

À Leia Cardenuto pelo encorajamento, afeto e parceria e a seu marido, Marcos Nogueira Martins, pelo esclarecimento das dúvidas nas traduções.

À Maria Forlani pelo manancial de carinho, receitas e incontáveis lições de vida.

Ao Marcelo Gentile por sua presença amiga e músicas contagiantes.

Aos meus queridos irmãos Andréa, Fábio, Flávia e Gláucia pela alegria de viver e pelo amor efusivo e explícito e à memória da Daniela, que de algum modo, permanece conosco.

Aos meus pais Flávio e Nilza que generosamente souberam desde muito cedo respeitar e incentivar meu interesse pelos estudos, seguindo, sem saber, a idéia reichiana de permitir que as crianças sejam elas mesmas.

À Dona Olívia pela maravilhosa disponibilidade e suporte familiar, sem os quais esta pesquisa jamais poderia ser concretizada.

E, finalmente, aos meus amores Cláudio e Luiz Felipe, a quem dedico este trabalho, deixados de lado em muitos momentos e que em vários outros felizmente me interromperam, ensinando-me lições que não estão nos livros.

“A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles?” (DELEUZE, 1993/1997, p. 13-14).

RESUMO

TOLEDO, L. P. **Reich e o enfoque de Deleuze e Guattari: o pensamento crítico em busca do desenvolvimento humano.** 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2009.

Nossa pesquisa objetiva apurar interseções, ressonâncias e diferenças entre aspectos do pensamento de Wilhelm Reich e dos fundadores da esquizoanálise, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Seguimos, assim, a inclinação de estudiosos brasileiros da obra de Reich à interlocução com outros autores e ao enlace entre formulações reichianas e esquizoanalíticas presente em outros artigos, dissertações e teses. Nosso interesse específico recai sobre a questão do pensamento crítico dos autores escolhidos – tema que pode trazer contribuições para a investigação acadêmica, visto que vislumbramos um terreno a ser habitado e, até onde temos conhecimento, ainda inexplorado. Em termos metodológicos, realizamos um levantamento de publicações que mencionam proposições de Reich, Deleuze e Guattari. Além de constatar que ultrapassam as fronteiras nacionais, verificamos que se trata de diálogo instaurado há mais de trinta anos e retomado depois de 1994. O material totaliza 24 textos, nos quais observamos dois grupos com características distintas. No primeiro deles, verifica-se uma breve referência a Reich e à esquizoanálise, sem uma acurada comunicação entre suas idéias; e, no outro conjunto, ao contrário, busca-se o debate conceitual. Localizamos nossa dissertação junto ao segundo grupo em razão de constituir-se como um trabalho teórico, que se concentra na discussão de idéias de Reich, Deleuze e Guattari e de pesquisadores de seus enfoques. Em conclusão, no que diz respeito à visão crítica, observamos o explícito combate cultural de Reich e destacamos igualmente a proposta da esquizoanálise em favor do inconformismo e da produção de transformação social. Todavia, se notamos essa peculiar convergência, o estudo de Deleuze acerca da diferença vem influenciar nossa dissertação no sentido de deixar de lado a exaltação das semelhanças, uma vez que o reconhecimento das distinções estabelece a possibilidade de vibração intensiva. Pretendemos, então, assinalar divergências inegáveis entre a abordagem reichiana e a de Deleuze e Guattari, e a militar por múltiplas interferências. Assim, ao longo da depuração dos tópicos deste trabalho, procuramos dar lugar à formação inusitada de heterocomposições entre formulações de Reich e de Deleuze e Guattari. Mostramos como tal exercício de comunicação estabelece um rico campo de correspondências e afetações e, percebendo o potencial dessa interlocução, sugerimos temas para novos estudos.

Palavras-chave: Reich, Deleuze, Guattari, Esquizoanálise, Crítica

ABSTRACT

TOLEDO, L. P. **Reich and the Focus of Deleuze and Guattari: Critical Thinking in Search of Human Development.** 2009. 175 pp. Dissertation (M.A.) – Institute of Psychology, University of São Paulo, 2009.

This research aims at examining intersections, resonances and differences among certain aspects of the thought of Wilhelm Reich and that of the founders of schizoanalysis, Gilles Deleuze and Félix Guattari. We have thus followed a trend in Brazilian researches of establishing a dialogue between Reich's work and that of other authors, as well as between Reichian and schizoanalytic formulations present in other articles, dissertations and theses. Our focus dwells specifically upon the critical reasoning of the chosen authors – a theme that may bring in contributions to academic investigations, since a whole field can be explored in that subject, and, as far as we can tell, it has not been explored yet. In methodological terms, we have listed up publications that mention the propositions of Reich, Deleuze and Guattari. Besides noticing that they go beyond national boundaries, we have also seen that this dialogue started more than 30 years ago, and was taken up after 1994. This material sums up to 24 texts, in which we can note two groups with distinct characteristics. In the first one, a short reference to Reich and to schizoanalysis is made, without a focused communication between them; in the second group of texts, on the contrary, a conceptual debate is sought for. We place this dissertation among the second group, since it constitutes a theoretical work, focusing on the discussion of ideas brought up by Reich, Deleuze and Guattari and also by researchers of their work. Summing up, insofar as a critical approach is concerned, we have observed the explicit cultural battle of Reich, equally highlighting the proposal of schizoanalysis in favor of dissent and the production of social transformation. However, if, on the one hand, we see this peculiar convergence, on the other hand, the study of Deleuze on difference comes as an influence in our dissertation in the sense of putting aside the craving for similarities, since recognizing distinctions establishes the possibility of intensive vibration. We aim, then, at pointing out undeniable divergences between the Reichian approach and that of Deleuze and Guattari, and to set forth multiple interferences. Thus, throughout the depuration of the topics in our work, we intend to give a place for the unusual formation of heterocompositions among the formulations of Reich and of Deleuze and Guattari. We show how such an exercise of communication establishes a rich field of correspondences and affectations, and, realizing the potential of this dialogue, we suggest themes for upcoming further studies.

Keywords: Reich, Deleuze, Guattari, Schizoanalysis, Criticism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REICH E A ESQUIZOANÁLISE.....	16
2.1 Publicações sobre Reich, Deleuze e Guattari.....	28
3 O PENSAMENTO CRÍTICO EM REICH E NA ESQUIZOANÁLISE.....	59
3.1 O pensamento crítico.....	59
3.2 Pressupostos teóricos e propostas pragmáticas.....	72
3.2.1 Contestação ao princípio da destrutividade inerente ao homem.....	72
3.2.2 Aposta na humanidade.....	94
3.2.3 Propostas pragmáticas.....	120
4 CONCLUSÕES.....	155
REFERÊNCIAS.....	164
ANEXO – BIBLIOGRAFIA DE GILLES DELEUZE.....	173

1 INTRODUÇÃO

Observa-se há cerca de duas décadas uma inclinação dos estudiosos brasileiros da obra de Reich à interlocução com outros autores. Entre as produções acadêmicas encontram-se dissertações e teses que articulam, direta ou indiretamente, a visão e os conceitos de Reich com pensadores da psicologia e da filosofia, como por exemplo Foucault (BARRETO, 2007), Freud (ALBERTINI, 1992; WAGNER, 1994; SILVA, J. R. O., 2001; REGO, 2005), Freud e Adorno (RAMALHO, 2001), Freud e Foucault (SILVA, E. A., 2001), Freud e Lacan (CUKIERT, 2000), Henri Wallon e Stanley Keleman (RUSCHE, 2004), Nietzsche (BILIBIO, 2002), Piaget (BELLINI, 1993), entre outros. Cabe citar também a análise da teoria e/ ou da prática reichiana à luz da fenomenologia-existencial (CIPULLO, 2001) e da antropologia (OLIVEIRA, I. S., 2004); sem esquecer de aproximações com a neurobiologia (XAVIER, 2005), com a psicanálise e a neurofisiologia (MALUF JÚNIOR, 2005) ou ainda com a epistemologia (BEDANI, 2007b)¹.

Nos grupos de formação reichianas e neo-reichianas também se verifica o mesmo movimento de diálogo com outros autores, como por exemplo, na Formação Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. Sobre essas interlocuções, diz um Editorial da Revista Reichiana desse Instituto:

Se hoje se recorre a outros pensadores como aliados para a sustentação de nossa resistência ao presente, é na medida em que as cartografias de agora apresentam configurações diversas daquela que Reich conheceu e compreendeu. Não se trata, entretanto, como nos mostram os autores aqui reunidos, de afirmarmos uma ruptura nem, em contrapartida, de recuarmos reativamente para uma fidelidade estrita ao pensamento reichiano, mas sim de buscarmos, no presente, as vias de sua atualização na afirmação do corpo e de seu protagonismo no cenário contemporâneo (MONTEIRO; RODRIGUES, 2004, p. 4).

Entre os pensadores contemporâneos chamados para este debate, encontram-se Gilles

Deleuze e seu companheiro Félix Guattari, criadores da esquizoanálise no início dos anos 1970. Sobre Reich, esses autores afirmam: "Reich não se enganou, ele que foi talvez o único a manter que o produto da análise deveria ser um homem livre e alegre, portador de fluxos de vida, capaz de levá-los até o deserto e decodificá-los" (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 420)². Orlandi (2006) explora todos os excertos sobre Reich encontrados na mesma publicação, *O Anti-Édipo*, e sua pesquisa é objeto de análise neste trabalho.

Há também dissertações e teses que tratam da incursão de alguns estudiosos da obra de Reich no campo da esquizoanálise. Câmara (1999) propõe direções teóricas para práticas grupais de base reichiana e articula Reich a outros pensadores, principalmente a Deleuze e Guattari, a fim de que um campo aberto de diálogo traga contribuições às intervenções clínico-sociais dos psicoterapeutas corporais. Somada à obra reichiana, o autor fundamenta suas proposições na análise institucional, em estudos sobre grupos terapêuticos e em reflexões sobre o processo grupal na psicologia comunitária. Em outros artigos (CÂMARA 1998, 2006a, 2006b), o pesquisador dá continuidade à interlocução em destaque, contribuindo de modo significativo para a ampliação dessa discussão.

Além das pesquisas acadêmicas, vários outros textos foram produzidos na mesma direção, de maneira a enlevar nossos autores. Porém, se considerarmos a anterioridade temporal, destaca-se o livro *Cem flores para Wilhelm Reich* de Dadoun (1975/1991). Voltado à temática reichiana, desenvolve assuntos a partir de palavras ordenadas alfabeticamente, como por exemplo, "auto-regulação", "bergsoniano", "caráter", "família". Em dois desses tópicos ocorre a menção a Deleuze e Guattari nos quais Dadoun apreende importantes aspectos das obras desses pensadores, como veremos. Cabe salientar o fato de ter estabelecido, segundo os recortes

¹ No trabalho de Matthiesen (2007) há um levantamento detalhado de teses e dissertações sobre Reich defendidas até setembro de 2005. Sua pesquisa é mais ampla e não abrange apenas os trabalhos que versam sobre diálogos entre proposições reichianas e de outros autores e campos do conhecimento, como expusemos aqui.

² Trabalharemos com as duas versões disponíveis em português de *O Anti-Édipo*. Uma delas, da Editora Assírio & Alvim, escrita em português de Portugal (DELEUZE; GUATTARI, 1972b/s.d.). Como ambas apresentam

deste trabalho, as primeiras conexões entre a produção de Reich e aquela elaborada por Deleuze e Guattari.

Essas experiências exemplares, brevemente citadas, instigaram nossa proposta de investigação: apurar interseções, proximidades e diferenças entre a obra de Reich e a de Deleuze e Guattari, dando continuidade às pesquisas realizadas a respeito do diálogo entre esses pensadores³.

Mas o que pode conduzir numa direção singular é que nosso interesse recairá sobre a questão do pensamento crítico dos autores citados, tema que poderá trazer contribuições para a pesquisa acadêmica, visto que vislumbramos um terreno a ser habitado e, até onde temos conhecimento, ainda inexplorado. Neste ponto convém esclarecer que se entende por uma visão crítica a contestação e a atitude transformadora de Reich, conhecido como combatente cultural nos grupos e nas instituições de que participou. Para Barreto (2000a, p.15), Reich mostrou a importância da esfera subjetiva dos indivíduos na manutenção e na transformação das grandes estruturas sociais, de modo que a mudança da sociedade requer também a intervenção no universo micropolítico humano. A nosso ver, a proposta da esquizoanálise pode igualmente ser destacada em favor do inconformismo e da produção de transformação social característicos de um pensamento explicitamente crítico, que repercutiu na participação em projetos ativistas por parte de seus idealizadores. Com efeito, somos apresentados por Reich, Deleuze e Guattari a um projeto de construção coletiva de uma sociedade mais livre ou, parafraseando a esquizoanálise, da invenção de uma "nova suavidade" (GUATTARI, 1982/2005, p. 341) e que passa necessariamente por uma reorganização afetiva, social e política dos homens. Parte-se da idéia de que, aliada a intervenções de macropolítica, a mudança no universo subjetivo e micropolítico ensejará transformações fecundas em busca do desenvolvimento humano.

vantagens e problemas de tradução, citaremos a que mais se adequar a nossos propósitos, seguindo a sugestão do Prof. Dr. Luiz B. Orlandi em outubro de 2007 (informação pessoal).

³ No capítulo 2 apresentaremos as publicações a que tivemos acesso sobre a interlocução entre as formulações reichianas e as da esquizoanálise.

Quanto à estrutura deste trabalho, o capítulo inicial apresenta, em linhas gerais, os autores estudados e suas propostas, bem como publicações que tratam do diálogo entre a esquizoanálise e a obra reichiana. A menção a tais textos visa a introduzir a presente pesquisa no contexto da interlocução entre idéias de Reich, Deleuze e Guattari.

No segundo capítulo, aborda-se o tema do pensamento crítico desses autores, acrescidos dos pareceres de alguns de seus comentadores. Para aprofundar a compreensão acerca da perspectiva crítica, consideramos relevante dar destaque às vertentes teóricas da visão reichiana e esquizoanalítica. Nesse sentido, elegemos assuntos já discutidos nas pesquisas sobre a obra de Reich, os quais abordaremos por meio da perspectiva da esquizoanálise, pois assim acreditamos contribuir para a investigação acadêmica no meio reichiano. Os tópicos são “a oposição ao princípio freudiano da pulsão de morte”, “aposta na humanidade” e “propostas pragmáticas”. Almejamos responder em que medida é possível estabelecer conexões entre a produção científica de Reich e os trabalhos de Deleuze e Guattari, ligados a um tipo muito peculiar de filosofia.

Na conclusão retomam-se os aspectos da visão crítica conforme a proposição de cada autor, acrescidos de uma análise sobre os possíveis pontos de convergência e desacordo entre suas idéias.

Trata-se, portanto, de um trabalho teórico e centrado na análise bibliográfica de publicações de Reich, Deleuze e Guattari, bem como na de alguns pesquisadores dos enfoques desses autores.

2 REICH E A ESQUIZOANÁLISE

Com o objetivo de situar nossa pesquisa no panorama de investigações do pensamento reichiano, focalizaremos as publicações que, de alguma maneira, mencionam a interlocução entre idéias de Reich e da esquizoanálise. Antes, todavia, convém apresentar brevemente os autores pesquisados e ressaltar as diretrizes de suas obras que este estudo tratará.

Wilhelm Reich nasceu na Galícia e viveu de 1897 a 1957. Formou-se em Medicina em 1922 e antes do início do curso já manifestava “interesse pelas ciências naturais” (REICH, 1996, p. 74), característica que marcaria todo o seu percurso. Ingressou no movimento psicanalítico ainda enquanto acadêmico de Medicina, contudo explica que, em razão de seu interesse pela temática da sexualidade, não se dedicou prontamente à teoria freudiana:

Não me tornei imediatamente um discípulo devotado de Freud. Assimilei gradualmente as suas descobertas, estudando ao mesmo tempo as idéias e descobertas de outros grandes homens. Antes de entregar-me inteiramente à psicanálise e de me atirar totalmente a ela, adquiri um conhecimento básico geral em ciência natural e em filosofia natural. Era o tema básico da sexualidade que me obrigava a empreender esses estudos. (REICH, 1942/1995, p. 28).

O envolvimento simultâneo em sua formação médica e com a psicanálise freudiana exigia grande dedicação por parte de Reich, que em razão de dificuldades financeiras, também ministrava aulas particulares. Seus esforços garantiram a conclusão de sua formação médica paralelamente à atuação como analista e participante formal da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Durante 14 anos, precisamente de 1920 a 1934, Reich integrou a instituição psicanalítica e contribuiu de maneira significativa para o seu desenvolvimento e, nesse sentido, pode-se destacar sua extensa participação no aprimoramento da técnica psicanalítica (REICH, 1942/1995). Ainda no seio da instituição psicanalítica, iniciou-se a elaboração do referencial particular de Reich, que cada vez mais passou a manifestar sua discordância em relação a

algumas teses freudianas⁴. As divergências culminaram no rompimento com a IPA (Associação Psicanalítica Internacional), o que foi relatado pela historiografia tradicional como renúncia de Reich. Ele próprio, ao contrário, alude claramente ao fato de ter sido expulso dessa instituição quando assevera que “[...]o tom de todas as objeções feitas a mim implicavam nas consequências políticas, isto é, sociais que eu tirava de minha ciência” (REICH, 1953/1976, p. 234)⁵.

Wagner (1996) reforça tal afirmação reichiana e enumera fatos no campo institucional e argumentos usados no âmbito científico que ocasionaram em sua exclusão, planejada desde 1932. Segundo o comentador, Reich não deixou o movimento psicanalítico, e sim foi rechaçado da instituição IPA por razões políticas, e não científicas. Tornou-se “o maior dissidente da segunda geração freudiana”, de acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 650). Com a separação, Reich funda sua disciplina, a “economia sexual” e deixa claro que sua origem se deu no bojo da teoria de Freud e que trata-se de ramo da ciência natural (REICH, 1942/1995).

Cabe destacar, na obra reichiana, a passagem por campos variados do conhecimento, como a psicologia, a política, a biologia, a antropologia, a sexologia, a educação, a filosofia, a epistemologia, entre outros. O próprio Reich, ao reavaliar em 1953 seus textos redigidos aproximadamente entre 1927 e 1939 e reunidos no livro *Pessoas em dificuldade*, reavalia esse período e discorre sobre o processo que o conduziu a esferas diversas do saber:

Originariamente, eu era um clínico interessado estritamente em ciência natural e filosofia, não em sociologia ou mesmo política. Foi o desenvolvimento espontâneo da ciência da organomia que me levou, inicialmente por volta de 1919, a introduzir-me na área da economia sexual individual e social. A economia sexual, por sua vez, foi a precursora da descoberta do orgone, isto é, energia vital cósmica. (1953/1976, p. 5-6).

A transdisciplinaridade é frequentemente citada pelos estudiosos de seu pensamento como uma característica de sua obra. Na visão de De Reich (DE REICH, 1969/1978 citado por

⁴ Um dos pontos desse desacordo, a oposição ao princípio freudiano de pulsão de morte, será desenvolvido no tópico “3.2.1- Contestação ao princípio da destrutividade inerente ao homem”.

ALBERTINI, 1994), tal propriedade esteve pautada na pesquisa sobre a bioenergia; a autora esclarece que um fio condutor – precisamente o interesse pela concepção de energia – norteava o diálogo reichiano com variadas áreas. Já na análise de Albertini (1994), o aspecto apontado como motivador da atuação reichiana em diferentes frentes do conhecimento é a busca de uma contribuição para a felicidade humana. Bedani (2007a) acrescenta a crítica sociológica, aliada a projetos de intervenção social, como um dos grandes interesses de Reich que justificaram sua atuação transdisciplinar. A nosso ver, as posições apresentadas são complementares e mostram particularidades importantes da visão reichiana, a saber: a busca incessante pela pesquisa do fator energético vital e a preocupação social aliada à tentativa de construção de uma sociedade mais livre. Como um exemplo de estudo reichiano que permeia e colabora para o desenvolvimento de esferas distintas do saber, temos a “economia sexual”, sua teoria que atravessa a medicina, a psicologia, a educação e a educação física (MATTHIESEN, 2007, p. 20).

Um outro ponto a ser evidenciado em Reich diz respeito ao processo de transformações em aspectos de seu pensamento e pesquisas teórico-clínicas. Ele próprio (REICH, 1953/1976), na introdução de *Pessoas em dificuldades*, esclarece que,

Ele [livro] ilustra o amadurecimento gradual de discernimentos durante o decurso de aproximadamente duas décadas, discernimentos que afinal se fundiram em uma visão global. Quem já trabalhou em regiões inexploradas se dará conta de que o que se reflete no resultado final não constitui um alvo predeterminado, mas é o verdadeiro caminho da busca em si mesma. (p. 5).

Com efeito, é possível observar uma obra em movimento nos quase quarenta anos de sua atuação científica, como atestam comentadores de sua produção (BEDANI, 2007a; CÂMARA, 1999; MATTHIESEN, 2007; REGO, 2005; entre outros). Isto não significa dizer que existiram mudanças repentinas e etapas claramente demarcadas; ao contrário, as alterações aconteceram pouco a pouco, numa sucessão contínua de elaboração e maturação. Além disso,

⁵ O livro *Pessoas em dificuldade* será utilizado em tópicos diversos desta pesquisa. Trata-se de obra autobiográfica, em que Reich reavalia determinados acontecimentos e momentos de sua trajetória, o que, por si só, constitui-se

como a transdisciplinaridade de seu trabalho admite investigações a partir de ângulos ou áreas as mais distintas, há pesquisadores que estudam o aprimoramento progressivo e processual a respeito de temáticas específicas, como por exemplo, os conceitos de “auto-regulação” (BELLINI, 1993), “caráter” (SILVA, J. R. O., 2001), a noção de “corpo” (CUKIERT, 2000) e vários outros. Entendemos que tal fato comprova a tese de um trabalho em constante elaboração e reelaboração.

De volta à biografia de Wilhelm Reich, vale evidenciar sua militância, visto que participou ativamente de partidos e organizações proletárias em prol da educação, da abordagem de questões sexuais sob a ótica sócio-política e do atendimento terapêutico voltado à profilaxia das neuroses. De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 651), foi um dos idealizadores do freudo-marxismo e, também, de uma teoria sobre o fascismo que “marcou todo o século”.

Com base em sua própria concepção acerca da sexualidade e da bioenergia, Reich desenvolveu três técnicas terapêuticas: a análise do caráter, a vegetoterapia carátero-analítica e a orgonoterapia. Tais técnicas ou ferramentas mostram um percurso de contínuo desenvolvimento de pesquisas clínicas, relatado por Reich em 1944, no prefácio à segunda edição de *Análise do caráter*:

Quando a técnica da análise do caráter foi clinicamente desenvolvida e testada, entre 1925 e 1933, a economia sexual ainda estava no começo de sua evolução. [...] Contudo, com o tempo, o conceito analítico de estrutura do caráter humano, em especial da “*couraça do caráter*” – tão importante do ponto de vista patológico e terapêutico – continuou a desenvolver-se. [...] Gostaria de dizer, em resumo, que a “análise do caráter” é ainda válida no quadro de referência teórico da psicologia profunda e das técnicas psicoterapêuticas a ela pertencentes. É válida, também, como técnica auxiliar indispensável na vegetoterapia e na orgonoterapia. Mas com o passar do tempo continuamos avançando: o economista sexual e vegetoterapeuta é essencialmente um *bioterapeuta*, e não mais apenas um psicoterapeuta. (REICH, 1933/1995, p. 9-10; itálicos originais).

Ainda que novas considerações e textos fossem acrescentados na terceira edição do

livro, procuramos aqui demonstrar estritamente o caminho reichiano com relação ao aprimoramento das técnicas terapêuticas e que foi evidenciado por Wagner (2003) em sua dimensão metodológica. Para o pesquisador, ao experimentar e consolidar diferentes técnicas clínicas na vegetoterapia carátero-analítica, Reich foi aperfeiçoando o “método de investigação da unidade funcional psiquê-soma” (WAGNER, 2003, p. 155). Em outras palavras, Reich procurava desenvolver uma proposta de acessar o inconsciente, seja pelo psiquismo ou pelo corpo.

Já um dos fundadores da esquizoanálise, o filósofo francês Gilles Deleuze, viveu de 1925 a 1995 e percorreu extensa carreira acadêmica, tendo lecionado em importantes universidades da França. Apontado como um dos maiores filósofos do século XX (BAREMBLITT, 1998), produziu uma bibliografia de trinta e dois livros⁶, nos quais estão incluídas a maior parte dos artigos e entrevistas que concedeu e que são consultadas pelos estudiosos de seu trabalho. Tadeu (2007) afirma que, se os primeiros livros deleuzianos dedicaram-se à história da filosofia - prática criticada pelo próprio Deleuze quando se trata da formação ou do ensino – deve-se pontuar que esses textos não se limitam ao sentido tradicional do relato ou reprodução do pensamento dos filósofos estudados. Esses autores, entre eles Nietzsche, Bergson e Espinosa, são utilizados por Deleuze para desenvolver suas próprias formulações, extrair idéias e desenvolver sua criação, característica que irá marcar sua produção posterior, segundo Tadeu (2007). E o pesquisador destaca a obra *Diferença e Repetição* (DELEUZE, 1968 citado por TADEU, 2007) por delinear uma nova concepção de diferença a partir de variadas fontes e perspectivas e “que lhe permitirá conceber a vida e o mundo como processos de criação do novo, como constituído de processos intensivos (forças, fluxos, movimentos, em relação entre si), mais do que unidades extensivas (elementos distintos distribuídos no espaço)” (TADEU, 2007, p. 9). Assim, Gilles Deleuze impõe à filosofia a

⁶ Ver anexo com a lista de publicações gentilmente cedida pelo Prof. Dr. Luiz B. Orlandi.

reflexão sobre a problemática da diferença. Dedicar-se a advogar a coexistência das diferenças, a libertá-las onde quer que se apresentem, o que marca a sua contribuição e inovação para a filosofia. No mesmo livro, Deleuze também inicia a ruptura das barreiras entre a filosofia e a literatura, outra peculiaridade apontada por Tadeu (2007, p. 9): “Em Deleuze, a literatura é, talvez, o outro da filosofia, aquilo que a faz pensar”. Além da filosofia e da literatura, a produção teórica deleuziana passa por diferentes campos do saber popular e do conhecimento, como as artes, a antropologia, a história, a ciência, a teoria do cinema, a estética e a política. Sua perspectiva de fato concebe o pensamento, a clínica e a filosofia como domínios inseparáveis das questões do cotidiano. Tal erudição e tal versatilidade revelam um empenho contundente em construir novas coordenadas teóricas e pragmáticas. Para ele, a tarefa do filósofo consiste em fabricar conceitos, desde que ligados à vida. Por essa razão, há quem encontre dificuldade em compreender sua proposta, visto que novas palavras e definições são a todo tempo inventadas. Sobre a criação presente em sua escrita, servem de guia as palavras do próprio Deleuze. Todavia, cabe esclarecer a necessidade de incluir uma ampla citação em razão da importância do material original, já que a menção a um trecho restrito poderia alterar a compreensão do leitor. O texto foi retirado de entrevista de Deleuze concedida a Claire Parnet em 1988 e divulgada em série televisiva a partir de novembro de 1995. O título “Abecedário” refere-se à proposta de que o diálogo se desse segundo palavras em ordem alfabética. Na citação escolhida, Deleuze discorre sobre a letra “A” de “Animal”:

*GD*⁷: Digo para mim, criticam os filósofos por criarem palavras bárbaras, mas eu, ponha-se no meu lugar, por determinadas razões, faço questão de refletir sobre essa noção de território. E o território só vale em relação a um movimento através do qual se sai dele. É preciso reunir isso. Preciso de uma palavra, aparentemente bárbara. Então, Félix e eu construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. Sobre isso nos dizem: é uma palavra dura, e o que quer dizer, qual a necessidade disso? Aqui, um conceito filosófico só pode ser designado por uma palavra que ainda não existe. Mesmo se se descobre, depois, um equivalente em outras línguas. Por exemplo, depois percebi que em Melville, sempre aparecia a palavra: *outlandish*, e *outlandish*, pronuncio mal, você corrige, *outlandish* é, exatamente, o desterritorializado.

⁷ A sigla “GD” significa “Gilles Deleuze” e “CP”, “Claire Parnet”.

Palavra por palavra. Penso que, para a filosofia, antes de voltar aos animais, para a filosofia é surpreendente. Precisamos, às vezes, inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. Tudo isso acontece nos animais. É isso que me fascina, todo o domínio dos signos. Os animais emitem signos, não param de emitir signos, produzem signos no duplo sentido: reagem a signos, por exemplo, uma aranha: tudo o que toca sua tela, ela reage a qualquer coisa, ela reage a signos. E eles produzem signos, por exemplo, os famosos signos... Isso é um signo de lobo? É um lobo ou outra coisa? Admiro muito quem sabe reconhecer, como os verdadeiros caçadores, não os de sociedades de caça, mas os que sabem reconhecer o animal que passou por ali, aí eles são animais, têm, com o animal, uma relação animal. É isso ter uma relação animal com o animal. É formidável.

CP: É essa emissão de signos, essa recepção de signos que aproxima o animal da escrita e do escritor?

GD: É. Se me perguntassem o que é um animal, eu responderia: é o ser à espreita, um ser, fundamentalmente, à espreita.

CP: Como o escritor?

GD: O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranqüilo.

Ele come, deve vigiar se não há alguém atrás dele, se acontece algo atrás dele, a seu lado. É terrível essa existência à espreita. Você faz a aproximação entre o escritor e o animal.

CP: Você a fez antes de mim.

GD: É verdade, enfim... Seria preciso dizer que, no limite, um escritor escreve *para* os leitores, ou seja, "para uso de", "dirigido a". Um escritor escreve "para uso dos leitores". Mas o escritor também escreve *pelos* não-leitores, ou seja, "no lugar de" e não "para uso de". Escreve-se pois "para uso de" e "no lugar de". Artaud escreveu páginas que todo mundo conhece. "Escrevo pelos analfabetos, pelos idiotas". Faulkner escreve pelos idiotas. Ou seja, não para os idiotas, os analfabetos, para que os idiotas, os analfabetos o leiam, mas no lugar dos analfabetos, dos idiotas. "Escrevo no lugar dos selvagens, escrevo no lugar dos bichos". O que isso quer dizer? Por que se diz uma coisa dessas? "Escrevo no lugar dos analfabetos, dos idiotas, dos bichos". É isso que se faz, literalmente, quando se escreve. Quando se escreve, não se trata de história privada. São realmente uns imbecis. É a abominação, a mediocridade literária de todas as épocas, mas, em particular, atualmente, que faz com que se acredite que para fazer um romance, basta uma historinha privada, sua historinha privada, sua avó que morreu de câncer, sua história de amor, e então se faz um romance. É uma vergonha dizer coisas desse tipo. Escrever não é assunto privado de alguém. É se lançar, realmente, em uma história universal e seja o romance ou a filosofia, e o que isso quer dizer...

CP: É escrever "para" e "pelo", ou seja, "para uso de" e "no lugar de". É o que disse em *Mil platôs*, sobre Chandos e Hofmannsthal: "O escritor é um bruxo, pois vive o animal como a única população frente à qual é responsável".

GD: É isso. É por uma razão simples, acredito que seja bem simples. Não é uma declaração literária a que você leu de Hofmannsthal. É outra coisa. Escrever é, necessariamente, forçar a linguagem, a sintaxe, porque a linguagem é a sintaxe, forçar a sintaxe até um certo limite, limite que se pode exprimir de várias maneiras. É tanto o limite que separa a linguagem do silêncio, quanto o limite que separa a linguagem da música, que separa a

linguagem de algo que seria... o piar, o piar doloroso. (DELEUZE, 1988/1996).

Nota-se que Deleuze inicialmente fala na primeira pessoa do singular (“preciso”) e, logo em seguida, no plural (“precisamos”), referindo-se a seu grande parceiro na criação da esquizoanálise, seu amigo e co-autor de várias de suas obras, Félix Guattari.

Guattari foi ativista político, ecologista, psicanalista e intelectual; nasceu na França em 1930 e viveu até 1992. Pertenceu à Escola Freudiana de Paris e foi analisado por Jacques Lacan. Participou, com o psiquiatra Jean Oury, da fundação da Clínica de La Borde, voltada ao atendimento psicoterápico institucional, na qual trabalhou durante quase toda sua vida e que foi considerada uma referência nas práticas que contestavam o confinamento característico da ordem psiquiátrica vigente. Atuou como um dos mentores do movimento de revolução psiquiátrica nos anos 70 e criou a revista *Recherche*, destinada a divulgar idéias institucionalistas.

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que sua militância política esteve marcada pelo engajamento na esquerda, pela luta anticolonialista e pela crítica ao modelo psiquiátrico oficial. De acordo com o relato dos autores, Guattari realizou inúmeras viagens em favor de todas as formas de tolerância. Sua atuação em organizações político-sociais foi evidenciada por Baremlitt (1998), que detalha os movimentos para implantação das rádios livres, a proposta de uma ética militante para reunir os descontentes dos partidos políticos de esquerda, a organização para defesa dos extremistas autônomos italianos, entre outros. Tal histórico de intenso ativismo expõe o olhar crítico de Guattari sobre a cultura e sua aposta na possibilidade de intervenção social, assunto a ser retomado posteriormente.

A intensa criação de conceitos pode também ser notada no estilo literário de Guattari, característica comentada por Rolnik:

A escrita sempre esteve presente na vida de Guattari como um impulso incontornável para dar conta das sensações geradas na densidade de seu envolvimento com tudo o que fazia [...]. Para acompanhar o ritmo vertiginoso

do processamento que ele operava dos acontecimentos, Guattari fazia um uso selvagem das palavras, inventando conceitos num fluxo, de uma inteligência feroz e de uma velocidade de tirar o fôlego. [...] É precisamente aí que reside a força contundente do pensamento de Guattari, em toda a sua originalidade e beleza. (ROLNIK, 1986/2005, p. 12).

A autora menciona que Deleuze, do mesmo modo, observou a velocidade da criação de seu parceiro: “Félix trata a escrita como um fluxo esquizo que arrasta em seu curso todo tipo de coisa” (DELEUZE, 1990/1992, p. 24 citado por ROLNIK, 1986/2005, p. 12). Se, no entanto, no caso das co-autorias de Deleuze e Guattari, o primeiro era quem redigia⁸, o fato é que observamos a particularidade de criar palavras e definições na produção dos dois fundadores da esquizoanálise. Para eles, “os princípios em filosofia são gritos, em torno dos quais os conceitos desenvolvem verdadeiros cantos” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995, p. 9).

Embora haja elementos para aprofundar todo o percurso teórico e atuante de Deleuze e Guattari e até observar as mudanças no estilo de seus textos, escolhemos dar destaque à esquizoanálise e a elementos da filosofia da diferença, seguindo a proposta de focalizar o diálogo com as idéias de Reich.

A nosso ver, um aspecto relevante da produção dos criadores da esquizoanálise diz respeito à oposição deles ao enfoque dado ao desejo pela psicanálise freudiana e lacaniana⁹. A crítica principal é a de que o desejo estaria postulado como falta e a libido sempre remetida ao triângulo familiar edípico. Deleuze e Guattari entendiam que esse quadro estreito reduzia o delírio ao jogo familiar, o que consistia num impasse estrutural. Propuseram então “uma psiquiatria materialista fundada na ‘esquizo-análise’, isto é, na possível liberação dos fluxos

⁸ Segundo informação pessoal do Prof. Dr. Luiz B. Orlandi em fevereiro de 2008, nas produções conjuntas, Deleuze escrevia e Guattari revisava ou comentava o texto.

⁹ Não faz parte dos propósitos de nosso estudo discutir e aprofundar a crítica de Deleuze e Guattari à psicanálise. O objetivo é apenas apresentar a esquizoanálise e, para isto, torna-se necessário mencionar idéias que motivaram a sua criação, ainda que tragam uma oposição a conceitos psicanalíticos. Alguns de outros textos da esquizoanálise voltados à crítica à psicanálise são “Psicanálise, morta análise”, capítulo de *Diálogos* (DELEUZE, 1998) e “Desejo e história”, capítulo do livro *Micropolítica* (GUATTARI; ROLNIK, 1986/2005). Acerca da interlocução com a proposta de Freud e seus seguidores, Baremlitt (1998, p. 18-20) realiza uma pesquisa detalhada e menciona a existência de diferentes fases nos textos de Deleuze e Guattari. Donato (2004) também se dedica à investigação da discordância desses autores a elementos da teoria freudiana, sem deixar de apontar aspectos comuns em suas obras, notadamente o resgate do que identifica como postura revolucionária. Corrêa (2006) pesquisa especificamente a proposição psicanalítica de sexualidade segundo a perspectiva da esquizoanálise.

desejantes” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 320). O prefixo “esquizo” baseia-se numa alusão à esquizofrenia, modo de existir que não se sobrecodifica ou se aprisiona, palpitação intensiva incompreendida pela psicanálise, segundo os autores.

No ano de 1972, Deleuze e Guattari publicaram *O Anti-Édipo*, obra na qual postularam tarefas fundamentais da esquizoanálise. Em primeiro lugar a tarefa negativa: o rompimento com a tradição que maltratou o desejo, ligando-o à carência ou à falta. Os pensadores realizam a tarefa destrutiva em relação à psicanálise e delatam a lógica presente no edipianismo em seu pretensível caráter de referência universal, ao qual relacionar-se-iam todos os fenômenos da vida psíquica e para o qual retornariam todos os afetos. E, à tarefa destrutiva, superpõem-se as positivas, a liberação do Édipo e a prática da aprendizagem dos “fluxos desejantes” enquanto produção. Portanto, nada faltaria ao desejo. Nas palavras de Deleuze e Guattari,

Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, só pode ser na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de *sínteses passivas* que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre dele, é o resultado das sínteses passivas do desejo como auto-produção do inconsciente. Ao desejo não falta nada, a ele não falta o seu objeto. [...] Não é o desejo que se escora nas necessidades, ao contrário, são as necessidades que derivam do desejo: elas são contra-produzidas no real que o desejo produz. A falta é um contra-efeito do desejo, é depositada, arrumada, vacuolizada no real natural e social. (1972a/1976, p. 43-44, itálicos originais).

Temos, de acordo com o enfoque esquizoanalítico, a introdução da idéia de produção no desejo, o que caracteriza a psiquiatria materialista. Uma outra passagem de *O Anti-Édipo* pode esclarecer:

A existência maciça de uma repressão social agindo sobre a produção desejante não afeta em nada nosso princípio: o desejo produz real, ou a produção desejante não é outra coisa senão a produção social. Não é possível reservar ao desejo uma forma de existência particular, uma realidade mental ou psíquica que se oporia à realidade material da produção social. (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 47-48).

Se o desejo cria realidade é porque a produção desejante encontra-se como princípio imanente na produção natural, social e histórica. Em outras palavras, o desejo está presente, percorre e investe o campo social, compreendido em sua dimensão natural, social e histórica.

Por isso, a produção desejante não necessita de nenhuma mediação, interpretação ou operação psíquica para afetar as forças produtivas e as relações de produção. Afirmam que existem apenas o desejo e o social, na medida que “toda a produção social deriva da produção desejante em determinadas condições” (DELEUZE; GUATTARI, 1972b/ s.d., p. 29). No entanto, Deleuze e Guattari alertam que é necessário considerar a diversidade do funcionamento desejoso em razão das “máquinas” em questão, sejam elas máquinas sociais técnicas ou desejantes. Asseveram, assim, que o desejo está em toda parte, e possui diferentes regimes de funcionamento.

Na mesma linha, o funcionamento do inconsciente passa a ser concebido como “fábrica”, em oposição à idéia de representação teatral ligada ao Édipo e o delírio como “histórico-mundial” e não mais atribuído, em última instância, ao esquema familiar. Criticam o idealismo instaurado com a descoberta do Édipo, como se a expressão do inconsciente tivesse que, necessariamente passar por ele: “substituiu-se um inconsciente produtivo por um inconsciente expressivo (o mito, a tragédia, o sonho...)” (DELEUZE; GUATTARI, 1972b/s.d., p. 23). Para esses pensadores, o modelo representacional edípico prevaleceu sobre o modo de funcionamento maquínico e, com efeito, visam liberar a dimensão social do desejo, mostrando que extrapola o romance familiar.

Se a origem da esquizoanálise, de certa forma, motivou-se pela contestação a formulações psicanalíticas, o saber construído por Deleuze e Guattari ultrapassou a compreensão psíquica dos afetos humanos. Nas palavras de Baremlitt (1998),

A esquizoanálise será um processo de investigação, de produção de conhecimentos e de aplicação dos mesmos, para *transformar o Mundo* (entendido no sentido tanto da organização social, como política, econômica, da subjetividade dos homens e ainda das máquinas que modificam por completo a relação homem-natureza). (p. 54, itálicos nossos).

O argumento do autor que aqui se quer reforçar é aquele que designa a amplitude da “pragmática” esquizoanalítica. As tarefas fundamentais visam à destruição dos registros de controle, sejam eles psicanalíticos ou não, e “à invenção de novos modos de viver, de critérios

de valor, de obras artísticas, técnicas ou políticas” (1998, p. 54), de interesse dos agentes históricos envolvidos. Tal ponto merece ser evidenciado, pois a esquizoanálise traz como característica a transdisciplinaridade e a intervenção em diferentes âmbitos da existência, numa constante produção de modos de viver, ou de “subjetividades”.

Orlandi (2006) também ressalta que a obra *O Anti-Édipo* não deve ser reduzida ao confronto com o modelo psicanalítico, pois trata de instaurar uma “nova problemática que se impõe ao pensamento mais acordado do século XX” (p. 56). Cita que a principal temática do livro seria a libertação do funcionamento do desejo, ou, em outras palavras, o pensamento e a produção do desejo livres de representações e modelos.

E foram justamente estas e outras idéias advindas da esquizoanálise e da filosofia deleuziana, um dos assuntos debatidos com certa freqüência no meio reichiano, notadamente nas duas últimas décadas. A seguir, faremos uma breve exposição de trabalhos dedicados a tal diálogo, a fim de apontar algumas de suas características e localizar nossa pesquisa nesse cenário.

2.1 Publicações sobre Reich, Deleuze e Guattari

Realizamos, nos meses de novembro e dezembro de 2007, um levantamento de publicações que mencionam proposições reichianas e as de Deleuze e Guattari. Nessa pesquisa, priorizamos os textos encontrados em meio digital, com exceção de alguns materiais físicos disponíveis na biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Fizeram parte de nossa busca os seguintes websites:

- a) Portal da pesquisa (www.portaldapesquisa.com.br): página produzida pela empresa DotLib e que permite acesso a bases de dados, livros e periódicos de diferentes áreas do conhecimento como Econlit, FRANCIS, Internacional Political Sciences Abs, Philosophers Index, PsycINFO (base de dados especializada em psicologia), Infotrac OneFile, Journals@Ovid Full Text, Applied Social Sciences Index and Abstracts (ASSIA), ERIC, National Criminal Justice Reference Service Abstracts, Physical Education Index, Sociological Abstracts, Wilson Education Full Text, Wilson Humanities Full Text, Wilson Social Sciences Full Text.
- b) Google acadêmico (<scholar.google.com.br>): site de pesquisa que busca palavras em textos livres na Internet, com alguma relação com o âmbito acadêmico.
- c) Biblioteca Virtual de Psicologia (<www.bvs-psi.org.br>): especializada em publicações da área, permite pesquisas em bases de dados bibliográficas, textos completos, filmes e sites de psicologia.
- d) Scientific Electronic Library Online – SciELO (<www.scielo.org>): biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos. A versão brasileira (<www.scielo.br>) é uma parceria entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Centro Latino-Americano e do

Caribe de Informação em Ciências da Saúde ([BIREME](#)) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico ([CNPq](#)).

- e) Dedalus Global (http://www.ip.usp.br/biblioteca/biblioteca_fontes.htm): banco de dados bibliográficos de todos os campi da Universidade de São Paulo. Abrange livros, periódicos, dissertações, teses e filmes.
- f) Periódicos da CAPES (www.periodicos.capes.gov.br): permite acesso a textos completos de 11.419 revistas internacionais, nacionais e estrangeiras e a mais de 90 bases de dados com resumos de documentos em todas as áreas do conhecimento.
- g) Biblioteca Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (www.pucsp.br/biblioteca): possui dissertações e teses produzidas na instituição a partir de 2005.

Antes de dar início à apresentação dos trabalhos com a discussão conceitual acerca da articulação entre as proposições de Reich e Deleuze e Guattari, cabe mostrar aqueles que trazem resumidas referências a esses autores ou que não comparam suas idéias. Serão apresentados em ordem cronológica, do mais antigo até o mais recente, a menos que haja mais de um texto do mesmo autor. Nesse caso, virão em seqüência a fim de preservar a linha de raciocínio do pesquisador.

De acordo com o nosso levantamento, Briganti (1995) produziu um artigo sobre o pensamento de Reich e que contém uma citação a Deleuze. Intitulado “Psicossomática transdisciplinar – reichiana”, busca ampliar o conceito de psicossomática relacionando-o à visão reichiana de homem. Com o auxílio da história da filosofia e inspirada no filósofo Ernest Cassirer, o autor recapitula as visões de homem de Aristóteles, Platão, Heráclito, Sócrates, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes, Copérnico, Giordano Bruno, Darwin, Cassirer até chegar em Reich. Defende que ele não desenvolve um “modelo único de compreensão do humano” (1995, p. 56/57), nem restringe o homem ao modelo

biológico-instintual, mas o concebe como um ser psicossomático transdisciplinar, integrado em múltiplas dimensões. Traz como exemplo de transdisciplinaridade a obra de Foucault, retratada num texto da autoria de Deleuze, e a compara à proposta reichiana. Desta forma, não observamos nesse texto a utilização explícita de conceitos da esquizoanálise, mas Deleuze é citado como um “meio” para comparar a visão transdisciplinar de homem de Reich à de Foucault.

O estudo de Baremlitt (1995), “Introdução às terapias intensivas”, dedica-se à análise do panorama do pensamento e das práticas "psi" nos últimos 30 anos. Relata a característica heterogênea e difusa de tais práticas, mostrando também que sofrem a interpenetração de outras disciplinas das ciências humanas. O artigo tem a intenção de mostrar que muitas dessas práticas fundamentam a expectativa de resultados em estratégias de intensificação. O ponto específico em que o autor remete-se a Deleuze consiste na utilização de seus conceitos da esquizoanálise para compreender o mundo contemporâneo, a saber, a idéia de “ecletismo superior”, a existência de um outro nível de realidade, o “virtual”, a necessidade e a capacidade de invenção e a noção de “acontecimento”. Esse arcabouço teórico é empregado para ressaltar a importância da ampliação da compreensão do real segundo a visão deleuziana e que inclui as virtualidades intensivas, alvo das práticas “psi” mencionadas. Ao referir-se às características de cada escola, enfatiza o caráter inovador da proposta reichiana por recuperar aspectos econômicos, energéticos e políticos que afetam o psiquismo, além de sua proposta de orgonoterapia. Logo, não vemos nessa publicação uma comparação direta entre as idéias reichianas e esquizoanalíticas, mas sim a utilização de conceitos esquizoanalíticos para compreender o panorama das terapias intensivas, que inclui a abordagem reichiana na visão do autor.

Em 1997, Baremlitt concedeu entrevista ao Jornal do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Com o tema “Ecletismo sim, banalidade, não”, defende a postura de abertura e de investigação por parte dos psicólogos em relação às várias teorias e técnicas da área. Ao ser

questionado sobre como é possível ser “ecletico” sem ser superficial ou simplista, explica que sua proposta de “ecletismo superior” baseia-se na noção de “empirismo superior” de Deleuze. Afirma que, em filosofia, o ecletismo caracterizou-se por uma formação extremamente rigorosa, de intenso estudo e comprometimento teórico. Acredita que o psicólogo deva ser um trabalhador de saúde mental capacitado para atuar em diferentes frentes, que vão desde o atendimento clínico individual, ao de grupos, de casais, até o comunitário, organizacional etc. Para isso, é necessário que possua disponibilidade para pesquisar e conhecer abordagens para além do modelo escolhido e que tenha recursos em sua formação para realizar uma leitura política, social, histórica e psíquica dos fenômenos. Ante a indagação sobre a história da psicologia na Argentina e no Brasil no período de ditadura desses países, Baremlitt (1997) menciona a importante influência de vários pensadores no movimento político dos profissionais de psicologia, entre eles, Reich. Ao analisar a elevada ramificação das teorias e práticas psicológicas e a atuação dos conselhos de psicologia dos tempos atuais, traz sua idéia extraída da perspectiva de vários autores, entre eles, Reich, de que “a única greve que se justifica é a geral”. Com isso, quer indicar que o princípio de “ecletismo superior” poderia valer também para os organismos de classe dos psicólogos, no sentido de retomada de grandes alianças com parceiros de outras áreas do conhecimento, nas quais se buscariam soluções conjuntas e ampliadas para os problemas fundamentais da sociedade. Sobre Deleuze e Guattari, além da alusão ao “empirismo superior”, coloca ênfase na importância que suas idéias institucionalistas tiveram na luta antimanicomial na Argentina. Portanto, vemos, nessa entrevista, que o autor não chega a estabelecer relações entre os enfoques reichiano e esquizoanalítico, porém faz alusão a algumas noções de maneira isolada. A menção a Reich, Deleuze e Guattari faz-se presente como referências em seu percurso e em sua própria concepção de “ecletismo superior”. Cabe pontuar que entendemos a afirmação de Reich sobre a greve geral como uma peculiar interpretação de Baremlitt a respeito de concepções reichianas.

Como trata-se de entrevista, e não de um texto estritamente acadêmico, não é mencionada a origem textual dessa concepção, a qual desconhecemos.

No ano de 1998, temos um artigo voltado à reflexão sobre a busca de inclusão de outros pensadores no diálogo com a proposta reichiana: “Formação reichiana no Sedes, problematizações e projetos”. Rudge (1998) resgata a história do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo e o percurso do núcleo de formação reichiana, em seus vinte anos de existência. Relata os diferentes períodos e modelos de formação adotados no núcleo até chegar aos desafios presentes na década de 1990 que influenciaram o desejo pela inserção de ferramentas teóricas de pensadores como Freud, Winnicott, Foucault, Deleuze e Guattari. Sobre o “processo de crítica e crise” (p. 12), que encaminhou a busca por um curso híbrido, não restrito apenas à teoria de Reich, a autora explica que o intuito foi abranger e favorecer as discussões convocadas no cenário contemporâneo e que problematizam os temas saúde e doença, indivíduo e sociedade, sujeito e subjetividade, teoria e prática. Assinala a importância dos fundamentos reichianos que continuam a nortear a formação e as práticas adotadas no curso, notadamente a ligação entre clínica e a ação política. Portanto em seu artigo observa-se apenas uma citação a Deleuze e Guattari, mencionados como aliados que, entre outros, passam a ser incluídos nos estudos da formação reichiana.

Fuganti (2001), com “A ética como potência e a moral como servidão”, problematiza a questão da ética e da moral. Parte da noção comum de ética para desvelá-la enquanto moral social, em seu utilitarismo objetivo, que enreda os homens num tipo de atitude obediente. Mostra que o Estado desenvolve e estimula nos cidadãos um comportamento permeado pelo servilismo e pela transgressão. “É por *medo dos castigos* e pela *esperança das recompensas* que o indivíduo se submete a um poder que o separa da sua própria capacidade de agir e pensar livremente, desejando sua própria servidão” (p. 10, *itálicos originais*). Ao explicitar as armadilhas que sustentam os ditos “bons costumes”, lança mão da denúncia de Reich sobre o

desejo dos alemães pelo nazismo, contrariamente à idéia de que foram ludibriados. Após desvelar as forças presentes na moral que garantem a manutenção do poder, o autor mostra sua visão de ética e suas implicações: “ao contrário do modo ascético e moral de ser – ser pelo dever – o modo de vida ético instiga o ser pela potência” (p.12). Segue discutindo a questão da formação de cidadãos que possam atuar como agentes sociais e das implicações da experiência ética nas relações sociais. Menciona Deleuze ao mostrar o novo cenário do capitalismo contemporâneo, caracterizado não mais pela disciplina, mas pela sutileza do controle fluido. Assevera que ainda assim a vida encontra seus caminhos inesperados e que, em determinadas condições, é possível ultrapassar os limites da moral e formar agentes sociais capazes de produzir bons encontros e experiências libertadoras. Em seu trabalho, percebe-se que as referências a Reich e a Deleuze são trazidas como “pano de fundo”, no sentido de amparar sua linha de pensamento sobre a ética e a moral.

A dissertação de mestrado de Soares (2003), “Ritmos e conexões: dançando com Reich, Deleuze e Guattari”, traz uma proposta que explicitamente não visa colocar em diálogo o pensamento de Reich e o da esquizoanálise. Aborda seu encontro com esses autores sob a perspectiva da psicoterapia e ressalta que sua proposta não diz respeito à contestação ou à comparação de suas idéias, mas observa, sobretudo, como atravessam sua própria singularidade e prática clínica. Esclarece que tem como objetivo discorrer sobre seu processo de aprendizado e desenvolvimento clínico a partir da influência desses pensadores, e não realizar um confronto entre suas idéias. Por isso aborda as definições de “caráter” em Reich e de “processos de singularização” de Deleuze e Guattari em tópicos apartados. Em sua dissertação, faz metaforicamente uma “dança”, resultante dos “ritmos” e das conexões produzidas a partir dos conceitos de caráter em Reich e de processos de singularização de Deleuze e Guattari. Como num “baile”, utiliza sua experiência de vida, sua prática clínica e as idéias desses pensadores para comentar os temas “fluxo”, “encontro” e “ritmo”. Vemos que Reich, Deleuze e Guattari

são seus parceiros num “bailado” que tem como tema principal a construção de sua própria singularidade. E o mesmo mote a leva a publicar o artigo “Processos de singularização e couraça” em 2006, em que retrata conceitos de Deleuze, Guattari e Reich, sob o prisma dos afetos que provocaram em sua subjetividade.

Em “Sala de maquinas: aproximación al pensamiento de Gilles Deleuze e Félix Guattari”, Calderón Gómez¹⁰ (2006) explicita o tema do maquinismo na filosofia desses autores. Divide seu trabalho em duas etapas distintas. Em primeiro lugar retoma os aspectos ontológicos da idéia de “máquina” a partir do capítulo “Heterogênese” do livro *Caosmose* (GUATTARI, 1992 citado por CALDERÓN GOMEZ, 2006), o que lhe permite ampliar o conceito para além de sua dimensão tecnológica. Num segundo momento, pesquisa os entrelaçamentos entre o “modelo ontológico da esquizoanálise” — principalmente as categorias “máquinas desejanter” e “produção desejanter” — e as imagens de “desejo” e da teoria do inconsciente que a permeiam. Ao longo de seu texto, revela os caracteres das máquinas, da produção desejanter, da produção social e do sujeito. Em seu trabalho, a palavra “caráter” não possui qualquer relação com o conceito reichiano, apesar do autor ter incluído a obra *Análise do caráter* na bibliografia. Em resposta a um pedido de esclarecimento sobre o motivo da citação a Reich¹¹, Calderón Gómez explicou que se trata de uma “fonte de inspiração”. Afirmou que o modelo econômico do inconsciente proposto por Reich e sua articulação entre desejo e campo social são importantes para a compreensão da reformulação crítica do modelo freudiano realizada em *O Anti-Édipo*, livro consultado para a segunda parte de seu trabalho. Entendemos, assim, que a relação estabelecida em seu texto com o pensamento reichiano é indireta e serve de embasamento para o assunto discutido.

Garrido Fernández (2007) escreve o artigo “Asaltar la inmanencia: una lectura del anti-edipo” e, como diz o título, realiza uma leitura-resumo dos aspectos que considera mais

¹⁰ No caso dos autores de idioma hispânico, que utilizam o penúltimo sobrenome (paterno) em suas publicações, mencionaremos os dois últimos sobrenomes a fim de garantir a fidedignidade da fonte.

importantes ou interessantes de *O Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari. Esclarece que não se trata de uma interpretação puramente subjetiva do livro, mas sim de uma exposição com o intuito de facilitar a sua compreensão. Pretende vivificar a obra de Deleuze e Guattari e exacerbar o funcionamento da filosofia enquanto arma para “assaltar a imanência” e liberá-la das imagens que o capitalismo de mercado lhe impõe. Traz o que compreende ser os principais conceitos - máquinas desejantes, agenciamentos, corpo sem órgãos, produção desejante, produção social - e a visão dos autores sobre temas como capitalismo, esquizofrenia, psicanálise, complexo de Édipo, consumo, desejo, inconsciente. A menção a Reich acontece quando explica ter sido o primeiro a colocar a questão do enlace da repressão com o desejo: “Es el primero que rechaza las explicaciones de un *marxismo sumario* demasiado presto a decir que las masas han sido engañadas o embaucadas” (GARRIDO FERNÁNDEZ, 2007, p. 127; itálicos nossos). Ressalta também sua denúncia acerca da resignação da psicanálise. Faz assim referência a duas das várias citações a Reich encontradas no livro em pauta. Apesar de não dar continuidade à discussão de tais proposições reichianas, nem de dizer o exato ponto em que são mencionadas, não se pode desprezar o fato de ter escolhido Reich, entre os inúmeros autores citados por Deleuze e Guattari, em sua leitura do livro. Arriscamo-nos a deduzir que atribua certa relevância ao debate de formulações reichianas realizado em *O Anti-Édipo*. Acerca da negativa de Reich a uma concepção “marxista” sobre o nazismo, julgamos relevante adiantarmo-nos a um possível engano. Garrido Fernández (2007) refere-se a uma passagem de *O Anti-Édipo* que, de fato, afirma: “Colocando o problema em termos de desejo, [Reich] é o primeiro a recusar as explicações de um *marxismo sumário*, demasiado pronto a dizer que as massas foram enganadas, mistificadas... (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 154, itálicos nossos). Presumimos, a partir do texto de Orlandi (2006), que Deleuze e Guattari referem-se a “marxismo sumário” no sentido de um “marxismo apressado”(ORLANDI, 2006, p. 60). Assim,

¹¹ A comunicação foi realizada por email para lilianetoledo@terra.com.br em 11 de dezembro de 2007.

compreendemos a asserção de que “as massas foram enganadas” no fascismo como ventilada por membros do partido comunista em seu “marxismo apressado” ou ainda “equivocado”, e não referindo-se diretamente à oposição de Reich a uma concepção de Marx. Lembramos, aliás, que Marx, falecido em 1883, não poderia ter se posicionado a respeito do nazismo.

Barreto (2007), em sua tese de doutorado denominada “A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich” dedica-se ao estudo da relação entre corpo e poder e à análise de propostas de resistência a formas de assujeitamento pelo corpo. Partindo da perspectiva apresentada por Foucault em que são articulados corpo e poder, o autor mostra como a esfera corporal foi progressivamente rechaçada pelas ciências humanas desde a modernidade. Se por um lado o pesquisador celebra o ineditismo de Foucault ao associar corpo e poder, por outro critica sua noção corporal, excessivamente abstrata. Com vistas a ampliá-la, busca aliados em outras áreas do saber. Além das formulações sobre o corpo tomadas de biólogos e neurobiólogos contemporâneos, destaca aquela desenvolvida por Wilhelm Reich, notadamente por seu caráter vivo e dinâmico ou propriamente “encarnado”. Portanto, a proposta de Barreto (2007) elege aspectos presentes nos estudos de Foucault e Reich com o intuito de elaborar uma nova percepção do corpo que o considere em sua complexidade e que possa implicar em modos alternativos de subjetivação. Na conclusão são apontados exemplos de estratégias de resistência política dos corpos em oposição às hegemônicas, ditadas principalmente pelo saber biomédico dos tempos atuais. No trabalho em tela, Deleuze é mencionado em vários momentos e, em sua extensa maioria, como comentador ou interlocutor da produção teórica de Foucault (e não de Reich). Exceção à essa regra encontra-se numa das citações, precisamente numa das notas de rodapé à página 202, em que se comparam os pontos de vista de Reich, Deleuze e Guattari e Foucault. Trata-se do debate proposto por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* sobre a idéia reichiana de que a repressão ao desejo seria anterior à política. Segundo o autor, os fundadores da esquizoanálise mostram sua discordância à

proposição de Reich, mas o defendem em relação ao ponto de vista de Foucault. A discussão é apenas mencionada e não aprofundada por Barreto, possivelmente porque a interlocução com a esquizoanálise extrapola o tema de sua pesquisa. Uma outra breve aproximação entre os pensamentos de Reich, Deleuze e Guattari pode ser observada numa nota de rodapé, quando Barreto (2007, p. 209) cita a esquizoanálise como uma das correntes influenciadas por Reich. Temos assim indícios claros de que o autor conhece e pode estabelecer relações entre as obras de Reich, Deleuze e Guattari, mas prefere manter seu propósito de focalizar o diálogo que permeia idéias de Foucault e Reich na discussão sobre o corpo.

Lans (s.d.) trata do deslocamento do olhar ocorrido nas ciências humanas no século passado em seu texto “Devenires de la subjetividad: la perspectiva esquizoanalítica y los procesos de salud y enfermedad mental”. Parte da afirmação de que o século XX foi campo de uma significativa alteração na maneira de enxergar o homem. Relaciona tal acontecimento ao que denomina de “enfoque bio-psico-social das ciências humanas” e à abordagem “sócio-histórica das produções subjetivas”. Para explicar tais concepções, realiza um percurso histórico em que mostra o cenário de instauração da ciência moderna, caracterizada pela busca de leis básicas universais e pela utilização do método experimental. “Dividir para compreender” – definia a estratégia de desenvolvimento das especialidades científicas com vistas a explorar e dominar a natureza. Utiliza-se de idéias de Deleuze e Guattari em sua crítica à fragmentação da ciência moderna e ao relacionar o desenvolvimento desse saber ao atendimento das demandas sociais que a produziu e manteve. Nesse contexto, demonstra o surgimento da interdisciplina no século XX - enfoque “bio-psico-social” ou visão holística de homem - como uma articulação necessária para suplantar a estratificação do conhecimento científico. O autor aprofunda tal discussão voltando-se à conjuntura do nascimento das ciências sociais em que foram separadas as noções de sociedade, mente e psiquismo, em linha com a lógica presente na ciência moderna. É nesse ponto que volta a mencionar Deleuze em sua

denúncia acerca das totalidades e do estabelecimento de identificações de fenômenos que permitem a descoberta da igualdade e na reflexão sobre os temas da multiplicidade e da repetição.

A visão deleuziana é compreendida por Lans (s.d.) como partícipe de um movimento ou concepção “sócio-histórica das produções subjetivas”. Tal movimento teria também a contribuição de Nietzsche (no que se refere à denúncia ao “plano transcendente da moral como principal inimigo do pensamento científico”¹²), de Foucault (relação entre o saber e o poder), entre outros. Segundo Lans (s.d.), a noção de subjetividade emerge como efeito do abandono ao dualismo sujeito-objeto, e não como uma reação à objetividade, e abre a perspectiva de considerar as produções subjetivas em sua dimensão sócio-histórica. Com efeito, nessa abordagem, diz o autor, a investigação das subjetividades torna-se o centro das preocupações das ciências sociais. Para contextualizar o surgimento da concepção “sócio-histórica das produções subjetivas”, discute os temas da subjetividade, loucura e doença mental, clínica e grupalidade, dedicando-se principalmente às pesquisas de Foucault e Pichón-Riviére. Apresenta a esquizoanálise de Deleuze e Guattari como integrantes do projeto de tomar a própria experiência da subjetividade como objeto. Reich é lembrado no momento em que Lans (s.d.) retoma a pergunta de Espinosa: “Por que as massas lutam por sua servidão, como se tratasse de sua salvação?”. À questão enlaça-se a afirmação reichiana de que o povo alemão não foi ludibriado e desejou o fascismo. O autor conclui o tópico dizendo que a história denuncia o fracasso e o servilismo do sonho humanista ao capitalismo. Chama a atenção dos intelectuais das ciências humanas para a possibilidade de percorrer novos territórios existenciais e prossegue seu artigo apresentando conceitos da esquizoanálise e novamente referindo-se a seus criadores. Cita Guattari em sua proposta de “ecosofia”, articulação ético-estética entre os registros do meio ambiente, das relações sociais e das subjetividades. Assim como Fuganti

¹² O documento foi extraído da Internet e a versão disponível apresenta o texto contínuo, sem numeração de páginas.

(2001) e Garrido Fernández (2007), percebe-se que Lans (s.d.) menciona Reich justamente num dos pontos exaltados pelos fundadores da esquizoanálise, a saber, a afirmação de que as massas alemãs não foram enganadas e desejaram o fascismo. Supõe-se que o referido ponto da obra reichiana não tenha sido diretamente acessado, mas extraído de *O Anti-Édipo*. Fundamenta essa nossa hipótese o fato do autor não ter feito alusão a Reich ao discutir a questão da interdisciplinaridade, tema bastante abordado em suas pesquisas. Percebe-se que outros pensadores são escolhidos como seus principais aliados, entre eles, Deleuze e Guattari.

Se até agora transcrevemos os trabalhos de estudiosos reichianos que mostraram indícios de apontamentos ou influências esquizoanalíticas e vice-versa, a seguir, mostraremos as publicações que versam diretamente sobre os nexos entre as concepções de Reich e aquelas delineadas por Deleuze e Guattari. Seguindo o padrão já utilizado, serão apresentadas em ordem temporal, a não ser nos casos em que houver mais de um texto de um mesmo autor, quando virão em seqüência a fim de explicitar sua linha de pesquisa.

O livro de Dadoun (1975/1991), *Cem flores para Wilhelm Reich* parece inaugurar o enlace com idéias da esquizoanálise. Dedicase ao estudo de temas reichianos descritos em tópicos em ordem alfabética, que vão desde “alfa”, “acumulador de orgônio”, “assassinato”, até “Zadniker” e “zeks”. Trata-se de obra claramente voltada ao pensamento de Reich; outros autores são convocados apenas para intensificar o debate ou localizar idéias do ponto de vista histórico. A menção a Deleuze e Guattari ocorre em dois distintos momentos. Logo no início, ao abordar o tema “acumulador de orgônio”¹³, Dadoun refere-se a *O Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 1972, citado por DADOUN, 1975/1991) como livro “apaixonadamente ligado à grande central reichiana” e que enaltece Reich por sua propagação de “um canto de vida na psicanálise” (p. 16). Ainda nesse mesmo tópico, Dadoun (1975/1991) lembra uma crítica de

¹³ Trata-se de caixas compostas por paredes metálicas e orgânicas construídas para acumular o orgone atmosférico. Dadoun (1975/1991) assinala a “vocação experimental” dos acumuladores de orgone, visto que, para Reich, “a concentração da energia do orgônio atmosférico num espaço fechado, [...] permite efetuar observações e

Deleuze e Guattari dirigida a Reich, à qual parece concordar:

[...] seus autores, Deleuze e Guattari, nem por isso participam menos do que todo o mundo no “enquadramento” psiquiátrico de Reich, ao proclamar, com sapiência, que “no fim nada mais lhe resta senão as máquinas de seus caprichos, suas caixas paranóicas, miraculosas, singulares, de paredes metálicas forradas com lã e algodão”. (p. 16).

Afirma que os fundadores da esquizoanálise contribuem para uma certa estigmatização de Reich — “ ‘enquadramento’ psiquiátrico” — e, por outro lado, pondera que o fazem “com sapiência”, sustentando nossa hipótese de sua consonância à Deleuze e Guattari.

Uma outra menção de Dadoun (1975/1991) a Deleuze — nesse caso Guattari não é citado, em razão de tratar-se de obra exclusivamente deleuziana —, foi encontrada no tópico “bergsoniano”, termo indicativo da influência do filósofo Henri Bergson na produção de Reich. Para Dadoun, Reich realiza, de modo particular, o “salto na ontologia” (p. 44) que Deleuze caracteriza como próprio das idéias de Bergson (DELEUZE, 1966, citado por DADOUN, 1975/1991). Aqui Dadoun refere-se ao livro *Bergsonismo* de Deleuze e explica que o lançamento à ontologia realiza-se em Reich com seus estudos acerca da energia cósmica do orgone. Nota-se que a referência é breve, mas não deixa de articular as idéias de nossos autores em importante aspecto, a saber, o interesse comum pelas teses bergsonianas. Ainda que de passagem, parecem ser postos como aliados, Reich, Deleuze e Bergson.

Dadoun (1975/1991) uma vez mais faz uso de *O Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 1972 citado por DADOUN, 1975/1991) no ponto em que descreve o tema da “família” no pensamento reichiano, embora, nesse caso, inexista o emprego direto de conceitos dos fundadores da esquizoanálise. Ao explorar as críticas de Reich à família patriarcal e autoritária e as consequências dessa visão em sua obra, Dadoun (1975/1991) possivelmente inspira-se em Deleuze e Guattari, embora não realize uma menção explícita às suas formulações. Apenas nas referências encontramos a alusão ao livro em questão; por essa razão não consideramos que

experiências” (p. 16). O assunto das pesquisas reichianas sobre o orgone, será tratado em “3.2.3 – Propostas pragmáticas”.

haja conexão entre Reich, Deleuze e Guattari nesse ponto específico de seu trabalho.

Os importantes elementos realçados por Dadoun (1975/1991), a exemplo da presença de concepções bergsonianas nas obras dos autores a que pesquisamos e da crítica à psicanálise, ficam em segundo plano se considerarmos a relevância da descoberta de um estudo de 1975 que, de alguma forma, enreda Reich a Deleuze e Guattari. Prova que tal cruzamento não se constitui numa inovação recente, nem limita-se às últimas pesquisas reichianas e esquizoanalíticas.

Blank (1997) propõe-se a discutir a opção de estratégia clínica de Reich presente na obra *A função do orgasmo* a partir de mudanças que observa no cenário da psicoterapia contemporânea. Com base em casos de síndrome do pânico, compreendidos como expressões de profundas transformações nas identidades, na sexualidade e no ambiente psicossocial, o autor questiona a prática clínica pautada na repressão ou liberação sexual. Objetiva rechaçar um tipo de atendimento psicoterápico que privilegia um caminho previamente delineado, no caso, o binômio repressão / liberação sexual. Para Blank (1997), a problemática da vida sexual deixou de ser a grande questão na situação social contemporânea, pautada na oferta ilimitada e na exigência de constante superação. Como ilustração do funcionamento dessas sociedades de controle, expõe o conceito deleuziano de “metaestabilidade”, à medida que dificilmente se consolida um nível de conforto e satisfação. Resta ao sujeito o dever de exceder-se a todo instante, tarefa inalcançável e que pode acarretar num “pedido de moratória pessoal” (BLANK, 1997, p. 57), alusão à síndrome do pânico. Desse quadro advém sua indagação sobre alternativas terapêuticas mais afeitas aos tempos atuais e sua resposta ao propor “A função da função do orgasmo”, título de seu artigo. Nela, Blank (1997) reafirma a importância da dimensão corpóreo-afetiva na clínica, tal como apontado por Reich, e exalta a função do orgasmo como possibilidade de “reinstalar o sujeito humano nas potências cósmicas do devir” (p. 61), provavelmente remetendo-se à noção de “devir” segundo Deleuze. Visa à desconstrução de padrões caracteriais de funcionamento e à “recuperação da potência do *desorganismo* [...], a

possibilidade de uma organização corpórea-afetiva em outro patamar de complexidade” (p. 63, itálico do autor). Para isso, fundamenta-se em elementos da teoria de outros pensadores além de Reich e Deleuze, que não serão abordados mais extensivamente aqui. Seguindo o propósito de nossa pesquisa, observamos a congregação de formulações reichianas e da esquizoanálise quando utiliza a idéia de “dobra”, apresentada por Deleuze para repensar o corpo libertado de determinismos idealistas encontrados na visão naturalista de psicoterapias corporais de base reichiana. Outro momento de combinação de noções pode ser notado quando Blank (1997) recupera a afirmação de Dadoun (1975/1991) de que na proposição de uma energia cósmica do orgone, Reich teria realizado o salto para a ontologia que Deleuze apresenta como tipicamente bergsoniano. Podemos citar ainda pontos em que não chega a fazer menção direta a Deleuze, mas exprime sua concepção utilizando palavras e expressões encontradas em seus textos, como em sua exposição acerca da proposição de caráter:

O caráter, enquanto padrão, é obstáculo ao contínuo fluxo de devir, intensidades que não podem mais buscar a sua expansão no movimento pulsátil da vida. Pulsar implica a existência de duas forças, expansão e contração, que em sua permanente tensão de opostos permitem o movimento da vida, o jogo das intensidades, o fluxo do devir. (BLANK, 1997, p. 59).

Outro exemplo que justifica uma influência da esquizoanálise pode ser visto em sua argumentação de que as possibilidades vindouras do sujeito advêm de novas experiências existenciais, e não da elaboração de traumas antigos. Ora, sabe-se que Deleuze e Guattari advogaram em favor de novos agenciamentos subjetivos e contra as interpretações do psiquismo voltadas ao passado. Todavia, independente das suposições acima descritas, observa-se que o autor dedica-se à análise de tema teórico-clínico reichiano utilizando-se explicitamente de proposições deleuzianas, como “dobra” e “metaestabilidade”.

Verificamos, nesse trabalho, que Blank parece buscar (e encontrar) na esquizoanálise a possibilidade de rever conceitos reichianos, ante transformações vivenciadas em seu espaço clínico e que anunciam novas coordenadas nas esferas afetivas e sociopolíticas dos seres humanos. Ainda que critique frontalmente formulações reichianas, notadamente em relação a

um certo determinismo, afigura-se um tom contributivo em seu texto, que apresenta a proposta de “A função da função do orgasmo” num clara e bem-sucedida ligação entre as abordagens de Reich e da esquizoanálise.

Rudge (1997) aborda o desejo amoroso, temática presente em sua prática clínica em “Entre dores e amores, a produção de singularidades”. A autora discute a simbiose, a desterritorialização ou a perda de envolvimento presentes nessas relações, alvo de queixas em seus atendimentos psicoterápicos individuais. Utiliza-se da análise atribuída a Guattari sobre os relacionamentos afetivos, baseada na história de Penélope e Ulisses e que retrata o aprisionamento, a dependência e a impossibilidade de entrega e envolvimento. Afirma que Guattari denuncia a apropriação do outro, de seu devir, seu sentir e de seu corpo como processo de redução do desejo presente na subjetividade capitalística. Rudge observa vícios semelhantes em práticas grupais, permeadas por abandono, totalização, intolerância e realiza uma análise histórico-familiar dos grupos desde o Renascimento até a modernidade e que marcam a dualidade indivíduo / sociedade. Daí engendra-se a pergunta da autora que fará a ligação com o pensamento reichiano: “Através de que mecanismos os desejos e as paixões vão sendo convertidos em força de trabalho e compulsão a consumir?” (RUDGE, 1997, p. 53). Utiliza-se de Reich “para quem o sistema capitalista mantém-se a custo de um processo de repressão e desvio da energia vital”(RUDGE, 1997, p. 53). Assim, a debilidade e os vícios de abandono e aprisionamento característicos dos relacionamentos amorosos atuais seguiriam modos hegemônicos de subjetividades presentes no sistema capitalista. A saída apontada pela pesquisadora permeia a teoria reichiana, no sentido de uma reapropriação da capacidade de auto-regulação para o prazer e o contato, e também a teoria esquizoanalítica, que propõe a construção de múltiplas formas de viver e da capacidade de instaurar e potencializar novos agenciamentos afetivos. O dispositivo grupal apresentado visa à recuperação da possibilidade de auto-gestão e auto-regulação e à produção de novas maneiras de existir. Portanto, ao abordar

o tema dos relacionamentos afetivos e amorosos, Reich e Guattari são postos como aliados na problematização da economia do desejo e na proposta de alternativas aos modos hegemônicos de existência. Todavia, a nosso ver no artigo de Rudge (1997) caberiam três importantes esclarecimentos ao leitor. Em primeiro lugar, seria necessário delimitar o período em que Reich atribuiu os males do homem ao capitalismo, a saber, nos anos finais da década de 1920 e até meados dos anos 1930, pois trata-se de relação estabelecida apenas nesse período de sua trajetória. Sem essa informação, pode-se concluir erroneamente que se trata de uma constante no pensamento reichiano¹⁴. Do mesmo modo, percebe-se a necessidade de relatar o contexto em que Félix Guattari lança a noção de “captura do desejo amoroso na subjetividade capitalística”, ocorrida em sua visita ao Brasil no início dos anos 1980, no auge dos inúmeros movimentos militantes que agitavam o panorama político-social da época. Guattari concedeu diversas entrevistas e participou de discussões com integrantes de associações minoritárias e entidades de classe em que foram debatidos temas variados, inclusive “uma nova suavidade que parecia insinuar-se na política das relações amorosas” (ROLNIK, 1986/2005, p. 10). A última explicação poderia referir-se à autoria do livro citado, que foi redigido conjuntamente por Félix Guattari e Suely Rolnik¹⁵ e não somente por Guattari como mencionado por Rudge. Precisamente a comparação entre os amores contemporâneos e a história de Penélope e Ulisses foi criada por Rolnik, segundo a informação que consta no prefácio da edição que consultamos.

¹⁴ O tema extrapola os fins de nossa investigação, embora seja preciso marcar que, após esse período, Reich não deixa de ser um crítico de sistemas sócio-políticos autoritários, em sua relação com o encouraçamento humano. Em síntese, podemos dizer que a alteração de seu posicionamento refere-se à origem do mal, pois passa a concebê-lo em seu estatuto ontológico, portanto anterior à esfera sócio-histórica (ALBERTINI, 1994; BARRETO, 2000b; DADOUN, 1975/1991). Seria o advento da consciência humana a gênese da ruptura com a natureza, como Reich explicita em *A Superposição Cósmica* (1951, citado por DADOUN, 1975/1991). Ou seja, “Ao refletir sobre a natureza e função do pensamento, razão ou consciência, Reich capta a primeira operação de encouraçamento: aparece quando, por motivos que permanecem obscuros, o homem se vê impelido a refletir sobre si mesmo, a perceber em si mesmo o seu próprio ser, a tomar consciência de si”, o que causa “assombro e terror ao homem diante do ser desconhecido que ele é para si mesmo, diante da natureza misteriosa que o cerca” (DADOUN, 1975/1991, p. 140). Vale ressaltar ainda que, para Reich, a retomada da ligação dos homens com a natureza é possível e depende de sua organização social. Para aprofundamento do assunto, recomendamos consultar os estudos dos autores acima citados.

¹⁵ Em relação à obra *Micropolítica*, Rolnik (1982/2005) afirma que “muitas mãos o escreveram” (p. 15) e não apenas as suas e as de Guattari. Nesse mesmo tópico do livro, exatamente às páginas 17 e 18, relaciona os autores

Tais esclarecimentos poderiam contribuir para o aprofundamento da aproximação entre proposições de Reich e de Guattari.

A reflexão de Câmara (1998) versa sobre conceitos propostos por Reich e retomados à luz da teoria de Deleuze. Em “A propósito da (des) construção de alguns conceitos na teoria de Wilhelm Reich – a perspectiva deleuziana”, o pesquisador realiza um levantamento de idéias reichianas inicialmente no seio da psicanálise, em seguida como analista do caráter e vegetoterapeuta e por fim como orgonoterapeuta, sempre em relação à concepção esquizoanalítica. Com o objetivo de “investigar e revigorar o pensamento de Reich” (1998, p. 23), critica várias de suas proposições e as reposiciona sob a sua leitura da esquizoanálise. Podemos citar a contestação das noções de “unidade funcional psique-soma”, “auto-regulação”, “saúde”, “democracia natural do trabalho”, “energia física”, bem como o enfoque dado à sexualidade por Reich. Por outro lado, avalia como passíveis de intersecção com a obra de Deleuze e Guattari o conceito de potência orgástica e a valorização do corpo. Encerra o trabalho com uma passagem poética em que imperariam na prática reichiana, na sociedade e nas relações humanas os “fluxos desejanter”, os “simulacros” e os “devires”, tal como propõe a esquizoanálise.

No ano seguinte o mesmo autor defende sua tese de doutorado, “Para além do claustro bipessoal: proposições teóricas para uma psicoterapia grupal de base reichiana” (CÂMARA, 1999). Inicialmente expõe as influências filosóficas de Marx, Espinosa e Bergson sobre o pensamento de Reich e menciona os períodos ou fases de sua obra. No tópico “Construção e desconstrução”, dedica-se ao diálogo entre conceitos reichianos e a proposta do movimento institucionalista, representado por Nietzsche, Foucault e Deleuze. Com base nesses pensadores, analisa e reafirma proposições reichianas, mas principalmente as questiona. E no mesmo movimento de crítica às noções criadas por Reich, discute a temática “sujeito, produção de

de cada um dos capítulos. É importante ressaltar que a edição por nós consultada é posterior à publicação de Rudge (1997).

subjetividades e processos de singularização”, utilizando-se de diferentes escolas do pensamento contemporâneo, inclusive a esquizoanálise. Conclui sua pesquisa ao discutir o tema do atendimento a grupos segundo a abordagem de Reich e de outras correntes, para finalmente elaborar sugestões para uma intervenção clínica e social de base reichiana.

Em 2006 o pesquisador analisa seu percurso com o pensamento de Reich e avalia que, após partir do referencial reichiano, teve um período marcado pela crítica a suas proposições, confrontadas por formulações de Foucault, Nietzsche e Deleuze. Os textos acima apresentados mostram esse movimento voltado à contestação. Porém, afirma ter “tomado a vertente da reconstrução da obra reichiana” (CÂMARA, 2006b, p. 30). É com esse espírito que se dedica ao tema do corpo na clínica reichiana. Ressalta a originalidade de Reich ao conceber uma unidade funcional “psico-soma”, em oposição à cisão mente-corpo, pressuposto da vertente científica tradicional. Recupera também o que, em sua visão, constituiria um segundo caráter inovador da concepção reichiana, a saber, a pluralidade corporal, composta por diferentes esferas, as correntes energéticas e as forças sócio-históricas. Nesse ponto, relaciona tais idéias de Reich às da esquizoanálise, em sua valorização da superfície corporal e igualmente no desvelamento das condições sociais que interferem e produzem os corpos. Aproxima ainda tais autores na questão dos fluxos presentes no corpo e menciona o destaque dado ao tema no que chama de a última fase reichiana, a orgonomia. Aponta o que chamou de “armadilhas da clínica” reichiana como, por exemplo, naturalizar ou sacralizar os corpos e ressalta o desafio dos terapeutas para de fato contribuir para a sua libertação. Conclui ao destacar mais uma vez o ineditismo e a complexidade da teoria reichiana ao conectar os corpos às dimensões energéticas e sócio-históricas.

Também nesse ano, Câmara retoma fundamentos da teoria de Wilhelm Reich pesquisados em sua tese de doutorado: “Pressupostos filosóficos reichianos: Marx, Espinoza e Bergson articulados ao pensamento contemporâneo” (2006a). Sintetiza aspectos importantes da

teoria de cada um desses pensadores e explicita a influência que exerceram na obra reichiana. Mostra que a teoria da alienação e a perspectiva dialética marxistas forneceram bases para o pensamento de Reich, assim como para a sua análise social da psicanálise. Alia Reich a Espinosa quando aproxima os conceitos de “a grande consciência”, “Deus substância” e “bom encontro” desenvolvidas por Espinosa às noções reichianas de “consciência cósmica”, “orgone” e “entrega plena”. Propõe uma atualização da compreensão de “cerne” proposto por Reich a partir da idéia espinosista de “essência”, em seu caráter intensivo e menos estrutural. Do mesmo modo, compara as proposições de Bergson (“carapaça”, “elán vital”) às de Reich (“caráter”, “orgone”). Menciona ainda que a compreensão bergsoniana de movimento, de fluxo contínuo e de um impulso ou força evolutiva presentes na vida exerceu forte influência sobre a visão reichiana. Além de ressaltar as raízes reichianas em Marx, Espinosa e Bergson, o autor problematiza alguns dos temas levantados à luz de idéias de Nietzsche e o que chama de pensadores pós-críticos, entre os quais Deleuze e Guattari. A referência aos fundadores da esquizoanálise ocorre quando Câmara opõe à idéia de movimento linear ou arborescente presente, em sua visão, na obra reichiana, os conceitos de “rizoma” — crescimento imprevisível, amorfo e que não possui início ou fim — de “linhas de fuga”, de “desterritorialização” e de “produção de diferença”. Portanto, tais formulações de Deleuze e Guattari são utilizadas num contraponto à visão reichiana e fundamentam, ainda que de maneira subliminar, a proposta de releitura reichiana com a qual finaliza seu trabalho.

Temos assim, por parte de Câmara (1998, 1999, 2006a e 2006b), uma série de textos dedicados à discussão que permeia o pensamento de Reich, Deleuze e Guattari. Especificamente em relação a Reich, nota-se um processo de transformações na perspectiva de Câmara. A nosso ver, numa espécie de pensamento vivo, o autor registra uma visão crítica a respeito de determinadas orientações reichianas (trabalhos de 1998 e 1999) e, depois, produz uma sucessão de idéias que buscam propiciar um desenvolvimento atualizado para o enfoque

reichiano (estudos de 2006a e 2006b).

Em 1999, Gonçalves Boggio publica “Arqueología del cuerpo: ensayo para una clínica de la multiplicidad”, reunião de artigos inéditos e textos já apresentados pelo autor em congressos e seminários. Baseado em sua vivência clínica fundamentada pela análise bioenergética, elabora um modelo de atendimento psicoterápico que aborda o corpo em sua dimensão histórico-social, a “arqueologia do corpo”. Dedicar um capítulo à explicação de sua proposta que tem como pilares os dispositivos “cartografia corporal” e “cartografia desejante”, a partir da influência de formulações de Reich, Lowen, Keleman, Deleuze e Guattari. Explica que seu trabalho de intervenção corporal congrega técnicas da bioenergética e da vegetoterapia carátero-analítica. Além do tópico voltado especificamente à “arqueologia do corpo”, Gonçalves Boggio (1999) dedica vários capítulos a temáticas da clínica como “o corpo na clínica bioenergética”, “o corpo na clínica grupal”, “a ética do toque no trabalho psicoterápico”, entre outros. Verifica-se também alguns capítulos que priorizam a discussão conceitual – por exemplo, “a clínica da multiplicidade” e “ética, clínica e sociedade” - e neles podemos encontrar a articulação de assuntos abordados por pensadores diversos, incluindo Reich, Deleuze e Guattari. Porém, é necessário ressaltar que em todo o trabalho — mesmo nos momentos em que prioriza a discussão técnica —, as idéias desses autores são apresentadas como um convite à ampliação de temáticas presentes na clínica contemporânea. Com vistas a dar destaque ao debate teórico de nossa pesquisa, realizamos um levantamento detalhado das referências a Deleuze e Guattari, já que, por tratar-se de profissional explicitamente ligado à bioenergética, a menção a Wilhelm Reich pode ser observada praticamente na totalidade dos capítulos, seja em referência a proposições ligadas à pesquisa clínica, como também em relação a aspectos de cunho político-social presentes em sua obra.

Um dos pontos de menção a Deleuze e Guattari ocorre na reflexão sobre a ética, tema do quarto capítulo, e que envolve a ética do desejo (em que se retoma a discussão sobre desejo e

campo social em Reich, Deleuze e Guattari) e a ética do encontro (quando Guattari é lembrado por seu questionamento acerca da possibilidade de produção de novos agenciamentos de singularização). Outra importante citação ocorre no nono capítulo, no qual Gonçalves Boggio (1999) discute a questão da dimensão temporal no trabalho clínico e cita os pontos de atenção na condução do processo terapêutico, aspectos inspirados, como afirma explicitamente, nos aportes da teoria de Deleuze e Guattari. Os alvos mencionados - a saber, o caminho que o paciente deseja tomar, como o desejo pode ser produzido, que problemas e perigos pode encontrar com os novos passos - denotam a liberdade com que o autor vale-se das proposições de Reich, Deleuze e Guattari, aplicando-as nas técnicas de atendimento psicoterápico. Nota-se outros exemplos em que proposições reichianas e da esquizoanálise inspiram e justificam um olhar sobre a prática clínica, como na reflexão sobre o corpo em que se utilizam os conceitos de “corpo sem órgãos” de Deleuze e Guattari e “dobra” de Deleuze e Foucault. Ainda nesse capítulo, Gonçalves Boggio (1999) refere-se a uma afirmação de Deleuze sobre as velocidades e a excessiva estimulação da “cultura fast”, sem no entanto explicitar a fonte exata de tal idéia. Em outros momentos, menciona a obra sem detalhar as páginas consultadas.

Parece-nos lícito concluir que, em razão de tratar-se de texto sustentado pela prática profissional e destinado a terapeutas corporais, os temas e técnicas da clínica prevalecem em relação à preocupação conceitual ou acadêmica. Observa-se assim certo desprendimento às regras científicas de publicação e uma liberdade na transposição de formulações dos autores pesquisados. Para o intuito de nossa pesquisa, importa assinalar que a proposta de Gonçalves Boggio não só recebe claramente a influência de Reich, Deleuze e Guattari, como também articula suas formulações de maneira a buscar novas abordagens para a clínica psicoterápica corporal de base reichiana.

Matrajt (2002) realiza um estudo intitulado “Subjetividad, trabajo e institución” em que analisa as relações entre subjetividade e trabalho. Retoma, desde o final da década de 1960, o

histórico e os pressupostos que nortearam a atuação dos primeiros profissionais que se dedicaram à psicologia do trabalho. Segue sua análise avaliando diferentes abordagens, como a neuropsicologia aplicada ao trabalho, a corrente do “stress”, a psicanálise tradicional, as “outras psicanálises”, a fenomenologia, a psicodinâmica do trabalho e sua própria teoria, sempre sob a perspectiva do trabalho. Realiza uma comparação sistemática de suas matrizes a partir da ótica epistemológica, dos fatores que levam em conta, dos resultados almejados e da estratégia para obtenção de dados de investigação. Considera também a relação estabelecida com outras ciências, o objeto de estudo, a amplitude do campo de atuação (individual, pequenos grupos, grandes organizações etc) e da prática profissional. A menção a Reich, Deleuze e Guattari realiza-se quando expõe o que chama de “outras psicanálises”. Afirma que se caracterizam por traçar a constituição do psiquismo como um efeito da produção social, pela recusa em conceber pontos de partida e chegada para o desenvolvimento humano e pela proximidade com outras áreas do conhecimento. A tomada de consciência do papel social do psicanalista faria parte da mudança de posicionamento em relação à psicanálise tradicional. E refere-se a Reich como o marco fundamental de tal perspectiva:

[...] comienza com W. Reich y su concepto (solo enunciado, casi no desarrollado) que existe producción social de deseo. Concepto tan revolucionario, que no pudo ser entendido em toda su magnitud, ni siquiera por su mismo creador. Reich prefiere centrarse em outra idea, igualmente revolucionaria, pero menos afortunada teoricamente: el isomorfismo entre la represión psíquica y la social. (MATRAJT, 2002)¹⁶.

Menciona outros teóricos até chegar em Deleuze e Guattari, que seriam o cume desse percurso, em razão de sua produção teórica e da crítica contundente a todos os conhecimentos psicológicos e sociais. Matrajt (2002) continua seu levantamento e revela novas práticas e proposições para a discussão acerca do trabalho e da subjetividade. Para nosso foco de pesquisa, consideramos relevante destacar que o autor compreende o enfoque reichiano e esquizoanalítico como participantes de um mesmo movimento de mudanças que originou as

¹⁶ O texto foi obtido via Internet e não apresenta paginação.

“outras psicanálises”, bastante distintas do que considera o movimento psicanalítico tradicional. Pode causar certo estranhamento o fato de Reich, Deleuze e Guattari terem sido incluídos por Matrajt como integrantes da psicanálise, ainda que mencione sua participação fundamental, junto com outros autores, na construção de novas vertentes psicanalíticas. Possivelmente, a aproximação foi realizada porque o pesquisador, com o objetivo de discutir o tema do trabalho e da construção de subjetividades, resume e compara correntes diversas da psicologia e do pensamento (neuropsicologia, fenomenologia, psicanálise etc). Fundamenta essa nossa hipótese, seu pedido de desculpas ao final do artigo, em razão de ter sintetizado teorias que possuem variadas abordagens ou posições internas.

Na linha da interlocução entre diferentes pensadores, Weinmann (2002) discute a crítica dos fundadores da esquizoanálise à teoria psicanalítica do complexo de Édipo. Com o artigo “Reflexões sobre a crítica de Deleuze e Guattari à teoria do complexo de Édipo”, compara as formulações desses pensadores com aquelas propostas por Freud, Lacan, Melanie Klein e Reich. Com base na produção teórica dos psicanalistas mencionados, o autor problematiza e contrapõe as críticas de Deleuze e Guattari. Para o intuito da nossa dissertação, daremos ênfase à articulação realizada entre as idéias da esquizoanálise e aquelas levantadas por Wilhelm Reich no que tange ao tema do mito edípico. Weinmann (2002) parte da crítica de Deleuze e Guattari à psicanálise por encerrar no eixo familiar edípico as descobertas plurais do inconsciente. Explicita também que a esquizoanálise denuncia a ligação entre a psicanálise e as forças sociais dominantes: “Ao relacionar o sofrimento psíquico a um 'complexo parental', envolvido em culpa e em autopunição, a psicanálise incorporar-se-ia ao projeto burguês, que mantém o desejo aprisionado no triângulo *papai, mamãe e eu.*” (WEINMANN, 2002, p. 32; itálicos originais). Aponta algumas convergências e discordâncias entre Deleuze, Guattari e Reich. Esses autores atribuem a origem do complexo edípico a uma determinação sócio-cultural, e não o compreendem portanto como uma característica universal, inerente a todos os seres humanos.

Além disso, segundo o pesquisador, confrontam o movimento psicanalítico por tentar “reduzir a sexualidade humana a sua dimensão edípica” (WEINMANN, 2002, p. 33). Por outro lado, afirma que Reich, diferentemente de Deleuze e Guattari, concebe o aspecto fundante do Édipo na constituição da subjetividade humana, cuja superação se manifesta na formação do caráter. É neste ponto que Weinmann questiona a idéia esquizoanalítica de que não haveria filiação alguma no inconsciente e que o sujeito estaria livre de modelos, recorrendo à psicanálise para rebater tais argumentos. Contudo, sobre esse aspecto, o estudo de Corrêa (2006) pode auxiliar-nos:

Deleuze não nega que haja sexualidade edípica, mas a distingue em um tipo de operação da ordem dos objetos globais e egos específicos. Esta operação provoca a ilusão de que toda a produção desejante está submetida a leis transcendentais e, mesmo que iniciada por etapas pré-edípicas, se orientará para uma organização futura regida por Édipo. É uma espécie de antecipação operada pelo eixo edípico. (p. 11).

Concordamos com a compreensão de Corrêa (2006) de que, de acordo com Deleuze e Guattari, não se trata de sustentar a ausência de referências nos seres humanos, mas de localizá-las em relação a outros agentes coletivos e afirmar sua multiplicidade. É a sobredefinição das demais alternativas de subjetivação o foco do desacordo da esquizoanálise em relação à proposição freudiana do complexo parental, como assinala Donato (2004). Em suas palavras,

Pensamos que nunca é demais lembrarmos que Deleuze coloca Freud como um dos pensadores que compõem os novos aparelhos de poder no pensamento, e isto se dá por compreender que ele auxilia na formação de “um” tipo de subjetivação dominante, a saber a subjetivação pautada no Complexo de Édipo-Castração, de um modo de produção do sujeito psíquico que se impõe aos outros modos. (DONATO, 2004, p. 94).

Logo, explica Donato (2004), Deleuze e Guattari dedicam-se justamente à “construção de um espaço alternativo de pensar” (p. 94), que possa abrir múltiplas possibilidades de existência, não necessariamente referendadas pelo modelo edípico familiar. Consideramos necessária a convocação dessas pesquisas para sublinhar nossa apreciação acerca do debate instigado por Weinmann (2002). Todavia, novas investigações poderão aprofundar ainda mais a discussão,

que não será ampliada neste estudo em razão dos motivos já explicitados.

Em 2005 Weinmann investiga as noções de “Desejo e prazer em Reich, Foucault, Deleuze e Guattari”. Aborda inicialmente a teoria psicanalítica do desejo para dar ênfase em seguida à importância do "prazer orgástico" postulado por Reich, visto que não encontra em sua obra uma produção teórica sobre o desejo¹⁷. Temos um primeiro enlace de noções reichianas com o pensamento de Deleuze e Guattari já no momento em que, inspirado por esses autores, define potência orgástica como “usina de prazer, situada para além dos muros do triângulo familiar burguês: papai, mamãe e eu” (p. 76). Em seguida o pesquisador conduz o leitor à pesquisa de Foucault, que versa sobre a genealogia do sujeito desejante, influenciada historicamente pelo cristianismo e pela psicanálise. Acrescenta a visão da esquizoanálise, que critica a compreensão do desejo referido à falta e que propõe a idéia de "máquinas desejantes", no intuito de ressaltar a intensidade produtiva e criativa do desejo. A tese defendida por Weinmann (2005) é a de que os pensadores citados convergem na promoção de uma abertura na linha subjetivante das nossas culturas. Estaríamos, desde o cristianismo, remetidos em nossa subjetividade desejante à lei e à falta e os autores em questão contribuem, aos olhos de Weinmann (2005), para a instauração de uma resistência a esse destino. Ressalta, porém, que as proposições apresentadas acerca do desejo (ou do prazer, no caso reichiano) diferenciam-se sobremaneira e seu artigo procura explicitá-las.

Observamos uma nova aliança entre Reich e os criadores da esquizoanálise quando Weinmann (2005) cita a exaltação de Deleuze e Guattari à descoberta reichiana de que as massas alemãs desejaram o fascismo, tendo o cuidado de marcar o exato ponto em que o tema é celebrado no livro *O Anti-Édipo*. Ao concluir o texto, especificamente no tópico “Desejo ou prazer”, aborda novamente o tema do prazer orgástico. Desta vez, mostra que na perspectiva deleuziana haveria uma reterritorialização na idéia de “prazer-descarga”, possivelmente

¹⁷ A associação entre desejo e prazer é realizada pelo autor e aqui optamos por não debatê-la.

referindo-se à tese de Reich. Aponta o culto ao prazer como uma ordenação do desejo, principalmente quando se almeja o conforto da descarga. Percebe-se, nesse trabalho, uma peculiar apreciação sobre um fundamento reichiano, o prazer orgástico, a partir do enfoque da esquizoanálise, de modo a ativar a complexidade do tema tratado. Em determinado aspecto tem-se uma aproximação – especificamente quando é ressaltada a “entrega aos fluxos intensivos, que lançam um sujeito na experiência vertiginosa da dissolução das fronteiras entre si próprio, o outro e o cosmos” (WEINMANN, 2005, p. 85). Já em outra medida, o autor observa certo desacordo de Deleuze em relação ao princípio proposto por Reich — a normatização do desejo quando se privilegia a descarga obtida no prazer. Compreendemos que os pontos de vista apresentados contribuem para a interlocução entre as teorizações de Reich e da esquizoanálise pois, a partir de uma mesma proposição, a correlação conceitual é analisada de ângulos diversos.

Orlandi (2006) buscou destacar na obra *O Anti-Édipo* as citações de Deleuze e Guattari (1972a/1976) sobre Reich, no intuito de salientá-las com relação à problemática sobre o desejo, apresentada no que viria a ser o livro inaugural da esquizoanálise; por isso seu trabalho denomina-se “Reich em *O Anti-Édipo*”. Indica o exato ponto em que cada alusão a Reich é realizada no texto e procura enredá-las, tanto na denúncia de que o desejo teria sido conjurado ao edipianismo ou familismo pela psicanálise, quanto na proposição da liberação dos fluxos desejantes. Revela que a relação de Deleuze e Guattari com a obra de Reich é motivada pela alegre celebração da vida e de sua potência. A nosso ver, esse artigo, que retrata as menções à Reich na obra de Deleuze e Guattari, trouxe um esclarecimento marcante aos reichianos que tentavam conhecer o enfoque da esquizoanálise. Veio explicitar a potencialização das idéias de Reich pela esquizoanálise e revigorar tal interface.

Também com base no livro *O Anti-Édipo*, Oliveira, V. R. (2007) investiga a relação de Deleuze e Guattari com postulados reichianos. Em “Psiquiatria materialista de Deleuze,

Guattari e Reich” apresenta uma síntese de algumas das principais formulações do livro que marca o início da esquizoanálise e destaca algumas em que se verifica uma referência a Reich. A diferença desse trabalho, se comparado ao de Orlandi (2006), situa-se em seu propósito de explicitar em que medida o conceito de inconsciente delineado por Deleuze e Guattari¹⁸ baseia-se em formulações reichianas, sem deixar de apontar que o enfoque esquizoanalítico origina-se também a partir do referencial de outros pensadores, além de idéias desenvolvidas por seus próprios criadores. Para cumprir seu objetivo, Oliveira, V. R. (2007) elege dois princípios que norteiam a definição de inconsciente em Deleuze e Guattari, a concepção de desejo ligado ao campo social e a oposição à idéia freudiana de universalidade do complexo de Édipo e os correlaciona à abordagem de Reich. A pesquisadora aborda a teoria do desejo presente em *O Anti-Édipo* e explicita noções caras a Deleuze e Guattari, como a coexistência do desejo e do campo social, as máquinas sociais e as máquinas desejanças (incluindo seus respectivos regimes de funcionamento), os tipos de síntese operadas pelo inconsciente e os pólos do delírio em que circula. Assinala o apontamento de Deleuze e Guattari sobre os estudos de Reich que mostraram o fascismo como desejo do povo alemão, ou seja, resultado da confluência da produção do desejo com o social. No tópico voltado à discussão sobre a universalidade do complexo de Édipo, novamente alia Deleuze e Guattari a Reich, no sentido de compreenderem o triângulo familiar como efeito de um processo histórico-social, portanto sem compreendê-lo como regente do funcionamento desejoso de todos os seres humanos. Ao longo do texto, descreve também o desacordo a concepções de Reich por parte de Deleuze e Guattari, sem, no entanto, posicionar-se em relação a elas. Por outro lado, estabelece algumas ligações pouco mencionadas, até onde temos conhecimento, quando se trata de pesquisas acerca do diálogo entre o pensamento dos autores em questão. A esse exemplo, temos que, na organomia, “o autor [Reich] trabalha os aspectos socioeconômicos como correlacionados à

¹⁸ O texto de Oliveira, V. R. (2007) faz parte de livro organizado por Cardoso Júnior (2007, citado por Oliveira, V. R., 2007) voltado ao estudo da temática do inconsciente na obra de Deleuze e Guattari.

vida sexual, não separa a libido da economia mas prova que a libido se diversifica” (OLIVEIRA, V. R., 2007. p. 123). Tal compreensão da sexualidade estaria em consonância com a tese da esquizoanálise de que as esferas sexual, política e econômica constituem “processos maquímicos” e não instâncias separadas da vida e comprovariam a transdisciplinaridade ou o “caráter múltiplo” (p. 128) do enfoque de Reich. Cabe mencionar igualmente as pesquisas reichianas que demonstram a existência de fenômenos mecânicos e elétricos na excitação sexual e na sensação de prazer, o que, na visão da autora, prova empiricamente a manifestação conjunta dos pólos molar e molecular de investimento do inconsciente, como postulam Deleuze e Guattari. Além de demonstrar as teses reichianas utilizadas na noção de inconsciente desses pensadores, Oliveira, V. R. (2007) oferece uma síntese importante de asserções da esquizoanálise encontradas em *O Anti-Édipo*.

De maneira geral, observamos, em parte desses trabalhos, uma referência a Reich e à esquizoanálise sem acarretar numa acurada interlocução entre suas idéias. Em alguns deles são utilizadas formulações advindas da esquizoanálise para tratar de temas específicos da clínica e/ou da prática reichiana. É como se as idéias de Deleuze e Guattari fornecessem um auxílio para compreender temas contemporâneos pontuais, não abordados diretamente por Reich. Em outros, a concepção reichiana e a da esquizoanálise servem como inspiração. Há ainda aqueles que articulam o pensamento de Reich, Deleuze e Guattari em breves referências, sem no entanto dedicar-se a aprofundar esse debate. Identificamos tal movimento nos trabalhos de Baremlitt (1995 e 1997), Barreto (2007), Briganti (1995), Calderón Gómez (2006), Fuganti (2001), Garrido Fernández (2007), Lans (s.d.), Rudge (1998) e Soares (2003 e 2006).

Verifica-se, além disso, publicações do meio reichiano que vão promover uma discussão claramente conceitual a partir da esquizoanálise, seja para apontar as limitações do pensamento de Reich, ou para retomar o alcance e valor de suas proposições. Do mesmo modo, observamos textos baseados na esquizoanálise em que são tomadas proposições reichianas.

Trata-se dos casos de Blank (1997), Câmara (1998, 1999, 2006a e 2006b), Dadoun (1975/1991), Gonçalves Boggio (1999), Matrajt (2002), Oliveira, V. R. (2007), Orlandi (2006), Rudge (1997) e Weinmann (2002 e 2005).

Cabe ressaltar, porém, que todas essas obras mostram um movimento contundente de debate e aliança entre investigadores dos campos reichiano e esquizoanalítico que teve início, segundo nosso estudo, em 1975 e foi ampliado sobremaneira a partir de 1995. Tal movimento extrapola o cenário brasileiro, dadas as presenças de produções realizadas por estudiosos de outros países, como Argentina (Baremlitt; Lans), Espanha (Calderón Gómez; Garrido Fernández), França (Dadoun), México (Matrajt) e Uruguai (Gonçalves Boggio). Tal diálogo soma-se a uma discussão caracterizada, no meio reichiano, pela contraposição da obra de Reich à psicanálise¹⁹.

Finalmente salientamos que nossa pesquisa situa-se entre aquelas que almejam contribuir para o estudo teórico, especificamente voltado ao tema do pensamento crítico e tendo em vista o desenvolvimento humano. Objetivamos tomar fundamentos reichianos segundo a perspectiva da esquizoanálise, no intuito de enredá-los e renovar sua eficácia em relação a questões presentes na contemporaneidade.

Em relação aos trabalhos que se referem à obra de Reich, vale ainda uma última observação. Chamou-nos a atenção o fato de que boa parte deles não menciona a existência de um processo de elaboração e reelaboração de conceitos e posturas na trajetória reichiana. Sem dar ênfase ao decurso de transformações, fazem com que idéias defendidas por Reich em determinada época pareçam, erroneamente, comuns a todo o seu percurso. Alguns desses trabalhos limitam-se a mencionar a obra estudada, sem, no entanto, localizá-la no panorama da produção reichiana. Sobre isso, ainda que os textos destinem-se a um público conhecedor dos caminhos trilhados por Reich, compreendemos que a explicitação do cenário e dos diferentes

¹⁹ Rego (2005, p. XXIV) menciona os estudiosos que produziram dissertações, teses e artigos com o intento de discutir a relação entre Reich e a psicanálise.

momentos de sua produção tornam-se necessários a fim de que se amplie o entendimento em seu favor.

3 O PENSAMENTO CRÍTICO EM REICH E NA ESQUIZOANÁLISE

Relatamos, no capítulo inicial, produções teóricas que articulam o diálogo entre as obras de Reich e as de Deleuze e Guattari, além de uma breve apresentação desses autores. Demonstramos que parte dessas pesquisas permeia, de modo indireto, formulações reichianas e da esquizoanálise. Já o outro segmento desses trabalhos destina-se explicitamente ao debate teórico de idéias de Reich, Deleuze e Guattari. Procuramos localizar nossa investigação no segundo grupo e explicamos que nosso foco recairá sobre a temática do pensamento crítico.

Nesse sentido, mostraremos que a contestação e o inconformismo presentes no pensamento reichiano e esquizoanalítico estenderam-se a intervenções de ordem prática, notadamente político-social, por parte dos autores pesquisados.

Dedicaremos o presente capítulo a tal discussão, aliada à apresentação da rede conceitual que os aproxima ou distancia.

3.1 O pensamento crítico

Explicitaremos, em linhas gerais, os aspectos que compreendemos caracterizar o pensamento crítico de Reich, Deleuze e Guattari. No caso da produção reichiana, buscaremos mostrar, a partir de textos variados e de épocas distintas, algumas nuances do assunto em pauta. Igualmente mencionaremos pesquisas de comentadores de sua obra. Já em relação a Deleuze e Guattari, preferimos dar ênfase a certas proposições que parecem-nos exemplificar a presença de uma produção combativa.

Pode-se afirmar que Reich, no período de formação em Medicina, portanto de 1918 a 1922, envolvia-se intensamente com os temas a que se debruçava, como era de seu feitio. Os autores que lia, os debates dos quais participava e as idéias que lhe inquietavam revelavam uma calorosa dedicação. Em relação a essa época, ao refletir sobre o tema da crítica, escreve:

Durante os anos de estudante insurgi-me contra as melhores cabeças de Viena. E sempre acontecia-me seguir um caminho que me era alheio, até que os avisos de minha resistência interior se tornavam fortes demais e eu me libertava. Com base nesse comportamento, fui mais tarde acusado de não ser confiável. Só hoje sei que, intuitivamente, estava no caminho certo. Por chegar a conhecer tudo com exatidão e ao mesmo tempo manter minha autodeterminação, aprendi a exercitar a crítica *construtiva*. [...] Não que eu quisesse tornar-me um “crítico objetivamente correto”. Ao contrário, entreguei-me a impressões de modo nem um pouco crítico. E também não fiz isso para tornar-me um estudante especialmente bom. Cada assunto que me envolvi consumiu-me completamente. Isso me causava muito sofrimento, mas não gostaria de tê-lo deixado passar. Foi a minha maior força. (REICH, 1996, p. 81; itálico original).

Essa “força” a que Reich se refere, parece-nos exatamente sua capacidade de deixar-se afetar pelo que estudava e pelo que vivenciava, o que futuramente faria dele não apenas um teórico, mas um ativo trabalhador em prol da vida humana. Pode-se notar, nesse comentário, o vigor de seu envolvimento e a atitude combativa, que mais tarde seriam expressos em conceitos de sua teorização e em suas propostas clínicas e de intervenção social. Afligia-o presenciar o contraste entre o que aprendia e o cotidiano das pessoas, observado principalmente na aspereza de certo discurso político e na moral sexual da época. Seu olhar voltava-se para a distância que separava os debates no movimento comunista e a atitude de alguns participantes, alheios à situação da população pobre, oposição denominada por ele de “jargão comunista e realidade egoísta” (REICH, 1996, p. 165). Com toda a impetuosidade de sua juventude, Reich clamava, ainda que secretamente, em seu diário, pela coerência por parte de seus colegas revolucionários: “E eu lhe direi sem rodeios que a sua lamentação pela ‘injustiça’ do mundo não me impressiona; ignoro-a completamente, pois é falsa, uma mentira, se não for acompanhada por ação e decisão” (1996, p. 166). Da mesma forma, não se conformava com a cultura sexual repressiva e observava nos relacionamentos as consequências dessa moral; donde o tema da sexualidade

humana viria a ter significativo lugar em sua obra.

A essas experiências, cabe somar sua atuação como combatente do exército austro-húngaro na Primeira Guerra Mundial, portanto, anterior à sua formação médica. Reich vivenciou a impessoalidade da guerra e a comparou a uma máquina, pois “[...] uma vez posta em ação, trabalha insensatamente de acordo com suas próprias regras” (1996, p. 68-69). Assombrava-o perceber que o avanço dessa máquina de guerra mantinha-se graças à obediência dos soldados, à truculência dos oficiais e à passividade das massas. Por outro lado, Reich experimentou também a solidariedade humana nas trincheiras e participou dos inúmeros acontecimentos corriqueiros e pouco divulgados nessas batalhas, como por exemplo, certo relaxamento na disciplina militar e a simpatia pelos prisioneiros.

Com isso queremos destacar seu intenso envolvimento nas mais diversas situações. Em todos esses eventos é possível verificar em Reich uma ética ligada à vida: sua atenção direcionava-se para as condições da existência humana. Ainda que nesse período preambular predominassem as constatações e indagações, Reich não se furtava a deixar-se afetar e a examinar criticamente o que se passava.

Após a conclusão do curso de Medicina observa-se maior participação na instituição psicanalítica e em associações político-sociais, tornando-se mais evidente sua conduta combativa. Ao conhecer e experimentar a proposta da psicanálise, Reich manteve uma atitude de posicionamento claro e de contestação das noções das quais discordava. Vejamos, por exemplo, sua reflexão a respeito desse momento inicial em que se defronta com a proposição freudiana do funcionamento psicológico das massas:

As afirmações de Freud estavam corretas. A identificação servil com o líder podia ser diretamente observada, assim como também a perda do ego individual e o efeito de uma idéia abstrata. Mas... eu não estava satisfeito ainda. Tais explicações eternizavam os fatos e ancorava-os em leis biológicas. [...] Por conseguinte, não poderia haver possibilidade de mudança. (REICH, 1953/1976, p. 28).

Nessa passagem, apresenta-se, ainda que numa consideração “a posteriori” sobre aquela

oportunidade, a inquietação de Reich, quando não possuía uma proposta capaz de fazer face ao ponto de vista de Freud. Mesmo assim, não estava convencido, principalmente em razão das consequências daquela idéia freudiana: impediria a crença em recursos de transformação.

Ao focalizarmos a trajetória de Reich na psicanálise, verificamos que ele, além de questionar pressupostos freudianos, realizava estudos com o intuito de oferecer alternativas inovadoras, como por exemplo, em seu trabalho acerca da técnica terapêutica²⁰. Tais pesquisas acarretaram no desenvolvimento de conceitos próprios, que fortaleceram a oposição de Reich a teses freudianas. Nas palavras de Reich,

As bases para minha separação com Freud foram também lançadas durante este período em conexão com a formulação das descobertas sexo-econômicas mais importantes, inclusive a “análise do caráter” (sob a forma de vários artigos clínicos), e a clarificação da questão do masoquismo, com que fui capaz de refutar sua teoria do instinto de morte. Até aquela época, eu me opusera a ela sem uma contra-teoria. (1953/1976, p. 73).

Embora seja tentador retomar e seguir as discussões que tratam dos embates de Reich com a psicanálise freudiana e que culminaram em sua expulsão da instituição psicanalítica, por ora preferimos destacar somente os aspectos que conduzam em favor do argumento sobre sua militância.

Nessa linha, além da contestação frontal a formulações, pressupostos e limites da atuação psicanalítica no próprio seio da associação, Reich manifestava uma forte preocupação de cunho social. O contato com as dificuldades econômicas enfrentadas pela população pobre da cidade teria reforçado sua apreensão frente à situação das massas. Além de perceber as limitações do trabalho clínico em consultório individual para o atendimento da população, Reich começou a participar de propostas de intervenção política, ligadas de alguma forma a instituições partidárias. No final da década de 1920 inaugurou, em parceria com outros profissionais e futuramente aliada ao Partido Comunista Austríaco, a Associação Socialista

²⁰ Para mais informações sobre a participação de Reich nas pesquisas relacionadas ao desenvolvimento da técnica analítica, ver, por exemplo, o capítulo “V - O desenvolvimento da técnica de análise do caráter” (p. 107-165) do livro *A função do orgasmo* (REICH, 1942/1995).

para Consulta e Investigação Sexual, destinada a atender e a prestar informações sobre sexualidade à comunidade pobre de Viena. A participação política de Reich incomodou profundamente a instituição psicanalítica que, neste campo, procurava adotar uma atitude neutra. Posteriormente, ao reavaliar as dificuldades encontradas ante a ascensão do nazismo, afirma: “Poderia ter me retirado da política como muitos fizeram, mas os crimes cometidos em toda parte contra crianças e adolescentes me refrearam e tornaram impossível qualquer outro caminho” (REICH, 1953/1976, p. 174). E foram justamente sua inquietação social e principalmente seu envolvimento político, os fatores que contribuíram para o afastamento do modelo proposto por Freud e seus seguidores, como mostra Wagner (1996):

Na verdade, Reich foi expulso do movimento psicanalítico por representar uma ameaça à sobrevivência do próprio movimento, menos por seus questionamentos à ciência psicanalítica, e mais, muito mais, por suas posições radicais em favor dos princípios sexuais das teorias de Freud e das relações destas com a vida política e social: relações estas que atraíam os olhares coléricos do movimento nacional-socialista alemão. (p. 43-44).

No período de 1930 a 1933, Reich consolidou seu envolvimento em associações voltadas a transformações político-sociais. Dedicou-se a conhecer e participar de movimentos voltados à educação sexual da população, mas entendia que era preciso politizá-los, ampliar a sua visão sociopolítica. Em 1931 funda a Sexpol, Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária, tendo em vista promover a articulação revolucionária entre as esferas psicosexual e econômica. Vinculada ao Partido Comunista alemão, destinava-se a congregar as organizações que cuidavam do tema da higiene sexual no país. Nessa época, várias publicações são elaboradas por Reich em que trata do movimento de política sexual e também em que critica frontalmente concepções psicanalíticas. Sua trajetória junto ao Partido Comunista Alemão ilustra a militância política reichiana e seu trabalho em atividades em prol do desenvolvimento humano, aspecto fundamental na defesa de sua visão e atuação críticas, apesar de não ser nosso

propósito aprofundar o tema²¹. Para o tratamento dos temas e das questões que aqui serão propostas basta, talvez, a indicação de duas críticas de Reich aos movimentos partidários (Reich, 1953/1976). A primeira, e principal, dizia respeito ao distanciamento dos líderes com o movimento popular, à medida que tinham pouco contato ou em alguns casos desconheciam a realidade das massas. Em segundo lugar temos seu desacordo às discussões estereis nessas organizações, quando esperava pensamentos vivos, ligados à existência dos envolvidos. Reconhece, por outro lado, o aprendizado em sua passagem tanto no movimento marxista quanto na instituição psicanalítica quanto declara que:

A incorporação da sexo-economia aos movimentos psicanalítico e marxista tinha sido um primeiro passo importante. No entanto, entre 1934 e 1938, o segundo, e mais decisivo passo foi dado, a saber, a completa dissolução das ligações com ambos os movimentos. Isso resultou em um novo conceito de relacionamento entre povo e estado. Incluiu os melhores elementos dos dois movimentos matrizes e também introduziu uma visão adicional que continha a solução para o problema do Fascismo. (REICH, 1953/1976, p. 119).

A partir do rompimento com esses movimentos, Reich dirige-se estritamente ao desenvolvimento de seu próprio referencial. Mantém projetos de cunho pragmático, sem o engajamento político-partidário de outrora; desenvolve pesquisas com vistas a “encontrar uma prova experimental da exatidão da fórmula do orgasmo” (REICH, 1942/1995, p. 304). Suas investigações conduzem-no à descoberta da energia do orgônio, assim como suas manifestações “no solo, na atmosfera e nos organismos vegetais e animais” (REICH, op. cit., p. 316). Além dos trabalhos experimentais em torno do orgone, Reich, nos últimos anos de sua vida, volta seus investimentos para a educação infantil, bem como para o treinamento de pais e educadores.

Podemos concluir que a crítica reichiana esteve continuamente permeada por intervenções, propostas de cunho prático, experimentações e não deve ser circunscrita a uma produção exclusivamente intelectual. Com efeito, o próprio Reich assevera que “[...] para

²¹ Sua experiência em associações políticas foi amplamente detalhada pelo próprio Reich no livro *Pessoas em dificuldade* (1953/1976).

suplementar uma expressão de Marx, o importante não é apenas observar o mundo, mas ‘mudá-lo’ também!”, (1953/1976, p. 34). Para além dos aspectos evidenciados nos escritos de Reich, ao tratar sobre a ligação entre sua vida e a obra, Albertini mostra que seu pensamento e o desenvolvimento de sua teoria “ligaram-se sempre a projetos concretos do cotidiano da vida social” (1994, p. 94). A mesma idéia foi posteriormente defendida por Ramalho (2001, p. 36), ao argumentar que o projeto de Reich caracterizou-se pela “crítica da ordem social, em seu caráter de agenciadora do sofrimento humano”.

Apresentados os argumentos na direção do posicionamento combativo de Reich, convém levantar um aspecto peculiar de seu pensamento que pode anunciar uma diferença importante em relação ao referencial da esquizoanálise. Trata-se da compreensão da superioridade da perspectiva científica em relação às demais. Foi no seio da ciência natural e baseando-se em métodos científicos que Reich buscou respostas para suas reflexões acerca da existência humana. Suas indagações e propostas pragmáticas fundamentam-se nessa esfera e revelam um processo que culminou no desenvolvimento e proposição de sua própria teoria. Para ilustrar o estatuto outorgado por Reich à ciência, temos sua asserção de que uma das metas da “economia sexual” consistiria em “estabelecer a ciência e a descoberta científica como o único princípio válido na direção da sociedade” (REICH, 1953/1976, p. 234). A esse respeito, uma outra passagem parece-nos ainda mais contundente: “Transformar radicalmente o mundo requer honestidade, coragem, uma abordagem científica e previsão [...]” (REICH, 1953/1976, p. 34). Tais expressões são indicativas de que, para Reich, a ciência representa a grande saída possível em busca do desenvolvimento humano. Apreende-se aqui algo que pode significar uma distinção em relação à perspectiva esquizoanalítica. Passemos à compreensão da temática do pensamento crítico em Deleuze e Guattari para posteriormente retomarmos a questão acerca do enfoque científico²².

²² Ver item “3.2.3 – Propostas pragmáticas” no qual ampliaremos a abordagem desse assunto.

Tendo em vista a dimensão crítica, julgamos relevante, além de lembrar que Deleuze e Guattari tiveram um ativo percurso político-social, retomar as tarefas fundamentais da esquizoanálise. A primeira delas, a tarefa negativa, consiste na denúncia a modelos e enunciados destinados a sobrecodificar a vida humana e em sua “limpeza” ou destruição. Segundo Deleuze e Guattari (1972b/s.d.),

Na sua tarefa de destruição, a esquizo-análise deve actuar o mais depressa possível, mas também com uma grande paciência, com uma grande prudência, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações representativas porque passa um sujeito em sua história individual. Porque há várias camadas, diversos planos de resistência, vindos de dentro ou impostos de fora. (p. 255).

Notamos, portanto, nessa primeira tarefa, um duplo movimento, o de contestação e de destruição de um regime de pensamento, aquele que tenta formatar expressivamente o inconsciente desejoso. A pragmática esquizoanalítica faz-se presente já nessa empreitada.

À tarefa negativa, sucedem-se duas tarefas positivas, inseparáveis e simultâneas à primeira, e abrem a perspectiva da construção ou produção de uma alternativa ao modelo de pensamento em questão. Vejamos do que trata a primeira tarefa positiva:

Mas a tarefa negativa ou destrutiva da esquizo-análise é inseparável de suas tarefas positivas (todas são levadas necessariamente ao mesmo tempo). A primeira tarefa positiva consiste em descobrir num sujeito a natureza, a formação ou o funcionamento de *suas* máquinas desejantes, independente de qualquer interpretação. (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 408-409; itálico original).

Então Deleuze e Guattari seguem explicando que o trabalho do esquizoanalista é análogo ao de um mecânico, à medida que busca o aspecto funcional das máquinas desejantes: do que são formadas, o que é inserido ou tirado delas, como funcionam, qual a sua natureza. Longe de reunir e aprisionar as máquinas desejantes num concepção que as represente, num “conjunto molar²³ unificado e identificado” (DELEUZE; GUATTARI, op. cit, p. 410), asseveram que só é possível captá-las em seu regime de dispersão molecular, ou em agenciamentos tais que não predominem identidades imaginárias ou unidades estruturais, que seriam da ordem da

interpretação. As peças das máquinas desejanter, seus objetos parciais, seus elementos, emitem fluxos e campos de presença múltiplos que permitem associações as mais diversas, mesmo na ausência de laços anteriores. Estariam dispostas em condições de dispersão tais que formariam as máquinas e os agenciamentos das máquinas, que o esquizoanalista deveria se ocupar.

Dada a descoberta das máquinas desejanter, caracteriza a segunda tarefa positiva da esquizoanálise a retomada de seu funcionamento, o que implica novamente numa proposta de cunho pragmático, enunciada em quatro teses, as quais, pelo fato de ultrapassarem a proposta deste trabalho, não detalharemos aqui. Vemos que essa leitura de mundo ou saber destina-se a instrumentar a vida, as formações subjetivas e a micropolítica, numa crença entusiasta na potência de criação e de resistência a modos de vida dominantes.

Mas, é na definição da esquizoanálise proposta por seus fundadores em *O Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976), que encontramos uma referência clara à sua “missão”:

Apenas, que o sentido não seja nada senão o uso, só se torna um princípio firme se dispomos de *critérios imanentes*, capazes de determinar os usos legítimos, em oposição aos usos ilegítimos, que remetem, ao contrário, o uso a um sentido suposto e restauram uma espécie de transcendência. A análise dita transcendental é precisamente a determinação desses critérios, imanentes ao campo do inconsciente, enquanto eles *se opõem* aos exercícios transcendentais de um ‘o que isso quer dizer?’. A esquizo-análise é ao mesmo tempo uma análise transcendental e materialista. Ela é crítica, no sentido em que efetua a crítica de Édipo, ou leva Édipo até o ponto de sua própria autocrítica. Ela se propõe a explorar um inconsciente transcendental, em vez de metafísico; material, em vez de ideológico; esquizofrênico, em vez de edipiano; não figurativo, em vez de imaginário; real, em vez de simbólico; maquinístico, em vez de estrutural; molecular, microfísico e micrológico, em vez de molar ou gregário; produtivo, em vez de expressivo. Trata-se aqui de princípios práticos como direções de “cura”. (p. 143; itálicos e uso de aspas originais).

Ora, temos aqui um movimento de inconformismo e de combate cultural análogo ao reichiano, e que, pode também guardar relações com a sua proposta de intervenção e de sugestão de saídas pragmáticas para a vida humana. Tal afirmação tem como horizonte o nosso argumento em favor da visão crítica de Reich e de Deleuze e Guattari.

Neste ponto convém trazer à pauta a noção deleuziana de combate. O conceito foi

²³ Explicitaremos as noções de “molar” e “molecular” propostas por Deleuze e Guattari no tópico “3.2.3 –

proposto por Deleuze (1993/1997) como “a maneira de acabar de vez com deus e com o juízo” (p. 152). Explica o autor como foi sendo construída uma doutrina do juízo em nossa sociedade, desde a tragédia grega à filosofia moderna e vale-se de pensadores que teriam provocado alguma ruptura com a tradição do juízo, como Espinosa e os seguidores nessa empreitada, Nietzsche, Lawrence, Kafka e Artaud. Descreve certas características desse sistema de julgamento, entre elas, a instauração da submissão do devedor a uma conta infinita e impagável. O juízo nasce a partir da instauração da dívida imortal, em nome de valores superiores, com os deuses. Seria o suplício infinito, o débito impalpável com a divindade que operaria a sujeição da existência humana ao poder de julgar, de acordo com Deleuze. Dito de outra forma, outorga o juízo justamente a relação entre a existência e o infinito orquestrados pela ordem temporal. “Já não somos os devedores dos deuses pelas formas ou fins, somos em todo o nosso ser os devedores infinitos de um deus único” (DELEUZE, 1993/1997, p. 146), expressa a segunda implicação presente nos ditames do juízo. Uma aparente suavidade estaria presente na lógica do julgamento, pois as dívidas são inscritas sem enfrentar a resistência de nossa experiência ou de nosso conhecimento. Fora da vigília consciente, durante o sonho e sem que se saiba, as dívidas são definidas, de modo a tornar impossível o pagamento dessa conta infinita, condenando os devedores a uma escravidão igualmente interminável. O juízo opera uma organização dos corpos e dos órgãos dos sentidos, para que sobre eles possa prevalecer e agir.

Dessa característica advém uma alternativa proposta por Deleuze para escapar ao juízo, a saber, criar para si um “corpo sem órgãos” (op. cit., p. 148), alusão à descoberta de Artaud e a idéias desenvolvidas por Nietzsche, Lawrence e Kafka. Em oposição ao organismo ou corpo organizado pelo juízo, haveria a possibilidade de inventar esse “corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta pólos, zonas, limiares e gradientes”, atravessado por uma poderosa “vitalidade que desafia os órgãos e desfaz a organização”, definido “em devir, em intensidade,

como poder de afetar e de ser afetado” (DELEUZE, 1993/1997, p. 148-149). Origina-se daí, com o intuito de fazer face ao sistema do juízo, assim como de seus componentes e atores, a formulação de “combate”. Deleuze assinala que, para além do combate realizar-se contra o juízo, “o próprio combatente é o combate” (p. 149), na medida que luta consigo, entre suas próprias forças e potências que o subjugam. Distingue o “combate-contrário”, oposição a algo que se quer rechaçar, do “combate-entre” (p. 150), que se apodera de uma força para somar-se a ela, enriquecer-se dela, numa nova existência ou devir. Combater significa tornar-se ou vir a ser, pois o movimento de lançar-se contra seus próprios princípios ou potências é que produz os aliados que abastecem o combatente para a luta contra seu opositor. Portanto, o combate não passa pela guerra, que seria a destruição pela destruição, a dominação e o poder justificados pelo juízo, em nome de algo superior. Segundo Deleuze, “o combate, ao contrário, é essa poderosa vitalidade não-orgânica que completa a força com a força e enriquece aquilo de que se apossa” (1993/1997, p. 151).

Se queremos realçar o pensamento crítico em Deleuze e Guattari, entendemos que, além das tarefas da esquizo-análise, a noção de combate vem apresentar o tom dessa atitude de contestação, que se estabelece não só contra o intolerável outro, mas também com o que se guerrea em si. É no combate que se instauram novos modos de existência e, por isso, Deleuze (1993/1997) deixa de lado o julgamento de outrem, preferindo apenas observar “se eles nos convêm ou nos desconvêm, isto é, se nos trazem forças ou então nos remetem às misérias da guerra, às pobreza do sonho, aos rigores da organização” (p. 153). Entendemos que a distinção entre o juízo e o combate pode abrir o enlace entre proposições reichianas e da esquizoanálise, no sentido de, seguindo o mote explicitado no próprio conceito de combate, trazer forças de Deleuze e Guattari a serem apossadas por seguidores de Reich.

No que tange à missão científica do projeto reichiano, não poderia também a noção de “combate-entre” de Deleuze (1993/1997, p. 150) constituir-se num dos aspectos a serem

trazidos como enlace ao pensamento de Reich? Talvez tenhamos um certo rigor reichiano em sua busca do princípio científico e munido de sua metodologia experimental que possa ser somado justamente pela conveniência da vertigem do pensamento, do desorganismo, pela retomada da capacidade de deixar-se afetar, pelo combate às potências que nos habitam. Se está em jogo a discussão do juízo, cabe reaver a negativa reichiana, passível de ligação ao texto de Deleuze, de que “Não desejo criar um novo deus e depois fazer minha individualidade rastejar atrás dele, não importa que nome ele tenha. Eu clamo por oposição a tudo o que está acima de mim” (REICH, 1996, p. 116). Arriscamos-nos a sugerir que esse “combate-contrá”, possa ser enriquecido com a batalha ao que está em si, no “combate-entre” deleuziano, que ressalta a vitalidade de um querer viver indomável, presente em alguns dos mais caros conceitos de Reich.

Finalmente é necessário esclarecer que não se nota a predileção ao ponto de vista científico na abordagem de Deleuze e Guattari. Ao contrário, vemos em Deleuze e Guattari uma afirmação clara da diferença de sua filosofia em relação a outros referenciais, inclusive o da ciência. Definem a filosofia como a disciplina voltada à criação de conceitos novos²⁴; medem a grandeza de uma filosofia pela natureza dos acontecimentos que é capaz de convocar (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992). Essas afirmações vêm para demarcar a distinção em relação à perspectiva de Reich que, em momentos variados de sua obra, procura filiar sua teorização à ciência natural.

Poderíamos indagar então se a tarefa de colocar em diálogo um pensador cientista e uma dupla de autores ligados à uma certa filosofia, não seria, por si só e de partida, em vão. Haveria nesse debate distâncias de tal ordem que impossibilitariam qualquer articulação? Para Deleuze, filósofo da diferença que era, justamente na preservação da vibração da diferença instaura-se a possibilidade de uma interlocução, e não na subserviência de uma semelhança forçada, que

suporia uma identidade. No reconhecimento da diferença mutante, que está sempre em processo de transformação ou em “vias de” fazer-se, residem, portanto, os recursos da coexistência, do estabelecimento de trocas intensivas e de alianças. Voltaremos à essa importante questão ao abordarmos o tema das propostas pragmáticas de Reich, Deleuze e Guattari.

Com base em tais idéias, dedicaremos-nos a marcar diferenças e a militar em favor de combinações entre topos de idéias dos autores pesquisados.

²⁴ Na obra *O que é a filosofia?* são amplamente delineadas pelos autores as dimensões desses novos conceitos, ou, parafraseando Deleuze e Guattari, suas “circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas” (1991/1992, p. 10).

3.2 Pressupostos teóricos e propostas pragmáticas

Em que aspectos podemos observar convergência e disparidade nas formulações que imbuíram o combate cultural de Reich, Deleuze e Guattari? Procuraremos tratar a questão ao discutir suas orientações teóricas e alternativas de intervenção de cunho prático. Como anteriormente indicado, voltaremos nossa pesquisa a temáticas já tratadas em outros trabalhos do meio reichiano, cujos motes nomeiam os sub-itens deste capítulo. Objetivamos, desse modo, incluir conceitos de Deleuze e Guattari nessas discussões.

3.2.1 Contestação ao princípio da destrutividade inerente ao homem

Um dos temas debatidos no meio reichiano refere-se à oposição de Reich frente à concepção freudiana de “pulsão de morte”. Entre os recentes trabalhos que focalizam esse tema encontram-se, por exemplo, os de Albertini (2005) e Rego (2005).

Como se trata de uma noção freudiana, esclarecemos que teremos como base a implicação da visão de destrutividade presente nos textos freudianos “O mal-estar na civilização” de 1930 e “Por que a guerra?” de 1933. Assim, não fará parte de nossa reflexão todo o caminho conceitual trilhado por Freud para chegar ao fundamento em questão, bem como suas pesquisas posteriores. Do mesmo modo, não será considerado o desenvolvimento do assunto realizado no seio da psicanálise, desde sua fundação até os tempos atuais. Tal delimitação justifica-se para que mantenhamos o foco na articulação entre as visões reichianas e esquizoanalíticas.

Vejamos então a definição de Freud:

Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que, ao lado do instinto²⁵ para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outro instinto, contrário àquele, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico. Isso equivaleria a dizer que, assim como Eros, existia também um instinto de morte. Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta, desses dois instintos (1930/1974, p. 141).

Logo à frente, na mesma página do texto freudiano, outra importante peculiaridade das pulsões é revelada, a saber, a possibilidade da pulsão de morte atuar sob a direção de Eros. O exemplo citado para explicitar tal idéia é a destruição de algo externo ao organismo, em lugar da autodestruição. Estaria em jogo a manutenção da vida, daí a preponderância de Eros sobre a ação destrutiva. Haveria, predominantemente, uma atividade conjunta ou mescla dos impulsos que ocorre “em proporções variadas e muito diferentes” (1930/1974, p. 141). Tal aspecto possui especial relevância quando se faz uma crítica à formulação freudiana de pulsão de morte, que pode ser tomada como uma ação exclusivamente agressiva e independente de Eros.

Em outro texto, Freud (1933/1996) antecipa-se à uma associação equivocada entre “eros” e “bem” *versus* “pulsão destrutiva” e “mal” quando novamente alerta sobre a atuação concomitante das duas pulsões:

Entretanto, não devemos ser demasiado apressados em introduzir juízos éticos de bem e de mal. Nenhum desses dois instintos é menos essencial do que o outro; os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambos. Ora, é como se um instinto de um tipo dificilmente pudesse operar isolado; está sempre acompanhado – ou, como dizemos, amalgamado – por uma determinada quantidade do outro lado, que modifica o seu objetivo, ou, em determinados casos, possibilita a consecução desse objetivo. Assim, por exemplo, o instinto de autopreservação certamente é de natureza erótica; não obstante, deve ter à sua disposição a agressividade, para atingir seu propósito. Dessa forma, também o instinto de amor, quando dirigido a um objeto, necessita de alguma contribuição do instinto de domínio, para que tenha a posse desse objeto. A dificuldade de isolar as duas espécies de instintos em suas manifestações reais, é, na verdade, o que até agora nos impedia de reconhecê-los. (p. 203).

Em outras palavras, justamente a comunhão das pulsões pode acarretar no alcance de

uma meta ou em alguma alteração nesse intuito; em ambos os casos não se atribui maior importância à atuação de Eros ou da pulsão de morte. Os exemplos citados por Freud mostram apenas como pode ocorrer a dominância de uma pulsão sobre a outra.

A ação concorrente (Eros em concorrência com a pulsão de morte) ou amalgamada (quando ocorre uma mescla das duas correntes pulsionais), foi apontada por Rego (2005) como um dos pilares do pensamento freudiano. Albertini (2005) acrescenta que, quando há mesclas das pulsões, que são a extensa maioria dos casos, a tendência é que uma pulsão diminua a ação da outra. Um exemplo dessa possível atenuação foi mencionado por Freud (1933/1996) ao ser convidado a discorrer sobre o motivo da existência das guerras. Sua recomendação para tentar desviar ou minimizar os impulsos agressivos presentes nessas lutas consistiu na contraposição de Eros. Sugeriu o incentivo ao estreitamento dos vínculos afetivos pelo amor ou pela identificação, mas foi enfático ao dizer que a alternativa não poderia ter êxito completo e seria apenas uma ação indireta e limitada. Assim, Freud ressaltou a impossibilidade de suprimir as inclinações destrutivas dos seres humanos. Restaria, portanto, apenas a tentativa de alterar a expressão desses impulsos agressivos humanos, de maneira que não precisassem manifestar-se nas guerras. Naquela oportunidade, Freud comentou ainda que as atrocidades da guerra e de outros fatos históricos provam a existência e o vigor das pulsões destrutivas humanas.

Logo, é possível afirmar que há em Freud uma concepção de destrutividade primária. Sua idéia acerca da agressividade humana mostra-se ainda mais esclarecedora:

[...] os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. (1930/1974, p. 133).

Freud define a agressividade como uma importante manifestação da pulsão de morte, sendo o seu principal derivado (1930/1974). Assim, concebe a agressividade como parte da natureza dos seres humanos, ou, em outras palavras, imputa a hostilidade como uma

²⁵ Apesar da palavra original “trieb” ter sido traduzida nesse texto como “instinto”, seguiremos a sugestão de

peculiaridade do homem “ontológico” (ALBERTINI, 2005, p. 18). Ao final do mesmo texto, Freud sintetiza: “em tudo o que se segue, adoto, portanto, o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto-subsistente [...]”. (1930/1974, p. 144).

Se o fundador da psicanálise menciona a existência de duas forças psíquicas contrárias e concorrentes, Eros e a pulsão de morte, pressupõe-se a existência de um conflito na atividade de tais pulsões. Rego (2005) assinala que, com a criação desses conceitos, o dualismo característico da compreensão freudiana passa a firmar-se na polaridade entre essas pulsões. “O acompanhamento da evolução das idéias de Freud ao longo dos anos mostra claramente que ele cada vez mais valorizou a hipótese da pulsão de morte como fundamento essencial da sua compreensão do aparelho psíquico” (REGO, 2005, p. 13/14), assevera o estudioso. O conflito, entendido como uma característica “natural” e intrínseca ao psiquismo humano, estaria portanto presente em todas as culturas e teria um papel estruturante no desenvolvimento psíquico, segundo a perspectiva apresentada por Freud. A postulação freudiana de conflito, por si só, não constitui o alvo do que iremos ressaltar na crítica de Reich, Deleuze e Guattari, como demonstraremos à frente. Porém, o mesmo não vale em relação às consequências dessa formulação para o futuro da coletividade humana.

Conceber o conflito, nos termos freudianos, como inerente aos seres humanos acarreta na impossibilidade de vislumbrar uma solidariedade humana universal. A civilização deve destinar esforços para conter a destrutividade humana e limitar sua atuação, garantindo a continuidade da sociedade. Temos, no relato freudiano, a descrição dos métodos usados pela civilização para controlá-la, que seriam o incentivo às relações afetivas indiretas ou “inibidas em sua finalidade” — com uma conseqüente limitação à sexualidade, aceita apenas nos vínculos monogâmicos e heterossexuais, com vistas à manutenção da espécie²⁶ — e os preceitos para

Laplanche e Pontalis (1992) de empregar a palavra “pulsão”, mais adequada à concepção freudiana.

²⁶ Esse ponto específico encontra-se detalhado na pág. 125 da obra (FREUD, 1930/1974).

“amar ao próximo” (FREUD, 1930/1974, p. 134).

Também é necessário, segundo Freud, que a civilização absorva parte da libido humana em sua construção: “[...] a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade da energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade” (1930/1974, p. 125). Verificamos aí a tese da permuta civilizatória, em que a cultura oferece segurança e, em contrapartida, impõe sacrifícios aos seres humanos, à sua sexualidade, liberdade e agressividade, o que acarreta transformações em sua disposição pulsional, levando-os às formações psíquicas reativas e à sublimação.

Em outra passagem,

[...] é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto²⁷, o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar. (FREUD, 1930/1974, p. 118).

Observamos que o autor menciona o conjunto das civilizações, atribuindo sua proposição, da necessidade de renúncia dos impulsos humanos em prol da construção coletiva, a todas as culturas.

Da restrição colocada pela civilização aos impulsos, advém a razão pela qual para os seres humanos é tão difícil ser feliz na sociedade, de acordo com Freud (1930/1974). E, apesar de todo o empenho que se possa fazer para melhorar a convivência cultural, não é possível alterar alguns aspectos de sua natureza. O autor refere-se à ambigüidade presente na relação dos homens com a civilização, o que consistiria num fato verossímil, inerente às culturas, na visão freudiana.

Apresentados alguns elementos do enfoque freudiano, faz-se necessário demonstrar teses da teoria reichiana contrários à proposição de dualismo pulsional, bem como sua

²⁷ Mantivemos a menção à palavra “instinto” nesse excerto para preservar a tradução, embora tenhamos escolhido o vocábulo “pulsão” em nosso texto.

consequência para a relação dos seres humanos na sociedade.

Todavia, no que diz respeito a tal assunto, deve-se levar em conta que houve alterações na perspectiva reichiana. Rego (2005) investiga as diferentes matizes na obra de Reich acerca do conceito freudiano de pulsão de morte. Demonstra um momento inicial de omissão ou negação, de 1922 a 1923. Nos anos posteriores haveria uma adesão à tese freudiana em questão — acompanhada de certa hesitação e reservas — e a progressiva oposição, fatos ocorridos aproximadamente entre 1925 e 1929. Relata um terceiro movimento, a partir do início dos anos 1930, caracterizado pela ruptura frontal a esse princípio freudiano e o amadurecimento da teoria reichiana, que consolida o abandono da idéia de uma destrutividade intrínseca aos seres humanos. O comentador aponta, porém, algum ceticismo por parte de Reich na década de 1950 e a admissão de certa brutalidade inscrita na natureza humana. De fato, encontramos uma alusão reichiana à “estrutura humana bioenergética que tem medo e resiste à expansão” (REICH, 1953/1976, p. 235, nota de rodapé). Afirma Rego, no entanto, que nova omissão sobre o tema também marca essa última e quarta nuance, na qual Reich dedica-se ao desenvolvimento de seu referencial. Em nosso trabalho, priorizaremos os momentos em que se observa o desacordo de Reich sobre a tese freudiana em questão.

As conclusões de Freud sobre a agressividade humana, bem como sua proposição de dualismo pulsional presente no homem não convencem a Reich, que procura, em resposta à publicação freudiana de 1930 e a outras obras, desenvolver sua própria concepção (REGO, 2005). Uma das questões que lhe intrigam diz respeito à essa “polaridade”, comum ao pensamento da sociedade em que viveu: *“Por que a idéia de uma antítese aguda entre natureza e cultura, instinto e moralidade, corpo e espírito, diabo e Deus, amor e trabalho se tornou uma das características mais notáveis da nossa cultura e da nossa filosofia de vida?”* (REICH, 1942/1995, p. 162; itálicos originais). Levantaremos alguns aspectos do pensamento reichiano, demonstrados no mesmo texto de 1942, a fim de explicitar suas proposições.

Contrário à idéia de uma destrutividade inata aos seres humanos, Reich formula uma noção bastante distinta, não marcada por uma oposição binária. Em suas palavras,

Agressão, no sentido estrito da palavra, não tem nada a ver com sadismo ou com destruição. A palavra significa “aproximação”. *Toda manifestação positiva da vida é agressiva a*: o ato de prazer sexual assim como o ato de ódio destrutivo, o ato sádico assim como o ato de procurar alimento. Agressão é a expressão da vida da musculatura e do sistema de movimento. A avaliação da agressão tem enorme importância para a educação das crianças. Grande parte da inibição da agressão que nossas crianças têm de suportar, em seu próprio detrimento, é o resultado da identificação de “agressivo” com “mau” ou com “sexual”. Agressão é sempre uma tentativa de prover os meios para a satisfação de uma necessidade vital. Assim, a agressão não é um instinto, no sentido estrito da palavra; consiste mais no meio indispensável de satisfação de todo impulso instintivo. Este último é essencialmente agressivo porque a tensão exige satisfação. Consequentemente, há uma agressividade destrutiva, uma sádica, uma locomotora e uma sexual. (op. cit., p. 139; itálicos originais).

Assim, ao invés de compreender a agressividade como uma disposição pulsional, Reich a concebe como uma busca para atender a uma necessidade vital. Note-se que menciona “expressão da vida”, “movimento”, “tensão”, “meio indispensável de satisfação” para defini-la. Cabe marcar também que seu conceito é abrangente e inclui os atos de prazer e de ódio, assim como o ato sádico e o de procura por alimento.

O texto reichiano segue explicando que o impedimento à realização é que pode trazer angústia e tornar a agressividade destrutiva: *“Toda ação destrutiva aparentemente arbitrária é uma reação do organismo à frustração da satisfação de uma necessidade vital, especialmente de uma necessidade sexual.”* (op. cit., p. 140; itálicos originais). Segundo Reich, a estase²⁸ gerada com a supressão da satisfação sexual é que gera a hostilidade, o ódio ou a destruição, hipótese confirmada em sua prática clínica. Portanto, a destrutividade, em sua visão, seria uma formação secundária e não uma característica da natureza biológica dos seres humanos. Wagner (1996) ressalta esse ponto da teoria de Reich e mostra que para ele os impulsos agressivos não são violentos ou anti-sociais. Quando reprimidos é que “retornam com uma

²⁸ Laplanche e Pontalis (1977) definem como “estase da libido” o “processo econômico que Freud supõe poder estar na origem da entrada na neurose ou na psicose: a libido que deixa de encontrar caminho para a descarga

conotação violenta, sádica, anti-social, como reação à repressão sofrida” (WAGNER, 1996, p. 115).

Referimo-nos assim à noção de Reich de que o conflito humano é gerado na cultura, idéia mais afeita à proposta de Deleuze e Guattari. Ao invés de possuir uma raiz na natureza dos seres humanos, a fonte do sofrimento neurótico é atribuída por Reich ao autoritarismo da educação familiar sexualmente repressiva (1942/1995), que reproduz, de uma geração à outra, os preceitos ditados pela sociedade. Em três importantes momentos da vida, a neurose é produzida, segundo Reich: “na *primeira infância*, através da atmosfera de um lar neurótico; na *puberdade*, e finalmente no *casamento compulsivo*, na sua concepção estritamente moralística” (1942/1995, p. 173; *itálicos originais*). A juventude, por exemplo, é tomada pelo medo da geração mais velha, o que inibe sua sexualidade e seu “espírito de luta” (op. cit., p. 174). Denuncia, dessa forma, o papel desempenhado pela educação, no sentido de atender aos objetivos do sistema social dominante, e pela repressão sexual, ao tornar os homens adaptados ao modelo da sociedade. Na perspectiva reichiana, a manutenção social é garantida por esses mecanismos autoritários. Nota-se, por conseguinte, clara oposição de Reich em relação à extensão do conflito humano a todas as culturas, como vimos em Freud.

Se o conflito humano decorre de um certo tipo de civilização, Reich, contrário ao posicionamento freudiano, recusa-se a conceber a destrutividade como uma força interna inerente aos seres humanos. Para Reich, é a civilização que influencia a manifestação dessa destrutividade, ou seja, há uma produção coletiva que interfere na natureza humana e que promove o desenvolvimento desse sentimento hostil. Nesse sentido, suas palavras são claras: “O homem alienou-se a si mesmo da vida, e cresceu hostil a ela. Essa alienação não é de origem biológica, mas sócio-econômica” (REICH, 1942/1995, p. 16). Ora, temos aqui a explicação para a origem da formação secundária dos impulsos anti-sociais, apontada por Reich como o

acumula-se sobre formações intrapsíquicas; a energia assim acumulada encontrará sua utilização na constituição dos sintomas” (p. 220).

fruto da evolução da civilização, e não como uma propriedade nata ou original. Vejamos o ponto exato que separa o postulado freudiano daquele apresentado por Reich:

Freud afirmara que a existência da cultura como tal depende da repressão “cultural” dos instintos. Eu tinha de concordar com ele, mas com reservas muito definidas: a cultura de nossos dias baseia-se, de fato, na repressão sexual. Mas a pergunta seguinte era: “É verdade que o desenvolvimento da cultura como tal depende da repressão sexual? Não repousa a nossa cultura na supressão de impulsos inaturais, desenvolvidos secundariamente?”. (REICH, 1942/1995, p. 164).

A ênfase dada aos fatores externos do conflito implica que possa haver transformação na sociedade. De acordo com Rego (2005), a possibilidade de alterar as causas sociais da angústia humana é compreendida por Reich como a base de seu compromisso político. Sobre a divergência entre Reich e Freud no que tange ao futuro dos seres humanos, Wagner (1996) conclui que a concepção de Freud de que o animal humano é naturalmente destrutivo o leva a um pessimismo, ao passo que Reich aposta na possibilidade de construção de uma sociedade que respeite as necessidades humanas vitais. Para o pesquisador, a concepção reichiana de que os seres humanos tornaram-se violentos porque perderam o contato com sua natureza animal, abre a perspectiva de retomada desse contato e, conseqüentemente, de uma construção coletiva que possa conciliar as necessidades individuais e os anseios da coletividade. Consideramos essa conseqüência como o ponto nodal que queremos dar destaque no que tange ao desacordo de Reich à tese freudiana da pulsão de morte, na medida que abre espaço para aproximações com a abordagem de Deleuze e Guattari.

Antes de passarmos à exposição do tema de acordo com a esquizoanálise, vale ainda indicar que Reich, além de manifestar divergência à proposta de Freud na questão em pauta, tenta compreendê-la no âmbito da conjuntura político-social. Em outras palavras, avalia o papel do contexto da época na elaboração teórica freudiana, precisamente no momento em que se ratifica a formulação da dualidade pulsional. Reich considera, por exemplo, as dificuldades enfrentadas por Freud para fazer valer suas descobertas perante a sociedade conservadora e no seio da própria organização psicanalítica, o que o leva a solidarizar-se com seu mestre, sem

deixar de manifestar alguns apontamentos:

Hoje entendo também a necessidade de sua resignação. Durante uma década e meia, ele havia lutado pelo reconhecimento de fatos simples. Os seus colegas de profissão o tinham caluniado, o haviam chamado de charlatão, e posto em dúvida a sinceridade das suas intenções. [...] Freud tinha perfeita consciência das dificuldades que envolviam a defesa da teoria da libido. Mas no interesse da autopreservação e da consolidação do movimento, não podia permitir-se dizer aquilo que, num mundo mais honesto, certamente sustentaria sozinho. No seu trabalho científico, fora muito além da estreita estrutura dos hábitos tradicionais e modo de pensar da classe média. A sua escola puxou-o novamente para trás. Freud sabia em 1929 que, apesar de todo meu entusiasmo juvenil, eu estava certo. Admiti-lo porém, significaria sacrificar a metade da organização psicanalítica. (REICH, 1942/1995, p. 185-186).

Dessa forma, Reich assinala um motivo para a defesa freudiana da existência do conflito humano, a saber, a necessidade de “adaptar” sua teoria às circunstâncias político-sociais da época (1942/1995). Wagner (1996) pesquisa detidamente os fatos sociopolíticos dos anos 1930 e esclarece que, frente às pressões do agitado contexto político em que se via, por exemplo, o avanço do nazismo, Freud lutava para que a instituição psicanalítica adotasse uma postura politicamente neutra. Conforme o entendimento de Reich, é como se Freud tivesse deixado de lado determinadas concepções de sua obra com vistas a manter unida a organização psicanalítica e evitar maiores resistências à sua teoria: “*Admitir a possibilidade da felicidade humana teria sido a mesma coisa que admitir a incorreção da teoria do instinto de morte. Teria significado uma crítica às instituições sociais que destroem a felicidade da vida.*” (REICH, 1942/1995, p. 184; itálicos originais). Os estudos de Rego (2005) confirmam que Reich “critica o fato da teoria da pulsão de morte mascarar e ocultar a fonte social da neurose” (p. 26), pois o conflito é visto como interno e inevitável. Logo, apesar de tentar compreender o ponto de vista freudiano, Reich não deixa de denunciar “a serviço de que” suas postulações haviam sido criadas, ou seja, o caráter político da proposição de um dualismo pulsional.

Outra explicação de Reich para o desenvolvimento da tese freudiana de pulsão de morte tangencia a subjetividade de Freud e passa, talvez, por uma “interpretação” de seus afetos. Reich relaciona o desenvolvimento da tese da pulsão de morte à experiência freudiana,

caracterizada, em sua compreensão, por uma certa descrença ou decepção com as pessoas: “[...] tanto pela sua prática médica como pela atitude das pessoas a respeito de sua teoria, Freud chegou a ter certeza de que os seres humanos são criaturas altamente inseguras e maliciosas.” (1942/1995, p. 188). Reich parece inferir que a reação negativa e a hostilidade dirigida diretamente a Freud diante de suas formulações contribuíram para que ele concebesse a destrutividade como inata aos seres humanos.

Longe de buscar avaliar a veracidade de sua análise em relação às possíveis razões pessoais e políticas de Freud, importa aqui ressaltar o cunho crítico da visão reichiana. Temos, nos elementos apontados, um exemplo do tipo de compreensão que Reich realiza dos fenômenos humanos, tratados em sua dimensão político-social e combinados aos afetos. Observa-se também sua contestação clara e corajosa dos acontecimentos ligados à ordem social dominante.

Entretanto, um aspecto pode ligar a formulação de Reich à freudiana, a saber, a concepção de “natureza humana”. Com base nos estudos de cientistas sociais e antropólogos, Barreto (2007) questiona tal noção. Em resumo, sua crítica diz respeito a uma idéia de “essência” não passível de ser afetada pelo meio social. A concepção de “natureza” seria, em si mesma, uma representação, portanto, não universal. Além disso, de acordo com Barreto (2007), a existência de características inatas “contraria a diversidade observada nas diferentes culturas (e mesmo em seu interior)” e mostra-se ainda “de difícil comprovação” (p. 50). Essa reflexão de certa forma antecipa elementos que queremos realçar na interlocução entre Reich, Deleuze e Guattari, visto que, nos escritos dos fundadores da esquizoanálise que são de nosso conhecimento, não se verifica tal concepção de natureza humana.

Em relação à Deleuze e Guattari, poderíamos, à primeira vista, estabelecer paralelos que os colocariam numa perspectiva vizinha à de Reich no que se refere à oposição ao princípio freudiano da pulsão de morte. Alguns indícios favoreceriam tal empreendimento de

acercamento.

Em primeiro lugar, é possível extrair frases isoladas de Deleuze e Guattari em que se nota claro desacordo à idéia freudiana de uma pulsão de morte inscrita no psiquismo humano. Para eles, “O inconsciente tem seus horrores, mas eles não são antropomórficos. Não é o sono da razão que engendra os monstros, mas antes a racionalidade vigilante e insone” (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 146). Ao abordar o tema da violência anos depois, Guattari retoma a discussão e mantém um posicionamento análogo, refutando a idéia de um negativismo ou destrutividade presentes na constituição dos seres humanos:

Tal “transversalização” da violência implica que não se pressuponha a existência de uma pulsão de morte intrapsíquica, constantemente à espreita, pronta a tudo devastar a sua passagem no momento em que os Territórios do Ego perdem sua consistência e sua vigilância. A violência e a negatividade resultam sempre de Agenciamentos subjetivos complexos: elas não estão inscritas na essência da espécie humana, são construídas e sustentadas por múltiplos agenciamentos de enunciação. (GUATTARI, 1989/1990, p. 43).

Uma outra pista que contribuiria para uma aproximação ao enfoque de Reich (1942/1995) pode ser encontrada quando Guattari defende a invenção de modos de expressão para a agressividade, opondo-se à sua repressão. Suas palavras tornam inevitável a comparação à idéia reichiana apresentada sobre a necessidade de satisfação dos impulsos vitais:

Que lugar dar, por exemplo, aos fantasmas de agressão, de assassinato, de violação, de racismo no mundo da infância e da vida adulta regressiva? Ao invés de acionar incansavelmente procedimentos de censura e de contenção, em nome de grandes princípios morais, melhor conviria promover uma verdadeira ecologia do fantasma, que tivesse como objeto transferências, translações, reconversões de suas matérias de expressão. (op.cit., p. 42).

Ainda na direção de uma aproximação, perguntamo-nos qual o posicionamento de Deleuze e Guattari sobre a ênfase dada por Reich aos fatores externos na observação de uma destrutividade humana. Orlandi (2006) explica que Deleuze e Guattari apresentam uma perspectiva alinhada à reichiana e criticam a redução do delírio histórico-mundial ao quadro edípico familiar. Em outros termos, a pulsão de morte, segundo os autores, consiste numa produção histórico-social e não num elemento constituinte da natureza humana. Com isso, a esquizoanálise sinaliza manter um pressuposto teórico importante e em consonância com a

concepção reichiana. Em ambas a referência aos determinantes sócio-culturais sustenta a contestação à hipótese de uma negatividade inata do homem. Da mesma forma, existiria a crença, por parte desses autores, de que é possível intervir e alterar as condições da cultura e promover, nas palavras da esquizoanálise, novos modos de existência.

Em síntese, aparentemente teríamos mostras de uma convergência entre Reich, Deleuze e Guattari no tema da oposição ao postulado freudiano da pulsão de morte, bem como no apontamento da necessidade de expressão da agressividade e na denúncia de fatores externos originadores da destrutividade humana. Arremataria tal aliança, a consequente aposta desses pensadores na capacidade humana de produzir novas subjetividades e contribuir para a convivência coletiva.

Todavia, alguns complicadores vêm embarçar, ou, para aplicar um termo da esquizoanálise, “atravessar” o que pretendíamos ordenar ao ligar Reich a Deleuze e Guattari no debate em pauta. Sobre a necessidade de uma organização que se apresenta ao pensamento, abrimos aqui um breve intervalo para incluir a observação de Deleuze e Guattari:

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, idéias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos. [...] Pedimos somente que nossas idéias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes, e a associação de idéias jamais teve outro sentido: fornecer-nos regras protetoras, semelhança, contiguidade, causalidade, que nos permitem colocar um pouco de ordem nas idéias, passar de uma a outra segundo uma ordem do espaço e tempo, impedindo nossa “fantasia” (o delírio, a loucura) de percorrer o universo no instante, para engendrar nele cavalos alados e dragões de fogo. (1991/1992, p. 259).

Sua palavras vêm só para anunciar sutilezas subversivas – “cavalos alados e dragões de fogo”? – que serão trazidos quando avançarmos no tema da pulsão. Algo dessa busca por segurança e ordenação poderá ser afetada, como veremos.

Orlandi (1995) estuda o assunto da “Pulsão e campo problemático” em textos de Deleuze e Guattari e chega a referir-se a uma “teia nocional que emaranha o tema-pulsão” (p. 148), reconhecendo a elevada dificuldade de seu intento. Mostra alterações nas investidas

conceituais dos autores, a que denomina rede de “encaixes” (ORLANDI, 1995, p. 149). Entre eles, nota-se uma inicial relação de boa vizinhança com o lacanismo e, posteriormente à publicação de *O Anti-Édipo*, o rompimento radical em relação a idéias defendidas pela psicanálise, além de vários outros movimentos que não iremos detalhar aqui²⁹. O pesquisador chega a referir-se à uma tarefa de “quase decifração” (op. cit., p. 148) do problema em pauta. Além de demonstrar as variações que vão ocorrendo na obra de Deleuze e Guattari, Orlandi explicita a propensão inventiva dos fundadores da esquizoanálise e traz ao leitor o contexto de elaboração de novas formulações. Longe de aspirar retomar sua minuciosa análise, almejamos salientar que houve mudanças na produção de Deleuze e Guattari no tratamento dada à temática da pulsão de morte. Fica então colocada a necessidade de um recorte desse percurso, como fizemos a propósito da obra de Reich.

Ademais, a compreensão do assunto a partir do enfoque da esquizoanálise exigiria-nos uma embaraçosa incursão nos recursos filosóficos implicados na produção de seus criadores, o que nos afastaria do objetivo de nossa pesquisa. A título de exemplo, há discussões que embrenham pelas noções de “uno” e “múltiplo”, “virtual” e “atual”, “equivocidade” e “univocidade” do ser, não sem o emprego peculiar desses termos por parte de nossos pensadores. Por essa razão e com vistas a alcançar algum êxito no empreendimento de diálogo que constitui o alvo deste trabalho, decidimos transitar no desenvolvimento do tema realizado por Deleuze e Guattari a partir de nosso próprio plano de pensamento. A alternativa é outorgada por um desses autores (DELEUZE, 1992, p. 172 citado por ORLANDI, 1995, p. 148) porém, em que condições esse nosso posicionamento seria validado? Em relação à urgência do caso colocado em pauta e com vistas a gerar desdobramentos que possam aticar uma vibração

²⁹ Orlandi (1995) pesquisa, por exemplo, um estudo de Deleuze (1967/1983 citado por Orlandi, 1995) sobre o assunto da hipotética unidade sadomasoquista, em que questiona certa arbitrariedade da psicanálise no uso da teoria das pulsões. Uma comparação ao escrito de Reich (1933/1995) sobre “O caráter masoquista”, capítulo de *Análise do caráter* apresenta-se como sugestão para futuras pesquisas. Caberia incluir também as observações de Deleuze e Guattari sobre o corpo masoquista presentes no terceiro volume de *Mil platôs*, exatamente no tópico “28 de novembro de 1947: como criar para si um corpo sem órgãos” (1980/1996).

intensiva. Desse modo, para realizar um recorte ou eleger uma tônica dada à temática da pulsão de morte³⁰ por Deleuze e Guattari, deveríamos indagar-nos qual dos momentos ou problemas evidenciados por eles – e aqui baseamo-nos na extensa pesquisa de Orlandi (1995) – poderia afetar sobremaneira o enfoque de Reich e convocar a sua enésima potência de vida.

Dispostos a isso, optamos por evidenciar a proposição esquizoanalítica de “Corpo sem Órgãos” (CsO) (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1996), já brevemente mencionada neste trabalho³¹. O CsO constitui, segundo Orlandi (1995), um dos tratamentos realizados pelos criadores da esquizoanálise ao tema da pulsão, em busca de um “substituto” (p. 181) para Tânetos que fizesse jus às suas teses sobre o inconsciente. Esboçada pela primeira vez em *O Anti-Édipo*, foi amplamente desenvolvida no terceiro volume da série *Mil Platôs* (1980), oito anos depois. Acreditamos que a imediata menção à palavra “corpo” tende a despertar a inquietação dos estudiosos e seguidores de Reich, um pensador que soube incluir de modo original a dimensão corporal humana na clínica, em suas propostas de intervenção social e também em sua atuação e teorização acerca da política. Mas novamente ressaltamos que nosso intuito maior e que justifica a escolha específica da idéia de “CsO”, e não de outras elaborações efetuadas por Deleuze e Guattari acerca da questão da pulsão, deve-se à sua propensão a fazer reverberar uma problemática nas pesquisas reichianas e, talvez, liberar novas coordenadas discursivas e não-discursivas.

Deleuze e Guattari iniciam o texto intitulado “28 de novembro de 1947 - como criar para si um corpo sem órgãos” num tom que nos parece convidativo e provocativo. A data comemora a declaração de “guerra aos órgãos” (p. 10) formulada por Artaud, em seu anseio de findar com o juízo de Deus e inspira, para a esquizoanálise, a batalha ao organismo ou a tudo o

³⁰ Outro aspecto destacado por Orlandi (1995, p. 167-168) diz respeito ao emprego dos termos “instintos” e “pulsão” na mesma obra de Deleuze (1967/1983 citado por Orlandi, 1995). Grosso modo, Deleuze utiliza “instinto” em relação aos “princípios em sua transcendentalidade”, ou seja, Eros e Tânetos quase como entidades, sem efetivarem-se na realidade. Já com a palavra “pulsão”, Deleuze denomina os representantes de Eros e Tânetos no Id. Com vistas a manter certa uniformidade em nosso trabalho, continuaremos a adotar o termo “pulsão”.

³¹ Ver item “3.1 O pensamento crítico”.

que é organizado. Segundo os autores,

De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele pré-exista ou seja dado inteiramente feito – se bem que sob certos aspectos ele pré-exista – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. Não é tranquilizador, porque você pode falhar. Ou às vezes pode ser aterrorizante, conduzi-lo à morte. Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1996, p. 9).

Temos, já nesse parágrafo inaugural, a presença das características do CsO. Trata-se de um programa prático – “exercício” ou “experimentação” – portanto agenciamento vivo e pragmático, e não uma idéia abstrata. Pode, de alguma forma, “pré-existir”, mas não se efetiva o desejo sem a ação de criá-lo, pois o CsO constitui-se num campo de funcionamento das máquinas desejantes, à medida que justamente sua “desorganização” ou a fuga a qualquer nomeação sobredeterminante permite a passagem do desejo. Não é “tranquilo” pois implica em riscos, como o perigo de falhar por não se deixar desorganizar suficientemente ou, mais terrivelmente, de desfazer-se brutalmente e produzir a própria morte, “desejar o próprio aniquilamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1996, p. 28). Em sua dimensão processual mostra-se como um limite inalcançável, empreendimento igualmente interminável.

Sobre sua relação com o desejo, uma outra passagem mostra-se ainda mais precisa: “O CsO é o *campo de imanência do desejo, o plano de consistência* própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria a torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1996, p. 15; itálicos originais). Portanto, é nele que se instaura o desejo: máquinas privadas de desejo que se desdobram em máquinas coletivas, dispostas a invadir o campo social e a estabelecer com ele múltiplas relações.

Opõe-se à interpretação psicanalítica visto que seu programa pragmático prioriza a experimentação e deixa de lado a transposição de vivências em significações previamente

determinadas:

Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude ou de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide. (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1996, p. 11).

Advém desse questionamento ativo da psicanálise as perguntas a serem formuladas a cada CsO, de acordo com a pragmática esquizoanalítica: Qual o seu tipo? O que acontece nele? Como é fabricado? Por que intensidades é povoado? Quais são suas variantes, atributos, sobressaltos, particularidades? O que nele passa e o que fica bloqueado? Essas indagações trazem o explícito abandono da intenção de predizer o que será produzido ali. Expressam que “o que a esquizoanálise julga ser passível de experimentação é uma complexidade que não se deixa dizer nos termos de ‘analogias imaginárias’” (ORLANDI, 1995, p. 186), como as que ocorrem em certas interpretações psicanalíticas. Visam contribuir para instigar as forças e a multiplicidade que atravessam o CsO, suas circunstâncias e essa vivência “não somente radiofônica, mas biológica, política, atraindo sobre si censura e repressão” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1996, p. 10).

À experimentação do CsO são recomendadas “doses” e “injeções” de prudência (op. cit., p. 11). Essa cautela torna-se necessária porque na implementação prática do CsO há o perigo de derrapar para seu esvaziamento, de tangenciar o drogado, o fascista, o demente, o suicida; donde o alerta da esquizoanálise para que os vigiemos em nós mesmos, cuidemos de evitar a entrega à pura auto-destruição. Dito de outra maneira, o exercício de desorganização dos órgãos precisa ser iniciado com a proteção do organismo, dosado com a devida precaução. Os maiores riscos ocorrem principalmente quando o Corpo sem Órgãos passa a funcionar numa espécie de bruta oposição em relação às máquinas desejanter, provocando certos desarranjos, arrepios e sobressaltos que, até certo limiar, contribuem para o bom funcionamento desses tipos de máquinas. Mas o “limite desfuncional” do CsO pode acarretar no que Orlandi denomina de

“terríveis proximidades” (p. 182) com a pulsão de morte e conduzir ao desejo de aniquilamento. Viver intensamente pode ter algo a ver com a vontade empírica de destituir-se em partículas.

Contudo, observa-se uma diferença crucial que separa a ameaça da morte em Tântatos freudiano e no CsO da esquizoanálise. No princípio freudiano de morte, em seu sentido de reinante prévio, impõe-se um limite transcendente: a força dos impulsos indiretos da pulsão de morte remetem o presente a histórias passadas. O Corpo sem Órgãos e seu funcionamento voltado “a experimentações que vão de levezas líricas até a sua afirmação num lance final, no sem volta ou no sufoco de um nunca mais do corpo orgânico” (ORLANDI, 1995, p. 191) apresenta o limite como imanente às suas intensidades, ligado ao exercício presente e atualizado nas densidades da vida. Nesse campo de imanência o desejo, mesmo no limite da morte, trabalha como processo de produção do desejo, promovendo a abertura do inconsciente a exercícios atuais e não regressivos. Mas por que razão o desejo almejará a morte? Orlandi explica que o desejo “pode querer confundir-se com ela enquanto nela encontrar seu próprio ‘motor imóvel’”, que seria o “corpo pleno da morte” ou o “corpo pleno sem órgãos” (op. cit., p. 183). O autor amplia a questão e considera o campo de fluências do CsO e o conjunto dos Corpos sem Órgãos, mas, por ora, não seguiremos seu encaminhamento do tema.

De maneira geral, podemos dizer que o conceito explicitado de CsO ilustra elementos do desacordo de Deleuze e Guattari a um tipo de compreensão humana realizada na psicanálise, que inclui a noção de pulsão de morte. Um desses aspectos pode ser apontado como a acusação de certos pressupostos da psicanálise e foi evidenciado por Orlandi (2006), ao afirmar que Deleuze e Guattari exaltaram a denúncia de Reich à psicanálise:

Reich (em *A função do orgasmo*) e também Marcuse (em *Eros e civilização*) propiciam, segundo os autores, de maneira “rigorosa e nuançada”, expressões do modo como a psicanálise se embrenhou cada vez mais em uma “visão familista e ideológica”, assim como em “compromissos reacionários”. (p. 60; *itálicos originais*).

Menciona também o ponto exato em que os fundadores da esquizoanálise abordam a crítica reichiana a um certo conformismo de Freud: “Resta que Reich, em nome do desejo, fez

passar um canto de vida na psicanálise. Na resignação final do freudismo, ele denunciava um medo da vida, um ressurgimento do ideal ascético, um caldo de cultura da má consciência”. (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 155).

Vemos, em princípio, um alinhamento na acusação do liame entre a tese freudiana de “pulsão de morte” e estratégias dominantes. De acordo com Deleuze e Guattari (1972a/1976), e numa posição próxima à reichiana, a pulsão de morte sacramenta o casamento do que era apenas um “noivado” da psicanálise com o capitalismo (p. 425). Se Reich denuncia a criação do conflito na cultura, Deleuze e Guattari vem denunciar o papel da psicanálise na criação dessa idéia de “conflito”.

No entanto, como comenta Orlandi (2006), Deleuze e Guattari avaliam que Reich não chegou a vislumbrar que o vínculo entre a psicanálise e o capitalismo não era apenas de cunho ideológico mas, por vários motivos, bem mais forte. Uma das razões não observadas por Reich, segundo a esquizoanálise, diz respeito à auto-referência psicanalítica: “é dela que estamos doentes e é também por ela que nos curaremos!” (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 421). De fato, desconhecemos que haja tal denúncia reichiana em relação à psicanálise. Por outro lado, em relação ao capitalismo, Reich assinala que “A economia capitalista é uma economia de lucro. Ela gera produtos, mas não, em princípio, necessários. A economia não serve à satisfação das necessidades; mas sim, as necessidades são criadas, suprimidas ou modificadas de acordo com as leis da economia de lucro” (1953/1976, p. 64-65). Portanto, a nosso ver, Reich expressa a idéia da criação de demanda capitalista, embora, segundo os limites de nossos estudo, não a tenha aplicado à psicanálise.

Observamos que Deleuze e Guattari, além da crítica contumaz à psicanálise (que inclui o tema da pulsão de morte), elaboram uma concepção inteiramente diferente daquela criada por Freud. A esquizoanálise apresenta um programa, um conjunto de práticas em favor da complexificação do inconsciente e da liberação de sua filiação ao problema da falta e da

representação edípiana. Têm-se um novo plano conceitual voltado a uma “concepção produtivista do desejo” (ORLANDI, 1995, p. 25) e, por isso, torna-se difícil a comparação à teoria das pulsões parciais de Freud e, em alguns aspectos, até à resposta de Reich. Em vez de priorizar a dimensão das pulsões na tentativa de compreensão dos seres humanos, Deleuze e Guattari preferem localizar os problemas em relação ao funcionamento das máquinas desejantes.

O conceito de CsO foi apresentado para mostrar que, para a esquizoanálise, o desejo se manifesta e é produzido na realidade de um campo imanente, “sem referência a qualquer instância exterior, sem referência a ‘uma falta que viria esburacá-lo’ e a um ‘prazer que viria preenchê-lo’” (ORLANDI, 1995, p. 191). Afigura-se, num mesmo lance, um distanciamento à psicanálise – por sua postulação de pulsões parciais e de uma noção de desejo ligada à falta – e também a Reich – em sua exaltação do prazer.

Porém, o mesmo entrelaçamento pragmático do CsO com as máquinas desejantes pode, a nosso ver, aliar Deleuze e Guattari a Reich. No CsO incentiva-se a expressão dos afetos de variadas ordens, o que lembra a afirmação reichiana acerca da necessidade de manifestação da agressão³². Uma outra importante convergência deriva da própria idéia de implementação de um conjunto de práticas, o que guarda relações com a pragmática de Reich e, por si só, já evidencia um tipo de confiança desses autores na humanidade. Haveria ainda uma dimensão do humano que convoca a um só tempo potências particulares e coletivas, num campo que alia o desejo ao social, portanto, numa compreensão de política que se avizinha à de Reich.

Apresentados os aspectos que aproximam ou separam Reich de Deleuze e Guattari no que se refere à crítica ao postulado freudiano da pulsão de morte, cabe expor uma observação final. Em que pese todos os aspectos da contestação à concepção de Freud, é necessário evidenciar que os autores reconheceram e valorizaram as descobertas do fundador da

psicanálise. Reich expressa sua admiração ao dizer que seu mestre “era um cientista cuidadoso e honesto. O mundo não podia mais continuar a negar a existência da vida psíquica inconsciente [...]” (1942/1995, p. 185). Num outro momento, enaltece a duradoura contribuição freudiana às ciências humanas, notadamente na proposição do conceito de energia psíquica (REICH, 1953/1976).

Um exemplo da esquizoanálise pode ser encontrado na afirmação de que “no pensamento de Freud há coisas surpreendentes, de uma dialética, de uma juventude e de uma vitalidade, que nos fornecem verdadeiras golfadas de oxigênio” (GUATTARI; ROLNIK, 1986/2005, p. 164). Ou ainda, em entrevista sobre *O Anti-Édipo*, quando Guattari menciona que

Não há dúvida que a psicanálise abalou o conjunto da medicina mental, funcionando como uma máquina infernal. Pouco importa que desde o início houve concessões, o fato é que ela abalava, impunha novas articulações, revelava o desejo. Você mesmo invoca os aparelhos psíquicos tal como Freud os analisa: há aí todo um aspecto maquinaria, produção de desejo, unidades de produção. (GUATTARI in DELEUZE³³, 1992, p. 26).

Dessa forma, nota-se que os autores refutam alguns de seus importantes fundamentos, embora não invalidem a obra freudiana como um todo.

Não podemos passar ao tópico seguinte sem marcar certo posicionamento na direção de nossa pesquisa. Se, numa análise inicial e de passagem sobre o princípio freudiano da pulsão de morte, comparamos propositadamente o ponto de vista de Reich e o de Deleuze e Guattari de maneira a buscar uma similitude, mostramos que a própria teoria de Deleuze e Guattari conduz-nos num outro rumo. A esquizoanálise e a filosofia da diferença levam-nos a deixar de lado uma espécie de movimento pendular que privilegiasse “convergências” ou “desacordos” entre o enfoque de Reich e de Deleuze e Guattari para aderirmos a uma estratégia provocativa, em que fragmentos de escritos de Deleuze e Guattari possam intervir, afetar, embaralhar

³² Caberia relacionar o “Corpo sem Órgãos” de Deleuze e Guattari a determinados encaminhamentos do trabalho clínico realizada por seguidores de Reich? Houve a prudência recomendada pela esquizoanálise? Deixaremos o desenvolvimento dessas questões para futuras investigações.

³³ Trata-se aqui de frase de Guattari extraída do livro *Conversações* de Deleuze (1990/1992). Essa obra reúne entrevistas concedidas por Gilles Deleuze ao longo de quase 20 anos. No caso da entrevista a respeito de *O Anti-Édipo*, Guattari também participa e foi o autor das frases citadas.

conceitos reichianos, não sem correr o mesmo risco. Tentaremos incorporar à nossa investigação uma proposta igualmente crítica e combativa, que em sua própria execução abra espaço para o intento a que queremos evidenciar.

A temática da “crença na humanidade” dará continuidade à explicitação de um tipo de pensamento que tenta subverter-se a si mesmo.

3.2.2 Aposta na humanidade

A nosso ver, as formulações reichianas e esquizoanalíticas acenam para uma espécie de confiança na vida e na possibilidade de que os seres humanos criem saídas e alternativas aos modos hegemônicos de existência. Esse tipo de aposta sugere a existência de zonas de vizinhança e também de desacordo entre as obras de nossos autores. Todavia, a fim de examinar esses contornos e nuances, apresentam-se-nos algumas indagações. Que elementos norteiam esse posicionamento? Que distinções entre o pensamento de Reich e aquele elaborado por Deleuze e Guattari deverão ser marcadas? Que afetações poderão ser produzidas?

Com vistas a responder a essas questões, partiremos de algumas formulações reichianas que nos parecem ilustrar a idéia de crença na humanidade. E, para seguir o mote de promover o encontro e enlear a produção de Reich à da esquizoanálise, incluiremos noções de Deleuze e Guattari; veremos assim as diferenças apontadas e como elas poderão comunicar-se. Dessa forma, os enfoques serão cotejados à medida que avançarmos nas discussões.

Em relação à esquizoanálise, caberá trazer à pauta as condições presentes no tratamento do tema da confiança nos seres humanos. Buscaremos alternativas para encaminhá-lo segundo a perspectiva de Deleuze e Guattari e veremos se tais circunstâncias convocarão novos temas para o debate com a proposta de Reich.

Na elaboração teórica reichiana, torna-se possível vislumbrar a construção de uma coletividade capaz de buscar soluções criativas para os seus problemas. Um exemplo das palavras de Reich (1942/1995):

Deve salientar-se que a atitude de Freud apenas refletia a atitude geral básica dos cientistas acadêmicos: não tinham confiança na possibilidade de uma auto-educação democrática, nem na capacidade mental das massas. Por isso, não fizeram nada para minar as fontes da ditadura. Desde o início da minha atividade no campo da higiene mental, tornou-se cada vez mais arraigada na minha mente a idéia de que a felicidade cultural em geral e a felicidade sexual em particular são os conteúdos reais da vida, e deveriam ser o objetivo de uma política efetiva do povo. Todos, inclusive os marxistas, se opunham a essa idéia. Mas a descoberta que eu fizera na profundidade do organismo humano valia mais que todas as objeções, dificuldades e reservas. (p. 183).

Vemos que Reich critica o posicionamento resignado e expõe sua asserção de articular questões da vida às verdadeiras preocupações da ciência e da política. Em outra passagem do mesmo livro em que continua a contestar a visão freudiana — especificamente a consideração dos impulsos destrutivos como primários —, temos novamente sua particular resposta:

A conclusão era irrefutável: *o anseio do homem pela vida e pelo prazer não pode ser aniquilado, enquanto o caos social da sexualidade pode ser eliminado*. [...] é necessário distinguir as necessidades *naturais* da felicidade e os impulsos secundários *anti-sociais*, produzidos por uma educação compulsiva. Os impulsos secundários inaturais e anti-sociais requeriam, e continuam a requerer, a coibição moral. Entretanto, a satisfação de necessidades naturais pode ser governada pelo princípio da liberdade, pelo princípio da “vida sem tabus”, se preferem. (REICH, op. cit., p. 189; itálicos originais).

A solução reichiana considera, portanto, “a satisfação de necessidades naturais”, o “princípio da liberdade”, que expressam o crédito na potência humana. Numa outra publicação, ao discutir o tema da política, Reich assevera: “[...] creio de verdade que seja possível substituir a política por uma forma diferente de liderança das massas” (1953/1976, p. 76), mostrando que sua esperança estende-se também à capacidade das pessoas de organizarem-se coletivamente.

Com efeito, estudiosos da produção reichiana realçam a importância da confiança na humanidade em sua obra. Bellini (1993) destaca a epígrafe usada por Reich em seus trabalhos — “O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes da nossa vida. Deveriam também governá-la” — como uma “resposta otimista e serena” (p. 45) às turbulências emocionais,

rejeições e perseguições que sofreu. Wagner (1996, p. 118) refere-se à “esperança” reichiana de que os homens consigam “retomar o contato com sua natureza animal” e articular suas necessidades aos interesses da sociedade. Barreto (2000a) explica que, para Reich, os afetos e as paixões humanas são favoráveis e suficientes para garantir a convivência em sociedade, desde que sejam respeitados em sua manifestação e não reprimidos.

Seguindo tais pesquisas, consideramos as proposições reichianas de auto-regulação e de caráter genital como claras ilustrações desse crédito na possibilidade de transformação dos homens e na construção positiva da sociedade. Iniciaremos nossa exposição com a primeira delas.

Todavia, faz-se necessário um esclarecimento prévio. Ao contrário da noção de caráter genital, detidamente explicada por Reich, desconhecemos em sua obra um texto exclusivamente dirigido ao assunto da auto-regulação, altamente relevante em sua teorização. A pesquisa de Bellini (1993) confirma que “Em Reich, auto-regulação não será um conceito formalizado, será um axioma [...]” (p. 54), ou seja, uma proposição norteadora de seu pensamento e de sua pragmática.

Uma aplicação do princípio de auto-regulação pode ser observado na descrição reichiana do caráter genital. Em suas palavras:

A auto-regulagem segue as leis naturais do prazer; não é apenas compatível com os instintos naturais: é, funcionalmente, idêntica a eles. [...] A auto-regulagem elimina a energia de um desejo irrealizável, transferindo-o para um objetivo diferente, ou para outro companheiro. Alternando constantemente entre tensão e relaxação, é coerente com todas as funções naturais. [...] A estrutura econômico³⁴-sexualmente regulada realiza o seu trabalho em harmonia com os interesses sexuais, alimentada por grande reserva de energia de vida. [...] A pessoa com uma estrutura auto-regulada e não se adapta à parte irracional do mundo; insiste na satisfação dos seus direitos naturais. Parece doente e anti-social aos moralistas neuróticos. Na realidade, é incapaz de praticar ações anti-sociais. Desenvolve uma auto-confiança natural baseada na sua potência sexual. [...] Para a pessoa que

³⁴ A perspectiva econômica do funcionamento psíquico “qualifica tudo o que se refere à hipótese segundo a qual os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, susceptível de aumento, de diminuição, de equivalências” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 167). Reich utiliza esse ponto de vista a partir da concepção freudiana de determinado período, tema que não integra os objetivos desta pesquisa.

tem uma estrutura genital, a sexualidade é uma experiência de prazer, e nada mais. O trabalho é uma atividade agradável e uma realização. [...] A pessoa econômico-sexualmente regulada é capaz de fechar-se em uma situação e abrir-se em outra. Tem o controle de sua couraça, porque não precisa coibir impulsos proibidos. (1942/1995, p. 159-160)³⁵.

Percebe-se que Reich inicia esse trecho referindo-se à auto-regulação (“segue as leis naturais do prazer”, “é idêntica” aos instintos naturais) e logo passa a aludir ao caráter genital (“a estrutura econômico-sexualmente regulada”, “pessoa que tem uma estrutura genital”). Mesmo assim é possível extrair indícios do que postula como “auto-regulação”, a saber, certa capacidade humana espontânea de modular seu funcionamento para atender a seus próprios instintos e leis naturais e, simultaneamente, adaptar-se à realidade, transformando-a quando necessário. Sua ação segue as leis do prazer e intercala tensão e relaxamento, o que caracteriza um movimento pulsátil e adaptável à situação vivenciada.

No intuito de ampliar a compreensão desse postulado de auto-regulação — central para Reich à medida que abandona teses psicanalíticas (ALBERTINI, 1994), aproximadamente a partir de 1927 e, principalmente, após 1940 — voltamos-nos aos elementos destacados nas investigações dos comentadores de sua obra, que tentam apreender os contornos dessa importante formulação reichiana.

Dadoun (1975/1991) define auto-regulação como “um conjunto coordenado de mecanismos internos que utilizam espontaneamente energias específicas do organismo” (p. 34). Refere-se também a uma “competência espontânea” ao exaltar sua utilização na prática psicoterápica reichiana:

Mas é sobretudo em sua atividade de psicanalista, de clínico, que Reich retoma o princípio de auto-regulação como presença concreta, original, eficaz. [...] descobre no indivíduo uma capacidade maior para a autonomia, para a realização de equilíbrios dinâmicos, flexíveis, uma melhor regulação — auto-regulação — de sua existência: no trabalho, no amor, nas relações com os outros; tudo acontece como se o afrouxamento da “couraça caracterial” liberasse uma espécie de competência espontânea, uma aptidão para

³⁵ Nessa citação, Reich compara a “regulagem moralista” presente no indivíduo de caráter neurótico à “auto-regulagem econômico-sexual”, característica do caráter genital (1942/1995, p. 159). Optamos pela exclusão das frases que se referem à estrutura psíquica moralista para priorizar os temas da auto-regulação e do caráter genital.

autodeterminar-se, aniquilada, atrofiada ou neutralizadora pela influência das instituições sociais e dos modelos culturais (DADOUN, 1975/1991, p. 35).

Dessa forma, o objetivo terapêutico passa pela restituição da possibilidade de auto-regulação dos seres humanos. Dadoun ressalta ainda que, para Reich, essa noção não se restringe à esfera individual e opera nos campos sexual, social, político, governando a totalidade das ações humanas. Permeia, igualmente, a saída apontada contra a coerção exercida pelas forças dominantes e instrumenta a crítica reichiana à cultura, que neste trabalho denominamos de seu combate cultural.

Bellini (1993) define a auto-regulação reichiana como “sabedoria do corpo” (p. 78-79), agenciamento de valores que produz o bem-viver prazeroso e o movimento de expansão afetiva. Com esse conceito, a autora infere que o sentido da vida para Reich consistiria justamente na “vontade de existir, de batalhar a equilíbrio orgânica básica, a auto-regulação” (p. 238). Responsabilidade, cooperação e autonomia dirigem a democracia social do trabalho, uma outra noção reichiana que é compreendida por Bellini (1993) como a extensão social da noção de auto-regulação, pois requer a capacidade coletiva de auto-gestão. Em sua visão, Reich contraria preceitos cristãos e capitalistas justamente ao pressupor seres humanos voltados à busca do prazer de viver, capazes de adaptarem-se às condições da existência e também de transformar o mundo. Por conseguinte, a perspectiva de Dadoun (1975/1991) mostra-se acertada ao apontar que a proposição de auto-regulação articula âmbitos diversos.

Em razão de sua origem na biologia, a noção de auto-regulação foi relacionada aos processos de “[...] homeostase – ‘equilíbrio estático’³⁶ - e a homeorrese – ‘equilíbrio dinâmico’” (BELLINI, 1993, p. 257) dos subsistemas diversos de um organismo. Cabe esclarecer que, no caso da formulação reichiana, a busca por um “equilíbrio” ou “ordenação” torna-se possível apenas numa dimensão provisória, em que haveria uma constante mutação.

³⁶ Dadoun (1975/1991), ao abordar o tema da auto-regulação, cita uma conceituação de homeostase que inclui “equilíbrios dinâmicos” (p. 34), e não estáticos. Preferimos adotar o emprego do termo segundo as pesquisas de Bellini (1993).

Dadoun menciona “uma preocupação fundamental de Reich em eliminar qualquer recurso relacionado ao finalismo” (1975/1991, p. 35).

Essa alternativa também é apresentada por Rego (2005), ao discutir a idéia de retorno a um estado ou equilíbrio original, presente no conceito de homeostase, relacionado à auto-regulação. O pesquisador explica que tal conceito, ao trazer uma idéia de restauração de um estado para corrigir um desvio, foi sendo substituído nas investigações mais recentes da biologia. Mesmo assim, valendo-se de pesquisas recentes da fisiologia e embriologia, assevera que “não se pode usar a idéia de homeostase para deduzir que os mecanismos biológicos não fazem nada mais do que ‘constantemente repetir o mesmo curso da vida’” (p. 76). Afirma não haver conservadorismo ou inércia em tais mecanismos e sim uma sucessão de estados e alterações. Em relação ao processo contínuo de mudanças presente nos organismos vivos, menciona também a noção de “homeorese”, que traz a configuração de uma adaptação em favor da reprodução e da sobrevivência. A alusão a uma “inércia” teria sentido apenas nos processos em que organismo tenta evitar alterações que ameacem sua vida. Portanto, a idéia de “ordenação de um processo que vai se alternando continuamente numa direção programada” (p. 77) ou “homeorese” estaria mais afinada ao conceito reichiano de auto-regulação e atenderia a preocupação de Reich de escape ao finalismo.

Contudo, na visão de Câmara (1998), o equilíbrio presente na noção de auto-regulação proposta por Reich opõe-se à visão esquizoanalítica de que não haveria a possibilidade de um equilíbrio estrutural, mas desorganizações e rupturas que produzem novos acontecimentos. Nas palavras do autor,

Auto-regulação implica em equilíbrio, que é função da carga e descarga energética no organismo. Assim, enquanto Reich busca harmonia, Deleuze elege o desejo como propiciador de fluxos que tudo atravessam. (p. 21).

Para aquele “lugar” deveriam marchar todos os corpos. É a naturalização das ações, o aprisionamento mascarado de libertação (o “abraço genital”), o caminho irrecusável, inexpugnável e fatalista, é o retorno do *mesmo*. Este é, em Reich, o caminho para a auto-regulação e a harmonia. Entretanto,

questiona-se: e se a busca for a da verdade e do desejo “não regulável”? E se a entrega for outra que não a genital? (p. 31, itálico do autor).

E, em oposição ao conceito de auto-regulação, propõe o enfoque deleuziano dado à produção do desejo, “como alavancador da inovação, do disforme, do simulacro, do fantasma que foge ao presente, do invólucro” (CÂMARA, 1998, p. 26). Em sua leitura, tal abordagem, diversamente do que encontra na formulação reichiana, apresenta uma alternativa que traria um caráter “inusitado” ou “inovador”. Logo, se, observamos um crédito dado aos seres humanos e que de alguma forma enreda Reich, Deleuze e Guattari, Câmara nota divergências nas perspectivas apresentadas para escapar à infelicidade: “Ora, o que é em Reich o caminho esperado para a auto-regulação e a harmonia, para Deleuze poderia ser a supressão do inesperado” (1999, p. 82).

Discordamos parcialmente dos argumentos do autor. Se parece haver a atribuição a Reich de postular um estado ideal a ser alcançado, um patamar estável, ausente de oscilações ou desvios, com a noção de homeose há que se questionar a sustentação da crítica de Câmara (1998). No processo de auto-regulação, as alterações dos organismos não almejam a busca de um estado ou “lugar”, como menciona, mas podem expressar uma “capacidade de reinvenção”, para usar palavras de Deleuze e Guattari. As concepções de “fluxo” ou de “movimento” podem favorecer o entrelaçamento que ambicionamos realçar, em desacordo à distância apontada por Câmara às abordagens de Reich, Deleuze e Guattari.

Entretanto, se privilegiarmos a idéia de “direção” previamente programada para as mudanças, presente na definição de homeose e, conseqüentemente, na de auto-regulação, consentimos que há uma diferença crucial em relação à perspectiva da esquizoanálise, pelos motivos explicitados por Câmara (1998). Esse ponto de vista encontra fundamentação nas palavras de Reich anteriormente citadas³⁷, quando assinala que “A auto-regulagem segue as leis naturais do prazer [...]” (1942/1995, p. 159). A existência prévia dessas leis, voltadas à busca

por prazer poderiam sim, de acordo com o enfoque de Deleuze e Guattari, trazer uma idéia de determinação ou, dito de outra maneira, do estabelecimento de pontos de partida e de chegada na teorização reichiana. Wagner (1996) demonstra a ligação necessária entre auto-regulação e prazer orgástico:

[...] Para Reich, o orgasmo é uma necessidade biológica, e por isso não admite representação e realização substitutiva. Como necessidade, o orgasmo é função de reequilíbrio (auto-regulação) do organismo. Caso o reequilíbrio não possa ser alcançado pela descarga orgástica, isto é, se a libido for reprimida em seu curso natural, o princípio de auto-regulação estará rompido e a libido (substrato das pulsões sexuais) irromperá como manifestação biopática. (p. 102).

Longe de pretender seguir as pesquisas reichianas destinadas à questão do orgasmo, o que temos nessa passagem já é suficiente para constatar a postulação reichiana de um caminho indispensável: para que ocorra a auto-regulação, o prazer orgástico é requerido. É importante marcar essa distinção em relação à proposta da esquizoanálise, contrária à indicação de qualquer percurso às atividades humanas.

Todavia, a questão mostra-se ainda mais complexa. Mostramos, no tópico “2.1 – Publicações sobre Reich, Deleuze e Guattari”, estudiosos que igualmente tangenciam o tema, embora com abordagens distintas. Matrajt (2002) compreende Reich, Deleuze e Guattari como partícipes de um mesmo movimento na psicologia, movimento esse avesso ao estabelecimento de pontos de partida e chegada para o psiquismo humano. Já Blank (1997) critica a estratégia clínica reichiana baseada no binômio repressão / liberação sexual, o que consistiria, segundo sua visão, no delineamento de um percurso já dado e que privilegia a problemática sexual. Por outro lado, considera a experiência do orgasmo, tal como proposta por Reich, capaz de vivificar as potências do “devir” (BLANK, 1997, p. 61) nos seres humanos. De maneira oposta, Weinmann (2005) afirma que a exaltação do prazer na obra reichiana pode trazer uma idéia determinista em relação ao funcionamento desejoso, diversamente do que encontra no pensamento dos fundadores da esquizoanálise. Mas o autor lembra que “o prazer orgástico é da

³⁷ Ver início deste tópico.

ordem da criação, da permanente invenção de si, do outro e do jogo que liga e desliga, simultaneamente, um ao outro — e o eu a si próprio. É a arte erótica, pautada pela busca das intensidades sensíveis” (WEINMANN, 2005, p. 76).

Se demonstramos, no esteio de Câmara (1998) e Weinmann (2005), o desacordo entre a tese de Reich e a proposta da esquizoanálise no que tange à indicação prévia de direções — prazer orgástico no caso em questão —, não se pode desprezar a investigação de Matrajt (2002), que encaminha o tema num outro rumo. Isso sem esquecer do artigo de Blank (1997) que parece posicionar-se a meio passo, já que aproxima-se do ponto de vista de Câmara (1998) e de Weinmann (2005) no tema da estratégia clínica reichiana, e, no que se refere ao assunto da função do orgasmo, parece assentir com o posicionamento de Matrajt (2002).

Em resposta aos apontamentos que observam certo determinismo em Reich, poderíamos assinalar sua compreensão de auto-regulação — bem como o indispensável prazer orgástico requerido nesse processo — a partir de uma concepção biológica do ser humano, ou seja, como necessidades vitais do organismo. Aqui impõe-se novamente a convocação do tema investigado por Barreto (2007) e que diz respeito ao primado do âmbito biológico sobre os demais na concepção reichiana. Para o autor, é preciso reconhecer a dimensão biológica humana, mas não se pode ampliá-la a uma esfera maior e anterior à cultura, uma vez que não há propriedades isoladas de variáveis sociais. Logo, alerta Barreto (2007, p. 52), “Mais que um saber que revela nossa natureza, a biologia a produz”. Tal predileção reichiana ao campo biológico, designaria mais uma diferença em relação à proposta de Deleuze e Guattari da qual não podemos furtar-nos.

De modo análogo, esse aspecto foi levantado por Dadoun (1975/1991) e diz respeito ao fato de Reich ter estendido universalmente o conceito de auto-regulação. Em suas palavras,

Que Reich se deixe levar, por sua viva imaginação a uma certa “deriva” ontológica, embora seja algo à primeira vista estimulante e atraente, não tem grandes conseqüências. Muito conseqüente, em compensação, nos parece a “extensão universal” com que obstinadamente pratica o princípio da auto-regulação, inscrito no coração, no centro de sua estratégia global de

Economia sexual. [...] Assim como o fluxo libidinal, que, quando circula livre e voluptuosamente, irriga o corpo inteiro, igualmente a auto-regulação, em seu exercício vital, natural, regula necessariamente a *totalidade das atividades humanas* e muito particularmente o trabalho e o conhecimento. (p. 39, itálicos nossos).

Além de valorizar a dimensão biológica, Reich estendeu o princípio da auto-regulação da biologia a outros campos, como a sexualidade e a política, como apontado por Dadoun (1975/1991). Transpôs o princípio biológico “onde funciona de maneira totalmente ortodoxa, cientificamente conforme e nos limites de uma concepção finalista, providencialista, da vida” para a esfera sexual “que permanece o domínio do proibido, do reprimido, do maldito, corroído pelas ideologias e obstruído por pletóricas disputas religiosas e sócio-políticas” (p. 36). Dadoun (1975/1991) ressalta que Reich não se contenta com a “simples extrapolação” e propõe um enlace original entre auto-regulação e sexualidade em outros âmbitos.

O vínculo extremamente forte — originário, energético, estrutural, funcional, que ele propõe entre auto-regulação e sexualidade surge, no campo político, ideológico, epistemológico, onde passa a funcionar, como algo inaudito, escandaloso, assombroso, subversivo, explosivo: ação de desmantelamento, ataque violento contra o sistema de crenças, atitudes, concepções e visões de mundo que constituem a nossa cultura. (DADOUN, 1975/1991, p. 36).

Tal procedimento remete-nos diretamente ao livre uso de conceitos presente na esquizoanálise, que outorga e realiza, com tenaz rigor, a possibilidade de extensão e troca de definições entre campos do conhecimento. Essa “composição de fragmentos tomados de diversos saberes e de diferentes práticas” (BAREMBLITT, 1998, p. 107), efetuada por Deleuze e Guattari, não se restringe ao universo acadêmico ou científico, mas abrange termos e noções literárias, místicas e populares. Ao abordar a vocação transdisciplinar da esquizoanálise, Barembritt afirma que o intuito seria “penetrar nos mesmos para infundir-lhes novas dimensões” (1998, p. 107). Explica que Deleuze chega a defender o uso anômalo de conceitos de outros autores e, pelo fato de ter sido detentor de uma erudição que lhe permitia circular entre teóricos das artes, da filosofia e das ciências, tomava muitas idéias de empréstimo, ainda que em respeito a eles tenha tido uma disciplina meticulosa nas citações bibliográficas. Mas

quais seriam as condições para esse uso de formulações alheias? Em primeiro lugar, sempre em relação ao problema trazido à pauta, à urgência da experiência que está sendo abordada. Também no intuito de provocar graus de subversão ao pensamento alheio, ou seja, de fazer dele a nova versão de que é capaz quando submetido ao caso. Além disso, como explicitado acima por Baremlitt (1998), atendendo à necessidade de expressão de uma nova idéia³⁸, ou seja, para que se levante um novo problema e uma nova coordenada teórica manifeste-se e seja colocada em funcionamento. Portanto, não se trata de mera colagem ou transposição e sim de instaurar a submissão dos conceitos aos problemas em questão³⁹.

Por um lado, temos aqui possíveis proximidades com o pensamento de Deleuze e Guattari, em que os mecanismos humanos não são pensados apenas no âmbito psíquico, mas participantes e influenciados por uma rede de atravessamentos político-sociais. E, atendendo às razões demonstradas segundo a esquizoanálise, caberia uma espécie de transposição do conceito biológico de auto-regulação. Porém, a afirmação de Dadoun (1975/1991) dá destaque a uma idéia que pode estar em desacordo com o pensamento de Deleuze e Guattari, a saber, a extensão da noção de auto-regulação a todas as atividades humanas. A posição veemente de Guattari e Rolnik (1986/2005) em relação aos processos ditos “universais”, ainda que destinada à psicanálise, pode auxiliar na elucidação de uma possível divergência:

Estou constantemente repetindo o mesmo refrão: as práticas de produção subjetiva e as referências às cartografias relativas a essas produções são da alçada de agenciamentos os quais estão sempre em vias de ser destruídos e reconstruídos, desfeitos e recolocados em funcionamento. Não são da alçada de processos universais, que seriam os de uma matemática geral do inconsciente, nem de uma corporação especializada de intérpretes do inconsciente. (p. 239).

Marcados alguns elementos de distinção à concepção reichiana de auto-regulação

³⁸ Sobre o assunto da criação de conceitos, ver *O que é a filosofia?* de Deleuze e Guattari (1991/1992).

³⁹ A fim de promover a criação processual de novas subjetividades, Guattari incentiva seus leitores a realizar o mesmo tipo de “aproveitamento” em relação às proposições da esquizoanálise: “Não considero minhas ‘cartografias esquizo-analíticas’ como doutrinas científicas. Assim como um artista toma de seus predecessores e de seus contemporâneos os traços que lhe convém, convido meus leitores a pegar e a rejeitar livremente meus conceitos. O importante nesse caso não é o resultado final mas o fato de o método cartográfico multicomponencial coexistir com o processo de subjetivação e de ser assim tornada possível uma reapropriação, uma autopoiese, dos

segundo a perspectiva da esquizoanálise, em vez de darmos continuidade à discussão dos pontos polêmicos, alguns já exaustivamente clarificados, preferimos seguir numa outra direção. Como lembra Orlandi (2003), Deleuze coloca que, para explorar o que chama de um campo empírico-transcendental, “a primeira advertência é desconfiar de pontos de vista sobrepostos em relação a este ou àquele campo de estudos; trata-se de, com cuidado e operações especiais, colocar-se à disposição das emissões daquilo que se estuda” (p. 93). Justamente numa tentativa de instaurar “refinamentos táticos da disposição de *contemplan* e *contrair* as intensidades de *x*, as pulsações de uma questão, as intensificações que determinado problema exala em sua pauta de efetuações” (ORLANDI, 2003, p. 93, itálicos originais), indagamo-nos: que bom encontro poderia ser produzido? Que idéias de Deleuze e Guattari captariam e instigariam a máxima potência da noção de auto-regulação? Para isso, adotaremos uma leitura dessa formulação de Reich que privilegia uma “espécie de ‘racionalidade instintiva’” (ALBERTINI, 1994, p. 69), em que “a vida é capaz de encontrar por si a boa resposta” (op. cit., p. 70), ou, quem sabe, formular novas perguntas disruptoras do desejo. Referimo-nos à auto-regulação como a possibilidade de “‘viver a verdade e o desejo’ como forma mobilizadora para a transformação de si e do social” (CÂMARA, 1998, p. 29), numa passagem em que provavelmente são postos como aliados, Reich, Deleuze e Guattari.

A nosso ver, uma reverberação potente seria criada se ligarmos à pressuposição da existência dessa força vital transformadora — auto-regulação para Reich —, a noção de metaestabilidade, advinda da leitura de Deleuze à obra de Simondon, filósofo francês que viveu de 1924 a 1989.

Orlandi (2003) alude ao tema da metaestabilidade ao desenvolver o mote da individuação de acordo com Simondon e Deleuze, empreendimento que sinaliza a investida aos “domínios empírico-transcendentais”. Em suas palavras acerca dos sistema metaestáveis:

meios de produção da subjetividade”. (GUATTARI, 1992, p. 23-24).

Assim, para transduzir o indivíduo, devo perguntar, por exemplo, pelo sistema no qual está ele tomado no exercício de sua própria individuação, sistema dito *metaestável* (nem estável, nem instável), sistema metaestável de *singularidades pré-individuais*; devo perguntar pela ação dos *dísparos*, pela *disparação* entre pelo menos duas “escalas de realidades dísparos”, disparação que, para Deleuze, “define essencialmente um tal sistema”, sistema que implica, portanto, uma “estado de dissimetria”, uma “diferença fundamental”. E como devo perguntar pelo “*problema* colocado pelos dísparos”? Devo fazê-lo indiretamente, capturando a própria operação de individuação como passagem que *resolve*, na composição do indivíduo, um *campo problemático pré-individual*, campo distendido na agitação dos dísparos. Com ou sem ironia ou humor, devo pensar o indivíduo que vejo como sendo um precário, mutante e mutagênico revestimento de uma individuação que se agita por ser “organização de uma *solução*”, por ser “resolução para um sistema objetivamente problemático”. (ORLANDI, 2003, p. 94; itálicos originais).

Temos como sistema metaestável um estado contingente “de interfusões e extravios” ou “brumoso” (ORLANDI, op. cit., p. 88), em referência a essa dissimetria que caracteriza o indivíduo transitório, que nunca “é”, mas está sempre em estado de individuação. Além disso, num posicionamento que nos parece recorrente na esquizoanálise, há o “devo perguntar por...”, indicativo da necessidade de investigar como funciona, indagar indiretamente, e não pressupor, capturar de antemão. Algo está sendo produzido, exercitado, “em vias de” acontecer.

Num outro trecho, Orlandi (2003) cita uma passagem de Deleuze dedicada à primeira característica do campo transcendental e que oferece mais indícios sobre o tema da metaestabilidade:

Em primeiro lugar, as singularidades-acontecimentos correspondem a séries heterogêneas que se organizam em um sistema nem estável nem instável, mas “metaestável”, provido de uma energia potencial em que se distribuem as diferenças entre séries. (A energia potencial é a energia do acontecimento puro, ao passo que as formas de atualização correspondem às efetuações do acontecimento). (DELEUZE, 1969, citado por ORLANDI, 2003, p. 96).

Observa-se a menção a um tipo de energia potencial, explicada em seguida como sendo a do “acontecimento puro” e que possui “formas de atualização”. Ainda que Deleuze refira-se ao “acontecimento” — assunto que mereceria um desenvolvimento particular e que não será realizado em razão dos propósitos de nossa dissertação — é possível apreender a existência de certa energia que se realiza no sistema metaestável. Arriscamo-nos a relacioná-la à idéia

deleuziana de intensidade pura, de campo intensivo, mencionadas num outro momento do mesmo texto de Orlandi (2003):

Esses dinamismos supõem sempre um campo no qual eles se produzem, fora do qual eles não se produziram. Esse campo é intensivo, isto é, implica uma distribuição em profundidade de diferenças de intensidade. Ainda que a *experiência* nos coloque sempre na presença de intensidades já desenvolvidas em extensos, já recobertas por qualidades, devemos conceber, precisamente como *condição da experiência*, intensidades puras envolvidas numa profundidade, num *spatium* intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso. (DELEUZE, 1967, citado por ORLANDI, 2003, p. 11⁴⁰; itálicos originais).

Nesse lançamento à intensidade, são deixadas de lado qualidades já dadas, prevalecendo uma certa “aposta”, para lembrar o título deste tópico, no que irá acontecer na experiência. Não se pode esquecer que há um “sistema” metaestável, um “campo” intensivo, visto que, para Deleuze, há sempre um jogo de forças em questão, em comunhão ao enfoque reichiano de auto-regulação que congrega âmbitos diversos, como já explicitado.

Em síntese, alguns elementos dessa idéia deleuziana podem enlevar a noção de auto-regulação e, quiçá, potencializar esse postulado reichiano: metaestabilidade (para enaltecer graus de incerteza incerteza, ao invés de “equilíbrio dinâmico”); lançamento às intensidades puras da experiência e do encontro; indivíduo como precário, mutante, provisório, em vias de tornar-se; ao qual devemos indagar como funciona; atuante num campo intensivo em que participam inúmeras forças...

Falta, porém, trazer à pauta um tom dado ao tema da metaestabilidade encontrado num texto de Deleuze de 1990⁴¹, portanto, mais de 20 anos após a publicação da maioria daqueles estudados por Orlandi (2003). Em “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”, Deleuze (1990/1992) compara as sociedades disciplinares, pesquisadas por Foucault, às de controle, que substituem as primeiras a partir da Segunda Grande Guerra, de acordo com o autor. Em dois

⁴⁰ O artigo, publicado parcialmente em “O reencantamento do concreto – Cadernos de subjetividade” (2003), foi enviado em versão completa pelo Prof. Dr. Luiz B. Orlandi por email em 17 de outubro de 2008. Por isso, a paginação dessa passagem não segue à original e diz respeito à continuação do mesmo texto.

⁴¹ Referimo-nos a um escrito de 1990 e publicado em português em 1992, no livro *Conversações* que reúne textos e entrevistas concedidas por Deleuze entre 1972 e 1990.

momentos assinala a relação entre as sociedades de controle e os estados metaestáveis, que operam como uma modulação visando à dominação. Em primeiro lugar, traz o exemplo da remuneração:

Os confinamentos [das sociedades disciplinares] são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. Isto se vê claramente na questão dos salários: a fábrica era um corpo que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários; mas numa sociedade de controle a empresa substituiu a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás. Sem dúvida a fábrica já conhecia o sistema de prêmios, mas a empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário, num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos. (DELEUZE, 1990/1992, p. 221; *italicos originais*).

Logo à frente, refere-se ao funcionamento dessas sociedades:

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal. (DELEUZE, 1990/1992, p. 221-222).

Vemos que denuncia o “estado metaestável” como um ardil das sociedades de controle, em seu processo de “implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação” (DELEUZE, *op.cit.*, p. 225). Deformador sombrio, voltado à modulação dos seres humanos, conduz a uma constante e infindável auto-superação. Como esclarece Blank (1997), “Metaestabilidade na medida que nunca se alcança um patamar, algum lugar onde se possa dizer ‘basta’.” (p. 57).

Portanto, se inicialmente relacionamos componentes da discussão deleuziana sobre metaestabilidade à proposição reichiana de auto-regulação, é preciso mostrar que há complicadores, brechas ou “rachaduras” para os esquizoanalistas. Se se diz usualmente “capacidade auto-regulatória”, justamente para realçar sua possibilidade construtiva e existente nos organismos vivos, acerca da metaestabilidade talvez pudéssemos aludir não a algo já presente, mas a uma “estratégia”, algo a ser implementado, seja pelas sociedades de controle, seja como tentativa de resistência. Logo, a compreensão que privilegia a metaestabilidade do

movimento permanente de todas as coisas, em sua coexistência num determinado campo problemático, observa também o movimento modulatório das sociedades de controle. E Deleuze (1990/1992) comenta: “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. [...] Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (p. 220). Resta saber se a metaestabilidade pode apresentar-se como uma delas.

Em linha com o conceito de auto-regulação, a crença reichiana nos seres humanos é expressa também na suposição de um “caráter genital”. Reich desenvolve essa figura conceitual para mostrar as características do que compreende ser um típico “bom funcionamento”, em contraste àquele indivíduo de “caráter neurótico”. Dedicase a compará-los e a explicar em detalhe quais seriam, em cada um deles, os meios para lidar com a angústia, as diferenças quantitativas na distribuição de energia, a estrutura do ego e do superego e a atuação social. Escolheremos alguns desses aspectos para fundamentar nossa idéia de confiança na humanidade⁴². Todavia, devemos lembrar os esclarecimentos de Reich: “Os caracteres reais representam uma mistura [...]”(1933/1995, p. 172), e também “[...] a variedade das formas de caráter reais entre os dois tipos é infundável” (REICH, op. cit., p. 185), o que significa que a elaboração dos caracteres genital e neurótico consiste numa suposição teórica.

A nomenclatura “caráter genital” destina-se, em linhas gerais, a descrever uma estrutura de proteção e de funcionamento do indivíduo em sua relação com o meio, na qual prevalece o primado genital e a potência orgástica, capacidades necessárias para uma regulação adequada da economia libidinal humana, segundo Reich (1933/1995). Destacamos, nesse postulado, a idéia de que todos os afetos podem ser vivenciados, o que contempla desde o amor entusiasta e a capacidade de entrega no ato sexual até o sentimento de intenso ódio. Reparemos, por

⁴² Para mais informações acerca do conceito de caráter genital, ver o capítulo VIII – “O caráter genital e o caráter neurótico” em *Análise do caráter* (REICH, 1933/1995). Especificamente sobre o conceito de caráter na obra reichiana, sugerimos a consulta aos estudos de Silva, J. R. O. (2001) e de Silva, J. R. O. e Albertini (2005). Uma

exemplo, no que Reich assinala sobre a coragem e a covardia no caráter genital: “Sua coragem não é prova de potência; é motivada objetivamente. Assim, sob certas condições — uma guerra que ele acha injusta —, não terá receio de ser chamado de covarde e defenderá sua convicção” (REICH, 1933/1995, p. 175). Portanto, a reação emocional do caráter genital diz respeito aos fatos experimentados em sua vida real. De maneira análoga, a sociabilidade caracteriza-se por uma orientação realista para a vida e pode expressar uma atitude inconformista ante os modos dominantes de existência, contribuindo ativamente para a construção de uma coletividade mais produtiva. Ademais, o caráter genital possui elevada disposição para o trabalho e para as atividades sociais e igualmente consegue usufruir do descanso.

Entendemos essa pressuposição reichiana de que os indivíduos podem exercer sua plena capacidade afetiva, sexual, profissional e política como uma expressão de sua crença nos seres humanos. Se por um lado, na formulação do caráter genital a perspectiva adotada é a teórica, pois trata-se de uma digressão, Reich (1933/1995) assinala a existência, em todos os seres humanos, de componentes desse funcionamento. E, se um caráter genital “puro” inexistente, nota-se, na humanidade, elementos de um tipo de funcionamento genital — e aqui temos o principal ponto que almejamos ressaltar — baseado e direcionado à experiência. Seja a figura conceitual do caráter genital, sejam os seres humanos em seus traços genitais, todos eles, voltam-se para a vida, para os acontecimentos que se lhes impõem, e não a traumas do passado. Percebe-se que Reich concebe como o máximo da saúde ou da potência — caráter genital — aquele indivíduo dirigido à vida real. Algo da idéia deleuziana que Pelbart (2000) evidencia de uma “[...] porosidade ao excesso, abertura e permeabilidade àquilo que uma gorda saúde, uma autosuficiência acabada, madura, fechada, concluída, funcionando bem demais, jamais poderia acolher, abrigar, favorecer” (p. 65). Weinmann (2006) alude à uma possibilidade quando pontua que “Caráter genital não é um tipo psicológico ideal — uma norma —, mas uma

comunicação com a proposta da esquizoanálise pode ser iniciada a partir da breve discussão presente no artigo de Blank (1997).

virtualidade do eu, a possibilidade de um sujeito experimentar-se em suas fronteiras, lá onde ele deixa de ser quem é” (p. 13).

E, nas palavras do próprio Reich, vemos que a transformação almejada em seu anseio pela felicidade implica necessariamente num tipo de “produção”:

Fui acusado de ser um utopista, de querer eliminar do mundo a insatisfação e salvar apenas o prazer. Entretanto pus o preto no branco ao afirmar que a educação convencional torna as pessoas incapazes para o prazer – encorajando-as contra o desprazer. *O prazer e a alegria da vida são inconcebíveis sem luta, sem experiências dolorosas e desagradáveis auto-avaliações.* A saúde psíquica [...] caracteriza-se pela alternância entre a luta desagradável e a felicidade, entre o erro e a verdade, entre a derivação e a volta ao rumo, entre o ódio racional e o amor racional; em suma, pelo fato de se estar plenamente vivo em todas as situações da vida. (REICH, 1942/1995, p. 174-175, itálicos originais).

Repetimos “estar plenamente vivo em todas as situações da vida” para mostrar que possui algo da acolhida esquizoanalítica ao acontecimento.

A fim de cooperar para a dissolução de um olhar sobre a proposição reichiana de caráter genital que enaltece uma tipologia, a existência das polaridades “caráter genital” e “caráter neurótico” ou ainda o “caráter genital” enquanto uma representação transcendente que propõe um território demarcado, aventuramo-nos então num exercício esquizoanalítico. Na linha aberta por Deleuze (1990/1992, p. 220) de “buscar novas armas” talvez coubesse pensar na possibilidade de conceber o caráter genital “em nós”. Parafraseando a asserção da esquizoanálise sobre o Corpo sem órgãos, instaurar uma pragmática afirmativa da vida voltada a indagar: “Como criar para si um caráter genital?” ou ainda, “Que tipo de caráter genital intensifica o seu funcionamento desejoso?”. No intuito de valorizar o limite interminável que a sucessão de estados e afetos do caráter genital pode produzir, deixemos aberta a pergunta.

Vimos que, para Reich, a raiz da neurose encontrava-se na impossibilidade da satisfação sexual plena e assim considerava fundamental o desenvolvimento do que chamou de “potência orgástica” — entrega total no relacionamento amoroso —, para a promoção de indivíduos sadios, confiantes e politicamente ativos. Longe de restringir-se à sexualidade, essa idéia de

envolvimento integral estende-se a todas as atividades da vida humana. Nas palavras do próprio Reich, “Viver na plenitude é se abandonar ao que se faz. Pouco importa que se trabalhe, que se fale com os amigos, que se eduque uma criança, que se escute uma conversa, que se pinte um quadro, que se faça isso ou aquilo” (1982, p. 32). Portanto, a entrega refere-se a “estar plenamente vivo” (REICH, 1942/1995, p. 175) no sentido de “presente”, “ligado”, implicando no que Albertini (1997) chama de “ética da intensidade” (p. 63). Fuganti (2001), apesar de não referir-se diretamente a essa proposição reichiana, alude a um “modo de vida ético” (p. 12) “sinalizado pela alegria” (p. 13) e que “instiga o ser pela potência” (p. 12), idéias que favorecem a dimensão que queremos exaltar. Vejamos sua interessante definição de ética, inspirada em Deleuze e entre outros pensadores:

Chamamos *ética* [...] a uma *capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa de selecionar, nos encontros que produzimos, algo* que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência condicionada pelo social ou pelo poder, na direção de uma *experiência libertadora*, num aprendizado contínuo. (FUGANTI, 2001, p. 15; itálicos originais).

Com essa visão, podemos afirmar que Reich trabalhou em várias frentes em prol de uma ética da existência humana.

Ressaltamos, então, na obra reichiana, representada aqui no conceito de auto-regulação e na proposição de um caráter genital, em conexão à proposta de Deleuze e Guattari, a confiança na capacidade de sobrevivência e de reinvenção humana que se viabiliza no contato entre as pessoas. Ao discorrer sobre a formulação reichiana de auto-regulação, Bellini (1993) assevera: “Essa ‘sabedoria’ – sabedoria do corpo e de valores – permitir-nos-ia o movimento de expansão do ser para fora, emoção no sentido literal” (p.78-79). Ora, possibilidade de afetação e vulnerabilidade ao outro são temas presentes no pensamento de Deleuze e Guattari. Rolnik (2006)⁴³, estudiosa da esquizoanálise, atesta que “Saber do mundo, nesse caso, é colocar-se à escuta desta sua reverberação corporal, impregnar-se de suas forças silenciosas, misturar-se com elas e, nesta fusão, reinventar o mundo e a si mesmo, tornar-se outro” (p. 13).

Se é no contato que a capacidade auto-regulatória se viabiliza, se o caráter genital volta-se à experiência real, preferimos a perspectiva que enleva, no pensamento reichiano, a concepção relacional. Se Reich refere-se a indivíduos potentes, no que tange ao debate com a obra de Deleuze e Guattari, consideramos mais propícia o desenvolvimento de sua teorização que alude a “encontros potentes” (ALBERTINI, 1997, p. 62) e à “ética do encontro” (GONÇALVEZ BOGGIO, 1999, p. 41). Para Garrido Fernández (2007), a esquizoanálise estabelece uma guerra contra o conceito de “eu”, assunto tratado num excerto de Fuganti (2001) que novamente vem trazer o tom que almejamos realçar:

No mais profundo de nosso ser e na mais superficial das nossas superfícies de ser, somos não uma unidade ou identidade formal como um *eu*, mas multiplicidades singulares sem sujeito. No entanto, quanta potência, quanta diferenciação, quanta generosidade nesses modos próprios e singulares de ser! (p. 14; itálico original).

Ao discorrer sobre o prazer orgástico, Weinmann também refere-se ao “encontro” e questiona a proposição de individualidade:

É o encontro inusitado e imprevisível, sem nome, rosto, história — como em *O Último tango em Paris*. É transgressivo, no que concerne às modernas práticas de subjetivação, que acentuam a constituição de individualidades perfeitamente delimitadas e idênticas a si mesmas (cf. FOUCAULT, 1995a). (WEINMANN, 2005, p. 76; itálicos originais).

E lembra que o psiquiatra e estudioso reichiano José Ângelo Gaiarsa (s.d., citado por WEINMANN, 2005, p. 76, nota de rodapé) caracteriza a potência orgástica como qualidade de uma relação, e não de uma pessoa.

Câmara (1998) aponta, na idéia reichiana de “cerne natural”, uma “concepção essencialista” (p. 24) e a contrapõe à proposta deleuziana de “devir”. Em outras oportunidades, propõe a releitura de “cerne” menos como essência estrutural e mais como “graus de potência e de intensidade” (1999, p. 18) ou “um amálgama de forças, correntes energéticas” (CÂMARA, 2006a, p. 120). Articula o conceito reichiano de entrega plena — “resultante de interconexões entre os homens e a sensação de pertencimento cósmico” (CÂMARA, 2006a, p. 120) —, ao

⁴³ O estudo de Rolnik (2005b) pesquisa a obra da artista Lygia Clark.

bom encontro de Espinosa. Atribui a Reich a busca por bons encontros advindos do amor, do trabalho e do conhecimento (CÂMARA, 1999).

Portanto, as nuances de formulações de Reich, Deleuze e Guattari e de comentadores da produção desses autores que visamos salientar aqui são os encontros; a potência, a afetação e a vulnerabilidade que se dão nas relações. A nosso ver, afiguram-se como uma importante e fértil intersecção.

Apresentados os argumentos em favor de uma esperança reichiana na humanidade, convém investigar as circunstâncias guardadas ao tema segundo a esquizoanálise. Pode-se dizer que há na esquizoanálise uma espécie de confiança na capacidade de produção dos múltiplos agenciamentos subjetivos?

Orlandi (2006) comenta um trecho de *O Anti-Édipo* em que Deleuze e Guattari aliam-se à posição reichiana: “os autores ficam a favor de Reich e Marcuse e não dos que os acusam de ‘rousseauismo’, de ‘naturalismo’, de terem uma ‘concepção demasiado idílica do inconsciente’” (p. 59). A relação de Deleuze e Guattari com o pensamento de Reich tem em vista justamente a confiança em “manter a alegre pulsação do polifônico canto à vida” e lutar contra as grandes potências e contra um “certo servilismo” que nos invade ou habita, como ressalta Orlandi (2006, p. 66). Guattari fala claramente sobre a saída das crises dos nossos tempos e explicita que “toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos”. (1989/1990, p. 56). Numa outra oportunidade, temos sua assertiva de que “O importante é que em toda situação resta – metodologicamente, em princípio – a possibilidade de tentar” (GUATTARI in GUATTARI; ROLNIK, 1986/2005, p. 340). E, se se atribui a esses autores uma atitude afirmativa frente à vida, de fato, temos ainda um outro exemplo do posicionamento de Guattari:

É comum me acusarem de ser exageradamente, bestamente, estupidamente otimista, de não ver a miséria dos povos. Posso vê-la, mas... não sei, talvez eu

seja delirante, mas penso que estamos num período de produtividade, de proliferação, de criação, de revoluções absolutamente fabulosas do ponto de vista dessa emergência de um povo. É isto a revolução molecular: não é uma palavra de ordem, um programa, é algo que eu sinto, que eu vivo, em encontros, em instituições, nos afetos, e também através de algumas reflexões. (GUATTARI in GUATTARI; ROLNIK, 1986/2005, p. 376).

Tais idéias podem conduzir, em parte, a discussão acerca da possibilidade de uma convivência coletiva construtiva na esquizoanálise. Mas é preciso destituir os termos “aposta” e “humanidade”, já que as generalidades são colocadas em questão, operam armadilhas restritivas, de acordo com a esquizoanálise.

Primeiramente em relação a uma aposta, confiança ou crença. Ao contrário de uma idéia abstrata de esperança a priori, trata-se, segundo o referencial de Deleuze e Guattari, de ter razões para isso ou principalmente de inventá-las, empreendê-las a cada problema que se instaura. Somos graus de potência, nossos modos variam conforme disposições geográficas e intensivas. Para Deleuze (1990/1992) “Não se trata em absoluto de reunir tudo num mesmo conceito, mas ao contrário, de referir cada conceito a variáveis que lhe determinam as mutações” (p. 44)⁴⁴.

E sobre a palavra “humanidade”, além das condições já apontadas e que igualmente aplicam-se a esse termo, cabe acrescentar que talvez não se trate de “humanizar” em oposição a “desumanizar”, mas justamente de inumanizar, no sentido de criar uma “zona de vizinhança” à forma humana. Segundo Deleuze e Guattari, somos seres humanos, animais, matérias, intensidades, partículas, enquanto devires. É numa passagem de Deleuze (1993/1997) a respeito da literatura que encontramos uma referência a essa idéia de “devir”:

Escrever não é certamente impor uma forma (uma expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento, como Gombrowicz o disse e fez. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula ou até num devir-imperceptível. [...] O devir não vai no sentido inverso, e não entramos

⁴⁴ Nesse capítulo de *Conversações*, Deleuze (1990/1992) concede uma entrevista sobre a série *Mil platôs*, escrita em parceria com Félix Guattari. Portanto, possivelmente refere-se a formulações produzidas por ambos.

num devir-Homem, uma vez que o homem se apresenta como uma forma de expressão dominante que pretende impor-se a toda matéria, ao passo que mulher, animal ou molécula têm sempre um componente de fuga que se furta à própria formalização. [...] Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de *uma* molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população. (p. 11; itálicos originais).

Segundo Pelbart (2000)⁴⁵, a intenção de Deleuze nesse texto é de liberar a vida de suas formas representadas, constituídas, “sobretudo na forma dominante do eu” (p. 71). É por isso que, numa outra passagem do mesmo texto, Deleuze refere-se a inventar um povo. Como explica Pelbart (2000), não se trata de concebê-lo, representá-lo, descrevê-lo ou de dialogar com ele mas sim de “contribuir para sua invenção” (p. 73). E a explicação que se segue sobre essa invenção, talvez possa ser tomada de empréstimo ao assunto da humanidade:

Trata-se de desmontar uma idéia maciça, molar, majoritária e hegemônica do povo, captando as desterritorializações que o atravessam, os povoamentos minoritários que nele emergem, os devires que aí pululam, as minorias que se forjam o tempo todo no seu interior. Trata-se sobretudo de atentar para os processos de minoração, de diferenciação, de bastardização, de marginalização que o fazem derivar, com todas as línguas menores que o sacodem constantemente forçando-se a reinventar-se. (PELBART, 2000, p. 73).

Inventar uma humanidade em seus devires. Inumanizar, tornar-nos devires que não o modo homem, dominante. Esses seriam os tons, as nuances esquizoanalíticas para o título deste nosso tópico.

E esse “desmonte” de conceitos extensivos operado na esquizoanálise — trazido à pauta em razão da temática da “aposta na humanidade”— justifica a referência ao debate da transcendência e da imanência instaurado por Deleuze e Guattari. Alguns indícios desses apontamentos já foram explicitados quando outros assuntos deste trabalho foram abordados, embora julgamos que caiba marcar um breve delineamento particular.

⁴⁵ O autor observa em Deleuze uma predileção a autores relacionados ao vitalismo, o que pode indicar mais um caminho de pesquisa no enlace à obra de Reich. Em suas palavras: “Os autores que Deleuze gosta, que ele cita, cultiva, utiliza, têm essa característica curiosa – uma estranha relação com o vitalismo” (PELBART, 2000, p. 67). Sobre a influência do vitalismo nos primórdios da produção reichiana, vale conhecer a investigação de Bedani (2007a).

Os autores deixam de lado uma preocupação tradicional da filosofia com a “essência” das coisas, com os ideais transcendentais e profundos, representações a priori, conceitos e modelos universais desvinculados da experiência. Interessam-se pelas circunstâncias, paisagens, múltiplos aspectos de um conceito, que deve referir-se a um acontecimento específico. É por isso que, para Deleuze (1990/1992)⁴⁶, a filosofia tem como tarefa principal a criação de conceitos voltados a uma necessidade, com vistas a liberar sua “força crítica, política e de liberdade” (p. 46). Porém, é imprescindível certa prudência para liberar a potência dos conceitos, atentar-se à materialidade do caso que se impõe. Não cabe procurar as alturas ou a profundidade, mas buscar a lateralidade do pensamento e sua superfície imanente. Orlandi (2003) acrescenta que Deleuze exprime uma nova formulação do transcendental denominada “empirismo transcendental”, justamente para expor um tipo de pensamento articulado à exterioridade, ao fora, à complexidade da experiência, atizando suas forças subversivas. Vale lembrar que Garrido Fernández (2007) celebra, na obra de Deleuze e Guattari, sua força capaz de “asaltar la inmanencia”, à medida que a libera de modos de existência impostos e já dados.

Se o debate a respeito dos temas da transcendência e da imanência não se faz presente da mesma forma na obra de Reich e se em sua produção preservam-se certas generalidades — prática questionada por Deleuze e Guattari —, é importante salientar sua preocupação com a vida humana.

Em momentos diversos de sua produção, nota-se seu desacordo a um tipo de pensamento “árido”, alheio às questões e problemas concretos da humanidade, observado por Reich na academia, na ciência e em organizações político-sociais.

Logo na época de sua formação em Medicina e início de sua carreira profissional, em torno de 1920, Reich (1996) inquietava-se com a erudição um tanto exibicionista manifestada pelos jovens da época:

Ser inteligente é um esporte especial da elite burguesa, especialmente a

⁴⁶ Novamente Deleuze (1990/1992) exprime idéias elaboradas em conjunto com Guattari na série *Mil platôs*.

juventude judaica. A inteligência pela inteligência, ser capaz de conversar com sagacidade, de desenvolver idéias e de filosofar sobre pensamentos de outros eram alguns dos atributos essenciais de uma pessoa que pensava ser alguém. Admito que não estava à altura, embora não fosse burro. Muitas coisas eram obscuras para mim, e algumas até pareciam erradas. Elas contradiziam a minha percepção sobre o que o mundo significava. “O mundo como vontade e representação” era uma idéia maravilhosa, causava-me grande impressão, mas, mas... (p. 80).

Posteriormente, quando já frequentava o meio psicanalítico, Reich (1942/1995) notava a distância estabelecida pelos intelectuais acadêmicos entre a ciência, voltada ao tema da “essência”, em oposição à ideologia, dedicada aos “problemas da possibilidade” (p. 180). Essa lógica abstrata, que separava os campos da vida, era rejeitada por Reich, que preferia adotar uma atitude engajada em relação às implicações práticas da ciência.

Mesmo anos depois, reafirma sua discordância às proposições vagas, desvinculadas da realidade (REICH, 1953/1976). Nessa obra, reavalia sua aproximação com a dura realidade dos trabalhadores, ocorrida em torno de 1930, e o contato com o enorme fosso que a separava do academicismo:

Comecei a sentir agudamente a falta de valor da ciência acadêmica. Muito do que antes tinha um valor para mim começou a entrar em colapso. Ser este tipo de cientista significava praticar um subterfúgio. Como eu poderia continuar cientista, isto é, trabalhar honradamente em ciência e ainda passar por cima dessas realidades? Parecia ser uma das principais funções de muitos cientistas negar tais realidades, ignorando-as”. (REICH, 1953/1976, p. 106).

A mesma distância entre a ciência e a política ficou evidente para Reich em 1931 na Alemanha, quando exprime, anos mais tarde, que “ A atmosfera de conhecimento acadêmico estéril e livresco tornou-se finalmente insuportável. Era ainda mais dolorosa quando encontrada no meio de organizações cuja meta era estabelecer nova fundação para a sociedade alemã” (REICH, 1953/1976, p. 145).

Tal inconformismo reichiano com o alheamento de cientistas, políticos, membros de instituições sociais em relação aos problemas e anseios da população, não seria satisfeito apenas com uma nova teoria que abordasse esses assuntos. Reich, além de valorizar conceitualmente o “pensamento vivo”, vinculado às condições da existência real — a exemplo

de suas teses de “auto-regulação” e “caráter genetal” —, elaborou e implementou diversas ações pragmáticas ao longo de sua atuação profissional, sempre no intuito de alterar e contribuir para que houvesse efetivas transformações na sociedade.

Conheceremos, a seguir, os projetos em que suas esperanças foram, de alguma forma, concretizadas.

3.2.3 Propostas pragmáticas

Dissemos, no início deste capítulo, que Reich, diversamente de Deleuze e Guattari, concedia especial valor à perspectiva científica, uma vez que a considerava a grande saída para as questões presentes da humanidade. Voltaremos no presente tópico ao assunto da filiação reichiana à ciência natural com vistas a responder à pergunta que pode ser assim enunciada: esse referencial foi mantido em suas intervenções de cunho prático?

Sabe-se que Reich teve contínua atuação em frentes concretas que, de alguma forma, dirigiam-se à construção de melhorias da condição humana. Dada a amplitude de seus empreendimentos, mostraremos alguns exemplos de seus recursos pragmáticos, os quais reuniremos, a título estritamente didático, em algumas áreas de atividade. Temos como intento verificar se a busca ou a aplicação de princípios científicos mantém-se nessas ações reichianas.

Justamente o tema da ciência servirá de base para que retomemos o diálogo com o pensamento de Deleuze e Guattari. Tentaremos aclarar a questão acerca da possibilidade de interlocução entre a produção do cientista Reich e a obra desses autores, criadores de uma pragmática filosófica bastante peculiar.

O pensamento crítico de Reich, profundamente enlaçado às condições da vida humana, encontrou formas diversas de expressão concreta no decurso de sua obra e pode ser destacado à luz de sua abordagem globalizante, integral, transdisciplinar, como atestam comentadores de sua obra. Bellini (1993) menciona que, para Reich, o verdadeiro foco da psicanálise deve ser o psiquismo do homem visto enquanto “ser social” (p. 83).

Em linha com a idéia de congregação de diferentes âmbitos, Barreto (2000a) assinala que Reich amplia a noção de neurose ao percebê-la como uma patologia bio-psicológica e portadora de causas sociais, ao contrário da compreensão que priorizava os fatores psíquicos, afetivos e familiares do indivíduo. Essa visão lhe permitiria tratar a questão da saúde mental como um tema relativo à sociedade e, por isso, “sua atividade clínica é necessariamente uma atividade política” (BARRETO, 2000a, p. 13). Se os impulsos destruidores são decorrentes de determinadas condições sociais patogênicas, é possível trabalhar os afetos e as paixões humanas com vistas a criar novas subjetividades, de maneira a favorecer a convivência construtiva e a resistir às estratégias de dominação. Assinala que Reich inaugura a psicologia política ao deslocar o poder das instituições e planos sociais abstratos para a esfera dos afetos, dos relacionamentos humanos:

Reich nos mostra a importância do universo micropolítico dos afetos na criação, sustentação e reprodução das grandes estruturas sociais, de modo que a transformação qualitativa da sociedade capitalista passa necessariamente pelo universo subjetivo dos indivíduos, pela matriz afetiva de poder de cada um, abrindo campo para uma nova prática política a partir da subjetividade e definindo o que denomino de psicologia política. (BARRETO, 2000a, p. 15).

Orlandi (2006) mostra que os criadores da esquizoanálise salientaram a importância da obra de Reich por ter estabelecido tal relação. Menciona Deleuze e Guattari quando afirmam que “Quanto ao conjunto da teoria reichiana, ela tem a incomparável vantagem de mostrar o pólo da libido, como formação molecular na escala sub-microscópica, como investimento das formações molares na escala dos conjuntos orgânicos e sociais”. (DELEUZE; GUATTARI 1972a/1976, p. 370 citado por ORLANDI, 2006, p. 65). Convém brevemente esclarecer que, na

concepção da esquizoanálise, não há distinção ou separação entre o âmbito das pequenas escalas e os grandes níveis orgânicos sociais. Os autores propõem os termos “molecular”, para referirem-se aos miniprocessos de desejo, e “molar”, em relação aos conjuntos sociais mais amplos, com o intento de produzir um pensamento para além da lógica binária, da oposição entre os campos individual e coletivo. É por isso que, simultaneamente à formulação de dois pólos, variam o uso dessa terminologia. Referem-se a eles como “linhas de integração paranóicas, significantes e estruturadas, e linhas de fuga esquizofrênicas, maquínicas e dispersas; ou ainda como o traçado de re-territorializações perversas e o movimento das desterritorializações esquizofrênicas” (DELEUZE; GUATTARI, 1972b/s.d., p. 274), entre outras articulações. Convidam à desconfiança da dualidade de suas categorias, pois concebem o prolongamento e o cruzamento do desejo em suas diferentes dimensões. Afirmam que “as micro-multiplicidades desejanter não são menos colectivas do que os grandes conjuntos sociais, porque são inseparáveis e constituem uma só e mesma produção” (op. cit., p. 273). Por esses motivos, enalteceram a ligação apontada por Reich entre desejo e campo social, assunto que não será extensivamente aqui abordado, mas que exemplifica a extrapolação reichiana de áreas do conhecimento.

A apreciação de Barreto (2007) sobre a relevância da formulação reichiana de “unidade funcional” vem igualmente destacar a transdisciplinaridade de Reich, pois nela “mente e corpo compõem uma unidade, cujas manifestações expressam diferentes facetas de uma experiência comum ao ser humano” (p. 160). Entre as razões apontadas que justificam a importância dessa proposição na produção reichiana encontra-se a visão de homem psicossomático, considerado em suas dimensões biológicas, psicológicas e sociais e que ultrapassa o conhecimento fragmentado das disciplinas. Barreto (2007) relata os processos históricos, políticos e sociais ocorridos desde a Idade Moderna que fizeram com que o corpo fosse rechaçado pelas ciências humanas enquanto objeto de conhecimento. Inclui a psicologia em geral e a psicanálise entre os

saberes que deixaram o corpo em condição marginal, desqualificado em sua dimensão física. Por esse motivo, destaca a importância da visão reichiana que, em vez de compreender o corpo como “coadjuvante dos processos psíquicos superiores” (p. 160) ou secundário, se comparado ao estatuto superior da mente, o concebe, em sua sabedoria intrínseca, como detentor de “papel de destaque na vida humana” (p. 160). Às pesquisas reichianas, o autor acrescenta exemplos de investigações mais recentes da neurobiologia e das ciências cognitivas que confirmam a idéia de uma unidade corpo-mente, como aquelas realizadas por António Damásio, Francisco Varela, Humberto Maturana e Jean-Didier Vincent.

Os estudos desses autores que exaltam a articulação reichiana entre âmbitos variados do saber, — segundo a nossa interpretação, um dos motores de seu pensamento crítico —, contribuem para elevar a compreensão acerca de suas propostas de intervenção. Servem para relativizar o procedimento de apresentação que iremos adotar, no qual localizaremos provisoriamente as atividades de Reich nas esferas clínica, político-social, da pesquisa experimental e da educação. Só para citar um exemplo da precariedade desse esboço de categorização, podemos dizer que suas ações voltadas ao esclarecimento das dúvidas dos jovens acerca da sexualidade, ocorridas aproximadamente entre 1928 e 1933, podem ser entendidas na esfera educativa, uma vez que promoveram o acesso à informação e ao aprendizado. Contudo evidenciam o intento político-social reichiano, no sentido de uma batalha explícita contra os modos que se impunham como hegemônicos no campo da sexualidade e das relações humanas. Portanto, temos em Reich um plano abrangente, no qual suas atividades inserem-se em uma concepção dos afetos humanos não apenas restritos ao campo do psiquismo, mas intrínsecos aos campos da educação, da sexualidade, da biologia, da política e da cultura.

Em linha com essa idéia de um amplo projeto, alguns pesquisadores realçam nessas mesmas propostas a preocupação de Reich com a prevenção das neuroses. Albertini (1994)

alude, além da idéia já apresentada de um “enfoque globalizante da personalidade” (p. 30), à tentativa de “sugerir medidas para prevenir sua ocorrência” (p. 30) como um dos princípios norteadores do pensamento reichiano. Aponta o crescente interesse reichiano em atuar de maneira a buscar formas de prevenção da neurose, que culminou no projeto de 1950, “Crianças do futuro”. Poderíamos seguir ainda outras pesquisas que mostram frentes diversas de trabalho marcadas por esse significativo ponto de atenção na obra reichiana⁴⁷.

Contudo, por ora preferimos dar início à exposição de algumas de suas propostas pragmáticas. Abordaremos aspectos da atuação de Reich no atendimento clínico psicoterápico, em intervenções sócio-políticas, nas pesquisas experimentais ligadas ao estudo do “orgone” e no campo da educação, notadamente o projeto “Crianças do futuro” — serão esses nossos alvos na exemplificação de obras reichianas. Procuraremos mostrar pelo menos um projeto em cada uma dessas dimensões; portanto, a escolha deve-se à diversidade das esferas em que Reich exerceu sua influência.

Vale esclarecer que abarcaremos nas atividades sócio-políticas o que denominamos de clínica social, precisamente sua participação nos atendimentos na Policlínica Psicanalítica de Viena. Incluiremos ainda nesse mesmo rol as organizações que de alguma forma relacionavam as discussões reichianas sobre sexualidade à política partidária, a “Associação Socialista para Consulta e Investigação Sexual” e a “Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária” (Sexpol).

Em nosso estudo deixaremos de lado a democracia natural do trabalho (DNT), por entendermos que nesse caso não houve uma aplicação prática análoga às outras iniciativas de Reich⁴⁸. Além disso, cabe salientar que nosso intuito consiste em realçar elementos de suas intervenções. A tentativa de esgotar todos as suas ações consistiria numa tarefa impraticável

⁴⁷ O livro de Matthiesen (2005) discute o tema da educação como estratégia de prevenção das neuroses segundo Reich.

dentro dos fins de nossa pesquisa, visto que Wilhelm Reich foi um empreendedor incansável ao longo de toda a sua vida profissional.

Nas práticas reichianas acima delimitadas procuraremos trazer à pauta um certo fio condutor que as atravessa. Referimo-nos à vinculação científica na busca de saídas ou alternativas para a humanidade. A nosso ver, suas propostas pragmáticas tinham também como esteio e fundamento o referencial científico; investigaremos à frente se essa proposição mostra-se verdadeira em domínios diversos de sua atuação. Em suas palavras:

O nosso mundo, na verdade, se tornou desconjuntado. Não importa, porém, a maneira como as sangrentas lutas do presente ensombrecem os séculos vindouros, permanece o fato de que a ciência da vida é mais poderosa que a tirania e que todas as formas de negação da vida. Foi Galileu, não Nero, quem assentou os fundamentos da tecnologia; Pasteur, e não Napoleão, quem combateu as enfermidades; Freud e não Schickgruber, quem sondou as profundidades psíquicas. Foram esses cientistas, em suma, que asseguraram a nossa existência. Os outros apenas abusaram das realizações de grandes homens para destruir o processo vital. As raízes da ciência natural penetram mais fundo que qualquer transitório tumulto fascista. (REICH, 1942/1995, p. 26).

Temos, nessa passagem, a expressão do crédito reichiano nas possibilidades propiciadas pela ciência, desde que vinculada às necessidades da vida humana. Dito de outra maneira, a busca de Reich por soluções e alternativas para os problemas humanos, com os quais se deparava em suas intervenções, assentava-se no referencial científico, característica presente já nos primórdios de sua atuação (BEDANI, 2007b).

Vejamos, inicialmente, como esse foco permeou sua atuação na clínica e no desenvolvimento da teoria e prática psicoterápicas. Vimos que Reich ingressou na instituição psicanalítica e nela permaneceu durante 14 anos, de 1920 a 1934. Segundo Barreto (2007), dentre as descobertas freudianas que inicialmente impressionaram Reich, destaca-se a teoria sexual, notadamente as idéias relacionadas à sexualidade infantil e à etiologia sexual das neuroses. Mesmo ante o gradativo afastamento de Freud de suas bases médicas e organicistas,

⁴⁸ Em *Psicologia de massas do fascismo*, Reich (1946/2001) dedica todo um capítulo ao tema da DNT (vale lembrar que esse livro foi escrito em 1933 e revisto em 1946). Acerca da DNT, há também o estudo de Barreto (2000b) voltado ao assunto da psicologia política de Reich.

Reich advoga em favor de um aspecto presente nessa conceituação acerca da sexualidade, a saber, a articulação do psiquismo à sua base corporal, como mostra o pesquisador:

Em sentido oposto àquele seguido pela psicanálise, Reich almeja recuperar a base fisiológica presente no “primeiro Freud”. Para ele, o que havia de revolucionário em seu mestre não era a emancipação da psicologia frente à medicina e a substituição do enfoque orgânico pelo psíquico, mas a junção de ambos, a complementação do orgânico pelo psíquico. [...] Tudo isto o coloca, desde o início, em uma direção totalmente diferente daquela adotada pelo movimento oficial. [...] Para Reich, fatores psíquicos e somáticos, qualitativos e quantitativos, não se opõem, mas se complementam. (BARRETO, 2007, p. 140).

Tal preocupação marca também a contribuição reichiana no desenvolvimento da técnica psicanalítica. Em 1922, Reich, percebendo a necessidade de aperfeiçoar a técnica da psicanálise, sugere a criação de um fórum específico de debate do tema. Foi então criado o Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena no mesmo ano, do qual participa ativamente e o preside de 1924 a 1930 (REICH, 1942/1995). Entre suas contribuições, vale dar ênfase à análise das resistências dos pacientes ao tratamento e a inserção da esfera corporal no âmbito da terapia individual, indícios das diretrizes do que viria a constituir-se como a sua própria técnica psicoterápica. O cientista Reich, ante o excesso de “psicologização” de aspectos corporais observado no seio da instituição psicanalítica, exprime sua inquietação quando assevera que: “Gradualmente evidenciou-se uma tendência que critiquei uns dez anos mais tarde como uma ‘psicologização do fisiológico’ e que culminou empregando a teoria do inconsciente em interpretações psicológicas e não científicas de processos somáticos” (1942/1995, p. 64). Reich, ao contrário, atenta-se não somente aos conteúdos trazidos pelos pacientes, mas também às expressões e atitudes corporais que os acompanham, sem reduzi-los a manifestações exclusivamente psíquicas. A criação de estratégias pioneiras de intervenção corporal⁴⁹ o levou a ser considerado o “pai das psicoterapias somáticas” (WAGNER, 2003, p. 105). Também é exaltado por destituir o corpo de seu papel secundário em relação à mente ou a fatores

⁴⁹ Wagner (2003) alerta para um possível mal-entendido entre intervenção corporal e manobras corporais na clínica reichiana, já que uma observação verbal sobre uma postura do corpo pode caracterizar uma intervenção,

históricos e sociais e colocá-lo “no centro das relações de poder”, “enquanto corpo vivo que possui uma potência própria que está na base de nossa vida psíquica e social” (BARRETO, 2007, p. 137).

Na linha da integração entre elementos psíquicos e somáticos, qualitativos e quantitativos, Reich dirige suas pesquisas à investigação e à mensuração dos aspectos concretos e quantitativos da energia libidinal descoberta por Freud. Ambicionava assim que a psicanálise obtivesse o reconhecimento científico:

Debatia-se uma questão decisiva: tinham os psicanalistas e seus métodos um caráter científico-natural? Em outras palavras: pode haver uma psicologia científico-natural *strictu sensu*? [...] tive de lutar contra oponentes bitolados. Queriam relegar os psicanalistas à categoria dos espíritas e assim livrar-se de nós. Sabíamos entretanto, que, pela primeira vez na história da psicologia, estávamos praticando uma ciência natural. Queríamos ser levados a sério. Foi na difícil luta para esclarecer essas questões no diálogo com os nossos oponentes que se forjaram as armas com as quais, mais tarde, defendi a causa de Freud. [...] No fundo dessa discussão estava a questão de saber se era possível chegar a compreender mais concretamente o conceito freudiano de “energia psíquica” ou, melhor, a classificá-la sob o conceito geral de energia. (REICH, 1942/1995, p. 86; itálicos originais).

Verifica-se, no excerto acima, a preocupação reichiana em vincular a psicanálise à ciência natural, tarefa cujo êxito dependeria, em certa medida, da demonstração experimental desse princípio energético, psíquico e sexual (BEDANI, 2007b). Contudo, Reich amplia o conceito freudiano de libido, concebendo uma “bio-energia” que congrega de maneira equivalente os processos somáticos e psíquicos (BARRETO, 2007, p. 154).

E justamente a existência e o funcionamento desse princípio, observável em seus atendimentos psicanalíticos, chama a atenção de nosso cientista. Reich, influenciado pela noção freudiana de estase da libido e por sua experiência clínica, pesquisa a bioenergia no campo sexual e elabora sua “teoria do orgasmo”, em que considera o primado da genitalidade sexual. Para ele, no adulto, somente a descarga advinda do orgasmo sexual liberaria a fonte de energia responsável pela manutenção das neuroses. Observa-se aqui a importância depositada por

ainda que não haja toque ou a proposição de um movimento. Segundo o pesquisador, até 1935, Reich utilizava-se de verbalizações em seus atendimentos.

Reich no aspecto econômico⁵⁰ do funcionamento psíquico-somático humano, uma vez que a quantidade de energia liberada na satisfação sexual genital assume significativa relevância. Por isso, o objetivo da psicoterapia reside no restabelecimento da potência orgástica dos pacientes e de sua capacidade de auto-regulação. A fim de dirimir dúvidas a respeito do conceito de potência orgástica, diferente da capacidade de ereção e ejaculação no caso masculino⁵¹, Reich esclarece que:

Até 1923, ano em que nasceu a teoria do orgasmo, apenas as potências ejaculativa e eretiva eram conhecidas da sexologia e dos psicanalistas. Sem a inclusão dos componentes funcionais, econômicos e experimentais, o conceito de potência sexual não teria existido. Potência eretiva e ejaculativa eram apenas pré-condições indispensáveis da potência orgástica. *Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo.* (REICH, 1942, 1995, p. 94; itálicos originais).

Essa possibilidade de “abandono” diz respeito à entrega afetiva, amorosa no ato sexual.

Em sua visão, “O orgasmo em ambos os sexos é mais intenso quando coincide neles o ápice da excitação genital. Esse é muito frequentemente o caso entre homens e mulheres capazes de concentrar afeição e sensualidade em *um* companheiro que corresponde a essa afeição e sensualidade” (op. cit., p. 99; itálico original). Tais afirmações comprovam a importância dada por ele à entrega emocional no relacionamento sexual. O envolvimento afetivo, ou seja “a capacidade de concentrar a personalidade afetiva inteira na experiência orgástica”, assim como a “convulsão bioenergética involuntária do organismo e a completa solução da excitação” são também características da potência orgástica (REICH, 1942, 1995, p. 99-100). Uma outra definição de potência orgástica encontrada é a de “aptidão de a personalidade e os afetos estarem completamente absorvidos pela experiência genital, apesar de

⁵⁰ Com base em Laplanche e Pontalis, a perspectiva econômica “qualifica tudo o que se refere à hipótese segundo a qual os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é suscetível de aumento, de diminuição, de equivalência” (1967/1983, p. 167). A nosso ver, o ponto de vista reichiano engloba tal hipótese sem, no entanto, restringir-se a ela.

⁵¹ Sobre as mulheres, Reich pondera que “O desenvolvimento da excitação sexual na mulher é exatamente o mesmo que no homem” (1942/1995, p. 99), referindo-se à existência dos mesmos processos e fases que descreve

conflitos pessoais” (REICH, 1927/1980, p. 15; citado e traduzido por BEDANI; ALBERTINI, 2006, p. 67-68) ⁵². A concepção da genitalidade reichiana foi contestada por colegas psicanalistas e por Freud, embora Reich tenha sustentado esse seu posicionamento quando elaborou a “economia sexual”, denominação dada para sua própria teorização e que manifesta o valor concedido à economia sexual regulada em seu enfoque.

Anuncia-se assim, nessa diretriz do trabalho psicoterápico — o necessário restabelecimento da potência orgástica ou da “capacidade de auto-regulação sexual” (DADOUN, 1975/1991, p. 39) —, a descoberta de uma noção científica reichiana advinda de sua prática clínica e pesquisas teóricas. O valor e o alcance de tal proposição são expressos por Reich quando assevera que:

[...] investigações clínicas extensas, cuidadosas e meticulosas nos levaram à conclusão de que *só o restabelecimento da vida amorosa natural das crianças, adolescentes e adultos pode livrar o mundo das neuroses de caráter e da peste emocional em suas diversas formas.* (REICH, 1933/1995, p. 491; itálicos originais).

Por conseguinte, Reich não visa apenas à melhora dos pacientes, mas à construção positiva da sociedade, em linha com o já explicitado projeto transdisciplinar ou globalizante. No processo de busca e construção de bases científicas para o atendimento psicoterápico, Reich visava o ser humano em sua atuação no contexto social (1942/1995). Por essa razão, as teorizações e propostas pragmáticas de sua clínica tinham como horizonte perguntas como: “*Por que é que a sociedade produz neurose em massa?*” e “*É possível continuarmos a nos limitar apenas à análise das neuroses dos homens e das mulheres, individualmente, em uma prática particular?*” (REICH, 1942/1995, p. 170; itálicos originais), entre outras questões.

Tais asserções servem como elo a um outro tipo de propostas práticas reichianas que almejamos explicitar, a saber, seus projetos de cunho predominantemente sócio-políticos. Tais

nas páginas 95 a 99 desse livro. Porém, a teorização de Reich acerca da sexualidade feminina e as diferenças de gênero no campo sexual não fazem parte dos propósitos de nosso estudo.

⁵² O texto de Bedani e Albertini (2006) fornece importantes dados a respeito do enlace entre sexualidade e política na produção de Reich no período de 1927 a 1930.

ações serão exemplificadas nos trabalhos da clínica social, precisamente a Policlínica Psicanalítica de Viena, e nas frentes destinadas ao atendimento e prestação de esclarecimentos aos jovens sobre assuntos ligados à sexualidade, a Associação Socialista para Consulta e Investigação Sexual (criada em Viena no ano de 1928) e posteriormente a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária ou Sexpol (que teve início em 1931).

Fundada em 1922, a Policlínica ou Clínica Psicanalítica de Viena destinava-se ao atendimento da população que não possuía condições financeiras de pagar pela análise nos moldes usuais. Reich trabalha nela durante oito anos e teve contato com devastação na vida das pessoas quando se somava, à situação material precária, as perturbações psíquicas. Constata o caso daqueles “cuja vida particular não oferecia nenhuma oportunidade de observação; pacientes tão perturbados mentalmente que se encontravam, em absoluto, fora da sociedade” (REICH, 1942/1995, p. 73). Estudantes e trabalhadores de diferentes áreas procuravam a clínica em número crescente e os analistas não davam conta de atender à elevada demanda, fato que impôs a reflexão acerca da criação de critérios para a avaliação das possibilidades de tratamento. Além do questionamento sobre os parâmetros para a “determinação do prognóstico da terapia” (REICH, 1942/1995, p. 73), a experiência na Policlínica propicia a Reich a enunciação de algumas conclusões. A psicanálise, nos termos em que era praticada na época, com sessões diárias durante no mínimo seis meses, mostrava-se limitada para o atendimento em massa. Uma outra dedução dizia respeito ao motivo da demanda pela análise: os problemas relacionados à genitalidade eram seguramente os mais comuns, segundo Reich. Ficou evidente também que a população sofria com a doença neurótica de forma comparável a uma epidemia, tamanho o volume de sua incidência, e ainda, que não havia medidas para preveni-la.

Sua perspectiva teórica e intervenção na clínica social são consideradas inovadoras por comentadores de sua produção. Na visão de Câmara (1999), Reich participou dos primórdios da psicologia comunitária, em razão de ter incentivado a reflexão para as questões emocionais,

sexuais e sociais nos grupos que fundou e liderou e também naqueles em que participou como convidado. Ramalho (2001) toma o trabalho de Reich na Clínica Psicanalítica de Viena como “um marco de sua entrada no mundo da saúde coletiva” (p. 38). Para a autora, Reich pode ter sido o precursor na pesquisa de temas que seriam estudados na Epidemiologia Psiquiátrica dos Estados Unidos a partir da década de 1920.

Além de sua incursão na clínica direcionada ao atendimento da comunidade vienense, cabe explicitar sua participação em centros de aconselhamento de higiene sexual. A respeito da filiação de Reich ao movimento higienista, a investigação de Albertini et al (2007) vem mostrar a peculiaridade dessa ligação. Por um lado, Reich coloca-se como seu integrante e reivindica a autoria de contribuições na área — a concepção da neurose como doença de massa e idéia de prevenção que focaliza o campo sexual. No mesmo sentido, utiliza-se de linguagem característica do higienismo e realiza uma “orientação voltada à discussão das normas sociais assumindo determinada diretriz cultural como a mais saudável” (p. 400). Todavia, os estudiosos apontam outros fatores que o posicionam distintamente de concepções da maioria dos higienistas, como a crítica a uma lógica ideológica de manutenção e adaptação à ordem social hegemônica. Argumentam que Reich explicitava claramente seu desacordo à educação sexual presente na moral sexual da época e atuava em favor de transformações sócio-culturais, além de não manifestar idéias eugenistas presentes no pensamento higienista. Logo, Reich participou do movimento higienista de forma diferenciada, segundo o estudo de Albertini et al (2007).

Para dar início à exposição sobre a atuação reichiana na Associação Socialista para Consulta e Investigação Sexual ligada ao Partido Comunista Austríaco — ao qual Reich filia-se em 1927 — devemos pontuar que sua aproximação ao movimento marxista ocorre entre o final da década de 1920 e início dos anos 1930. Essa atuação política estava afinada às suas teorizações, como atestam Bedani e Albertini: “Se, como acreditava, muitas das patologias

psíquicas decorrem da ordem social vigente, era preciso, então, combater enfaticamente o capitalismo e desvelar suas engrenagens” (2006, p. 68).

Em 1928 funda, em parceria com outros profissionais, a Associação Socialista para Consulta e Investigação Sexual. Com o auxílio do Partido Comunista Austríaco, são abertos seis centros de aconselhamento. Reich ocupa o cargo de Diretor científico; todavia os relatos descritos no livro *Pessoas em dificuldade* (1953/1976) salientam que, além da direção científica, participa diretamente das atividades de aconselhamento. A divulgação de que há uma organização em que sexólogos fornecem orientações gratuitas sobre problemas sexuais, educação infantil e higiene mental atrai o interesse popular. Torna-se intensa a participação nas sessões de aconselhamento individual e nas palestras sobre sexualidade, que incluem instruções sobre controle de natalidade e noções da Economia Sexual. A afluência de pessoas chega a ser tão grande que Reich refere-se à superlotação nos centros de aconselhamento (1953/1976). A maioria dos casos atendidos é de gestantes jovens e adultas que não planejaram a maternidade, as quais são informadas sobre métodos contraceptivos, noções de Economia Sexual e encaminhadas a clínicas de aborto. O grave estado emocional dessas mulheres, incapazes de educar um filho de forma minimamente saudável, de acordo com Reich, é detalhado por ele, que não omite seu assombro com a experiência. Também procuram os centros de aconselhamento adolescentes interessados em conhecer métodos para evitar a gravidez; estes, caracterizam-se principalmente pelo desconhecimento sobre assuntos sexuais, pela culpa em razão da masturbação e por vezes manifestam ter ejaculação precoce. Sobre eles, Reich expõe a dura realidade em que viviam, pois já trabalham como se fossem adultos, situação bastante diversa do modelo estudado na psicanálise.

Diante desse quadro, o anseio reichiano é minimizar a miséria sexual e combater, o mais cedo possível, o impedimento do relacionamento amoroso saudável, por meio da ampla difusão de informações sobre o assunto. De acordo com Reich (1953/1976), longe de tratar-se de uma

organização partidária da emancipação sexual, a Associação Socialista para Consulta e Investigação Sexual integra a luta política pela liberdade. A denúncia reichiana recaí sobre a maneira como a repressão sexual e emocional ensinados pela família, escola e instituições religiosas preparam as pessoas para o servilismo necessário à aceitação do capitalismo e do estado, restringindo sua capacidade crítica.

Justamente tal percepção acerca da conjunção entre os fatores psíquicos, sexuais e sociais influencia Reich a advogar contra os agentes que, em sua visão, contribuem e são mantidos por uma espécie de doentio ciclo repressivo. Em outras palavras, por não conceber a neurose restrita ao quadro psíquico humano e por relacioná-la à repressão sexual e à sociedade autoritária, acredita ser necessário evidenciar tal filiação e combatê-la. A idéia é ampliada num outro programa sócio-político reichiano criado em 1931, a Sexpol, Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária, provavelmente a mais conhecida de suas intervenções pragmáticas. Nesse trabalho, Reich intensifica o propósito de politizar a temática sexual, associando-a à luta de cunho marxista.

Ao chegar em Berlim em 1930, além de aproximar-se do Partido Comunista, Reich percorre os grupos de jovens de diferentes bairros a fim de conhecer a realidade da população. Dedicar-se igualmente a informar-se a respeito das organizações alemãs voltadas à educação e higiene sexual, que eram, segundo seu relato, em torno de 80 grupos independentes e por vezes com posicionamentos opostos entre si; cada qual possuía estrutura e liderança próprias (REICH, 1953/1976). Essas associações contavam com aproximadamente 350.000 membros, sendo que a maior parte deles participava também do movimento partidário, embora não houvesse interferências entre suas atividades numa e noutra organização. De modo geral, os participantes desses grupos não desejavam sua vinculação partidária, fato agravado pela parca relevância dada à temática sexual pelos partidos. Os principais temas tratados nos grupos de política sexual na Alemanha eram controle de natalidade e legalização do aborto, sem esquecer do

amparo às minorias, principalmente os homossexuais. De acordo com Reich, defendiam o casamento e não abordavam os principais problemas da juventude.

Com vistas a politizar a questão sexual, Reich elabora um plano de congregar as organizações que cuidavam do tema da higiene sexual no país, vinculando-as ao Partido Comunista alemão, ao qual era filiado. Anseava unir as discussões entre o combate revolucionário político-econômico e aquele instaurado na esfera psíquico-sexual. Em 1931 funda a Sexpol, entidade que em seu primeiro congresso reuniu 20.000 pessoas e em pouco meses conseguiu contar com 40.000 membros (REICH, 1953/1976).

Apesar da ampla aceitação, Reich enumera vários problemas ocorridos no seio da Sexpol, entre eles, o treinamento da liderança do movimento nos assuntos da economia sexual, bem como a inclusão da juventude — até o momento predominava a participação de pessoas de meia-idade. Reich trabalha exaustivamente na preparação dos líderes e na tentativa de envolvimento dos jovens e, após intensa dedicação, relata ter tido êxito nessas tarefas. Prova disso consiste no fato dos jovens terem-no encorajado a escrever um livro voltado à juventude. Reich prepara o manuscrito e obtém várias sugestões e comentários posteriormente incorporados a seu texto. Entitulado *O combate sexual da juventude*, veio a público em 1932 por meio de uma editora criada pelo próprio Reich, uma vez que nenhuma entidade sócio-política ou partidária quis responsabilizar-se por sua divulgação (alguns membros do Partido Comunista acusavam-no de tentar substituir a discussão política pela sexual). Das 10.000 cópias impressas na edição inicial, 4.000 foram vendidas nas primeiras 6 semanas. O livro volta-se à educação sexual, com lições claras e diretas sobre comportamento sexual. Traz ainda noções de economia sexual aliadas à luta contra o capitalismo. Vejamos um exemplo das palavras de Reich (1932/1975) em que denuncia a ligação entre a ordem social capitalista e a repressão sexual:

A ligação com a repressão sexual é a seguinte: a repressão das tensões e dos desejos sexuais requer uma grande dose da energia física de cada indivíduo. Isso inibe e lesa o desenvolvimento da actividade, da razão, da crítica. Pelo

contrário, quanto mais a sexualidade se expande de maneira sã e vigorosa, tanto mais nos tornamos livres e activos, críticos no nosso comportamento em geral. Mas precisamente isso não é tolerado no capitalismo, que defende rigorosamente a autoridade e a tradição. *A limitação da liberdade da actividade psíquica e da crítica pela repressão sexual é uma das mais importantes razões da ordem sexual burguesa.* É por isso que o facto de que a burguesia tome partido, com todos os meios que estão à sua disposição, pela manutenção e o reforço da moral familiar, tem uma significação bem precisa. Porque, assim como dissemos, a família burguesa é antes de tudo uma fábrica de seres submissos. (p. 134-135, itálicos originais).

Em 1933, com a ascensão do Partido Nacional Socialista ao poder, o Partido Comunista Alemão foi extinto e Reich teve que deixar, de forma clandestina, a Alemanha. Após a experiência, deixou de participar de movimentos partidários, vindo a considerar errôneo esse tipo de vinculação (REICH, 1953/1976), embora tenha continuado, de outras maneiras, a empreender novos projetos e a atuar politicamente.

Com vistas a acompanhar o percurso de nosso cientista, indagamo-nos: é possível dizer que, nesse momento de intenso envolvimento político-social, Reich deixa a pesquisa científica em prol de sua militância política?

Referindo-se ao período entre 1927 e 1930, Bedani e Albertini (2006) aludem à dupla esperança reichiana: a pesquisa científica e suas ações sócio-políticas seriam a conexão necessária pela luta em favor de melhorias para a humanidade. Com as investigações no seio da ciência, Reich busca compreender as razões individuais e sociais que impediriam a “atitude afirmativa em relação à vida e à sexualidade” (p. 74). Sua atuação sócio-política almeja implementar concretamente as transformações na sociedade e na cultura. É o que Reich (1953/1976) assevera: “Observemos as experiências encontradas em nosso trabalho quando não só aplicado meramente em círculos acadêmicos e privados, mas usado com propósito e significado entre o povo que, em última análise, determina o posterior desenvolvimento da sociedade” (p. 172-173).

Logo, ao contrário de um abandono reichiano de sua trajetória científica com vistas a intervir politicamente, Bedani e Albertini (2006) esclarecem:

Dada essa profunda identificação do autor com as ciências naturais, é possível ainda supor que ele concebeu todo o seu envolvimento sócio-político como uma forma de trabalho científico. Desde o momento em que ingressou na Psicanálise, ele acreditava estar praticando ciência; ao atuar na esfera social, não seria diferente. Dessa perspectiva Reich não teria “deixado a psicanálise” para adentrar a militância política, mas sim, teria dado continuidade, com sua atuação social, a um fazer científico tão rigoroso e ético quanto o que vinha desenvolvendo no campo clínico. (p. 74-75).

Verifica-se, na militância de Reich, a preocupação de um cientista muito particular, interessado nas condições da vida da população e politicamente atuante, o que corrobora a defesa do que denominamos como seu “pensamento crítico”. Nas palavras do próprio Reich, temos a confirmação dessa tese:

Durante sete anos (1927-1934) combati dentro do movimento dos trabalhadores e em organizações liberais a fim de avaliar o papel das pessoas no processo social e para determinar como lidar com suas visões subjetivas e suas ações de modo correto. Tratava-se de esclarecer o papel que os fenômenos biofísicos desempenham no desenvolvimento da sociedade e de compreender os processos fundamentais da vida acima e além de suas bases econômicas (1953/1976, p. 37).

Nessa publicação de 1953 há um certo tom de recusa de Reich em relação à sua vinculação com a política-partidária no período especificado. Todavia, ainda assim, vemos que realça a aliança entre a militância e o estudo científico, expresso em relação à aplicabilidade dos fenômenos biofísicos na sociedade. Barreto (2000b) explica que “sua atuação política ultrapassa as fronteiras destes sete anos de militância comunista”, uma vez que “Reich atua politicamente até o fim de sua vida” (p. 155). Em síntese, Reich afasta-se do movimento partidário, mas mantém o combate político como cidadão e cientista criador de projetos, a exemplo do “Crianças do futuro”, como veremos.

A partir de 1934, destina suas pesquisas científicas ao estudo do orgone; apontaremos aspectos dessa ação reichiana na esfera experimental. Vale dizer que existiram, com a descoberta do orgônio, consequências pragmáticas — por exemplo, o estudo da biopatia do câncer e a criação e uso dos “acumuladores de orgone” —, mas não nos dedicaremos a abordá-las. Igualmente deixaremos de lado o debate acerca da condução dos experimentos e de seus detalhes fisiológicos, no intuito de manter a ênfase na defesa do percurso científico

reichiano.

O mesmo rigor e busca pela ciência observados no campo da clínica e nas intervenções de cunho político-social levam Reich aos experimentos com a energia orgone. Em 1934 transfere-se para Oslo, na Noruega, onde passa a ensinar a “análise do caráter” no Instituto de Psicologia da universidade local; em contrapartida, pode dedicar-se a seus experimentos fisiológicos.

Sua intenção era encontrar a prova experimental da fórmula do orgasmo (REICH, 1942/1995). Com o auxílio de especialistas em fisiologia, volta-se à pesquisa sobre a carga bioelétrica dos órgãos sexuais em estado de excitação. Constroem um aparelho para medi-la em 1935, o que contribui significativamente para a realização de experimentos nos dois anos seguintes. Com a ajuda do equipamento, são mensuradas variações e amplitude da carga bioelétrica de regiões do corpo, bem como a diferença de reação das zonas erógenas em relação a outras superfícies da pele (o que, segundo Reich, não ocorre com indivíduos bloqueados emocionalmente, pois neles a excitação das zonas erógenas segue os mesmos limites das outras regiões corporais). Uma certa oscilação é observada como particularidade de todas as substâncias vivas; registra também que “A intensidade psíquica da sensação de prazer corresponde à magnitude fisiológica do potencial bioelétrico” (op. cit., p. 306), na direção de sua tese de uma unidade psicossomática. Uma vez que a transmissão da energia bioelétrica acompanha o caminho de “todas as membranas e fluidos do corpo”, não se restringindo às fibras nervosas, conclui sobre a “existência de um contínuo campo bioelétrico de excitação entre o centro vegetativo e a periferia do corpo” (p. 310).

Outros pormenores de suas experiências poderiam ser explicitados⁵³, mas, em síntese, Reich comprova a fórmula de “tensão-carga” presente em sua teoria do orgasmo. Reitera a importância dada ao prazer sexual, uma vez que a satisfação orgástica produz descarga

⁵³ Ver o capítulo IX “Da psicanálise à biogênese” do livro *A função do orgasmo* (REICH, 1942/1995).

bioelétrica: “É só o prazer biológico, acompanhado pela sensação de corrente e sensualidade, que produz aumento na carga bioelétrica” (REICH, 1942/1995, p. 310). Para ele, “O processo do prazer sexual é o processo da vida per se” (op. cit., p. 312).

Com suas pesquisas, assinala que a libido descoberta por Freud deixa de ser apenas a medida de uma energia psíquica para mostrar-se concretamente em processos bioelétricos, presentes no corpo humano e em toda a natureza. Considera ter tido êxito em sua tentativa de provar a vinculação científico-natural da economia sexual quando assinala que:

Essas descobertas dão ao conceito de *economia sexual* um sentido concreto e científico-natural. A economia sexual diz respeito à maneira pela qual a energia bioelétrica é regulada ou, o que é a mesma coisa, à regulação da energia sexual de uma pessoa [...] A função do orgasmo é a medida do funcionamento psicofísico, porque é nela que se expressa a função da energia biológica” (REICH, 1942/1995, p. 312-313; itálicos originais).

Bedani (2007b) explica que os experimentos laboratoriais de Reich iniciaram-se no campo da Biofísica “estudo que relacionava os estados emocionais humanos e os potenciais elétricos da pele” e voltaram-se posteriormente à Biogênese “procurando examinar se um determinado conjunto de leis gerais, que formulava ao investigar a emocionalidade e sexualidade humanas, poderia ser estendido a seres unicelulares” (p. 35, nota de rodapé). O comentador examina também o período a partir de 1939, quando Reich passa a morar nos Estados Unidos. Nesse país, com o posterior desenvolvimento de suas investigações, Reich chega à descoberta de uma energia presente em todos os organismos e na natureza, o “orgone” ou “orgônio”, “energia vital cósmica” (1953/1976, p. 6) e dedica-se à investigação de seu funcionamento. Essa energia “capaz de carregar a matéria orgânica” revela-se “visual, térmica e eletroscopicamente no solo, na atmosfera e nos organismos vegetais e animais (1942/1995, p. 316). A vibração do céu e sua coloração azul, a formação de nuvens, o tom azul acinzentado da neblina, as tempestades elétricas da atmosfera seriam manifestação dos orgônios. A carga da energia orgonal das células de todos os organismos vivos advém da atmosfera, através da respiração, de acordo com os estudos reichianos. “O organismo humano está rodeado por um

campo de energia orgonótica, cujo alcance depende da vivacidade vegetativa do organismo” (1942/1995, p. 318).

Agora, para retomar o diálogo com formulações de Deleuze e Guattari, façamos uma curta observação a respeito das pesquisas reichianas com o orgone. Numa passagem em que discutem e criticam o teor sexual de sua concepção, ao mesmo tempo, os criadores da esquizoanálise valorizam o encaminhamento dos estudos orgonômicos de Reich:

Se considerarmos em detalhe a teoria final de Reich, confessamos que seu caráter, ao mesmo tempo esquizofrênico e paranóico, não apresenta nenhum inconveniente para nós; ao contrário. Confessamos que toda aproximação da sexualidade com fenômenos cósmicos do tipo ‘tempestade elétrica’, ‘bruma azulada e céu azul’, o azul do orgono, ‘fogo-de-santelmo e manchas solares’, fluidos e fluxos, matérias e partículas, nos parece, afinal, mais adequada que a redução da sexualidade ao lamentável pequeno segredo familiarista. (DELEUZE; GUATTARI, 1972a/1976, p. 369-370; uso de aspas original).

Consideram-na menos restritiva, quiçá mais inusitada que a associação realizada pela psicanálise entre sexualidade e complexo de Édipo⁵⁴, “pequeno segredo familiarista”.

O estudo inicial do orgasmo levou Reich à descoberta do orgone e à energia cósmica, cujas investigações forneceram os fundamentos experimentais da economia sexual. Verifica-se na orgonomia⁵⁵, ciência fundada por Reich e voltada ao estudo do orgone — ou, nas palavras de Bedani (2007b) “ramo de pesquisa que tem por objeto de estudo as ‘manifestações orgonóticas’ no micro e no macro cosmos, no domínio do vivo e do inanimado” (p. 35, nota de rodapé) —, a continuidade de seu percurso na ciência.

Na direção de uma busca de solução científica para as questões humanas, cabe ainda mencionar sua obra denominada *Crianças do futuro* (REICH, 1984). Partindo da idéia de que o destino da humanidade depende da estrutura de caráter das crianças, Reich dedica-se à pesquisa

⁵⁴ Uma consulta ao livro *O Anti-Édipo* (1972a/1976) torna-se imperativa caso haja interesse do leitor em conhecer detalhadamente o posicionamento de Deleuze e Guattari a respeito dos temas da libido e da sexualidade. O capítulo 4 – “Introdução à esquizoanálise” pode auxiliar, inclusive a nota de rodapé à página 369 em que os autores mencionam a obra reichiana *A função do orgasmo* (título da versão em português).

⁵⁵ Na visão de Barreto (2007), a orgonomia estabelece uma mudança na perspectiva de Reich, uma vez que o domínio biofísico passa a predominar em relação ao psicológico. O autor alerta, porém, que a conjunção dos aspectos psicológicos, biológicos e sociais mantém-se em sua clínica, ainda que nessa época o foco biofísico tenha maior destaque.

daquelas que se mostram saudáveis, numa idéia de permitir a manifestação da sabedoria da natureza. Em seu texto, reconhece a grande falha das gerações passadas e atual no sentido de gerar melhorias para as condições de vida dos seres humanos. Aponta o erro dos estudos baseados em doenças, que não produziram mudanças tangíveis para a coletividade humana, a exemplo daquele empreendido pela psicanálise. Afirma, porém, que ainda há esperanças e as dirige para a investigação da saúde natural das crianças saudáveis.

Após uma década de preparação, Reich funda, em dezembro de 1949, o Centro orgonômico para a pesquisa sobre a infância, no qual trabalhavam 40 profissionais, entre médicos, enfermeiros e assistentes sociais. Pontua que a organização não se destina ao atendimento de crianças doentes comumente realizado por outras instituições; tampouco almeja prestar serviços de aconselhamento sexual e matrimonial aos pais, exceto no caso daqueles cujos filhos participavam das pesquisas. Segundo Reich (1984), o Centro orgonômico pretende única e estritamente conhecer as crianças saudáveis. Para atender a essa meta, foram organizados quatro grupos de trabalho, divididos de acordo com momentos do desenvolvimento infantil, desde a gestação até a puberdade.

O primeiro deles volta-se aos cuidados pré-natais das gestantes saudáveis e almejava identificar os aspectos emocionais presentes na gravidez. Além da realização de exames periódicos, oferece-se às gestantes aconselhamento econômico-sexual e higiênico. Objetiva incentivar boas práticas, incluindo o uso de acumuladores de orgone, e eliminar aquelas que pudessem ser prejudiciais, como por exemplo, a utilização de cintas. Segundo Reich (1984), a maior dificuldade consiste em encontrar um médico obstetra devidamente preparado para esse tipo de trabalho e que não intervisse negativamente.

A segunda equipe dirige-se ao acompanhamento do parto e dos primeiros dias de vida do recém-nascido. Reich (1984) considera essa tarefa a mais decisiva, uma vez que relaciona a origem das crises esquizoparanóides e da maioria das depressões aos problemas ocorridos

nessa fase. Para ele, o médico e a mãe deviam empenhar-se em tentar compreender as expressões naturais do bebê e remover os obstáculos para sua realização, apesar da inexistência de informações sobre tais manifestações bioenergéticas do recém-nascido.

Prevenir o encouraçamento nos cinco ou seis anos iniciais da infância consiste na meta do outro conjunto de profissionais e de pais envolvidos nos trabalhos. Contudo, uma vez mais impõe-se como obstáculo o pouco conhecimento acerca da distinção entre os traços da vida natural infantil e aqueles acarretados pelo funcionamento doentio. Ademais, há a questão da saúde do educador; de acordo com Reich (1984), somente os pais, enfermeiros e pediatras que mantêm sua própria “sensação orgonótica” estariam aptos para as pesquisas nesse campo.

Finalmente, o quarto e último grupo estuda o desenvolvimento posterior dessas crianças até depois da puberdade. Reich refere-se a mais de uma década de cuidadosas investigações para que fosse alcançado um progresso gradual no projeto, o que requereria a capacidade de avaliar detidamente os acontecimentos e formular corretamente as indagações à medida que os problemas surgissem.

Verifica-se, nesse trabalho reichiano, uma vez mais a aplicação de metodologia de pesquisa científica — formação de grupos para observação, escolha e preparação dos profissionais e dos participantes, acompanhamento dos resultados, entre outros —, com vistas a encontrar princípios do funcionamento saudável natural. Por meio da ciência, Reich ambiciona encontrar possibilidades de ampliação da felicidade dos seres humanos, apostando, no caso em destaque, nas gerações futuras.

Para essa difícil tarefa, além de selecionar pais bem regulados do ponto de vista de sua estrutura psíquico-somática, acredita ser necessário contar com profissionais emocionalmente capazes, profundamente ligados à percepção real do que ocorria às crianças. Assevera que a primeira constatação ou descoberta da pesquisa foi a de que se tratava de um trabalho inexequível para as pessoas cuja estrutura de caráter fosse afetivamente comprometida (REICH,

1984). Portanto, a educação adequada e que permitisse a expressão natural da criança depende das condições afetivas dos educadores. Ante a própria indagação de quem estaria apto a realizar o trabalho de acordo com as exigências, Reich responde que a consciência das dificuldades dos próprios profissionais levaria a prosseguir. Seria um intenso trabalho com as próprias limitações, o fator fundamental para acarretar resultados positivos.

Se de um lado pode causar certa estranheza a busca reichiana por um ideal de funcionamento infantil e sua rigorosa seleção de pessoas previamente habilitadas para a empreitada — elementos que sugerem certa crença reichiana em um modelo natural pré-existente —, verifica-se a atenção extrema ao que ocorre às crianças, numa atitude de abertura e esperança nas infinitas possibilidades vitais. Nesse sentido, Reich chega a colocar como foco dos trabalhos, a interessante observação sobre o que parece fazer bem ou mal à criança — e aqui lembramo-nos do convite deleuziano em espreitar aquilo que nos convém ou não nos convém. Os educadores deveriam deixar de lado idéias preconcebidas para reparar detidamente no que se passava com os bebês, o que lhes provocava bem-estar ou incômodo. Ao contrário de uma tentativa de sujeição infantil, Reich (1984) advoga em favor do respeito pelo princípio bioenergético natural das crianças, para que elas consigam ser “elas mesmas” e decidir sobre seu próprio futuro. Assinala que até então a humanidade havia se organizado em grupos religiosos, raciais, nacionais, institucionais e por isso preparava as crianças para se ajustarem às tais estruturas e preservá-las. A aposta reichiana caminha na direção de um aprendizado com as crianças, ao invés de impor a elas os fracassados e ineficazes modos de existência da época. Observa-se novamente uma concepção reichiana que outorga a superioridade ao âmbito natural, biológico, pois, para ele, existe um princípio da vida mais amplo, mais sábio que a cultura, a religião e a educação e para o qual deposita sua confiança.

Por essa razão, segundo Reich (1984), a principal tarefa da educação voltada aos interesses da criança seria justamente retirar os empecilhos que atrapalham a expressão e

expansão de sua energia natural, produtiva e plástica. Prevenir o encouraçamento, proteger essa força natural infantil para que ela possa manifestar-se e equipar as crianças a criar seu próprio futuro, já que, dada a credibilidade reichiana no potencial de vida da criança, a intenção é não atrapalhar e deixar a natureza agir. A pragmática educacional reichiana de “Crianças do futuro” assenta-se nessas idéias e emprega a pesquisa científica com o propósito de viabilizar sua futura aplicação na educação infantil. Averigua-se, nesse momento, o direcionamento dos esforços de Reich à infância, deixando em segundo plano seus investimentos nos adultos. Numa outra publicação, assevera que “A sociedade tem que recomeçar a ser reconstruída de acordo com as necessidades humanas, a começar com as necessidades dos bebês” (REICH, 1953/1976, p. 102).

Se elegemos o projeto reichiano, “Crianças do futuro”, para exemplificar suas iniciativas para educação, vale ressaltar que a preocupação com o tema esteve presente em praticamente toda a sua obra, desde o período de sua vinculação à psicanálise, e não se limita à essa prática. Ainda que haja nuances diversas em sua abordagem educacional, como atestam estudiosos do assunto (ALBERTINI, 1994; MATTHIESEN, 2005), é preciso marcar que em todas elas persiste a tentativa, por meio da investigação e do trabalho científico, de prevenir as neuroses e de contribuir positivamente para a coletividade humana.

A nosso ver, os programas de cunho prático apresentados mostram um prisma científico sempre presente. Pode-se dizer que a busca de filiação à ciência natural manifestada por Reich nos primórdios de sua atuação (BEDANI, 2007b) permanece em suas intervenções, que expressam tanto a tentativa de aplicação de princípios, quanto a procura de respostas e de axiomas.

Observa-se nesse trajeto, contudo, uma forma particular de produção científica, ligada ao que chamamos de “pensamento vivo”, quiçá “imaneente” para Deleuze, “alegre saber” para Dadoun:

Longe de sua perspectiva ontológica, que traçava a dura silhueta de uma razão originária que se instaurava e triunfava por meio da captura e da captação dos ritmos vitais naturais, Reich esboça, em sua crítica da ciência estabelecida, a possibilidade de uma outra ciência, de uma nova forma de articular-se, sobre o princípio da auto-regulação, que desvincilhada das correias históricas e ideológicas que a limitam e sujeitam produziria um saber mais amplo, mais flexível, mais aberto, mais bem distribuído, mais próximo do vivente. É o que Reich chama de “ciência militante”, uma espécie de *alegre saber*, à qual atribui como objetivo, em ligação com o “trabalho” e a “função de amor natural”, a felicidade terrena material e sexual das massas. (DADOUN, 1975/1991, p. 41-42; itálicos originais).

Portanto, se Reich tentou ser um cientista natural, a nosso ver, acabou sendo muito mais do que isso. De maneira análoga, Albertini (2008) menciona o “tecido científico complexo e peculiar” (p. 17) reichiano, à medida que enreda, em seu enfoque, linhas da filosofia de Bergson, da psicanálise freudiana, da ciência natural e da medicina.

Perguntamo-nos como poderíamos somar fios advindos da esquizoanálise a esse intrincado “tecido” reichiano, aqui realçado em razão do debate acerca das propostas pragmáticas e que demonstram a filiação de Reich à ciência? Que fibras podemos entrelaçar para que o desenrolar seja o mais inusitado possível?

Consideramos efetuada, ao longo deste trabalho, a apresentação de elementos da pragmática proposta por Deleuze e Guattari, a saber, a dupla tarefa da esquizoanálise, a noção de “combate-entre”⁵⁶, a proposição de um “corpo sem órgãos”⁵⁷, as discussões acerca da nossa idéia de “aposta na humanidade” e do tema relativo à transcendência e à imanência⁵⁸. Isso sem esquecer do interesse da esquizoanálise pela descoberta das circunstâncias do funcionamento desejoso, visando salientar, no problema em pauta, algo que possa ser agenciado, tema mencionado em pontos diversos desta pesquisa. A esquizoanálise é apresentada por seus autores como um posicionamento com fins práticos, ou seja, a esquizoanálise constitui-se como uma pragmática.

Para multiplicar ainda mais a complexa trama da visão científica de Reich,

⁵⁶ Mencionadas em “3.1 – O pensamento crítico”.

⁵⁷ Ver “3.2.1 – Contestação ao princípio da destrutividade inerente ao homem”.

⁵⁸ Descritos no tópico “3.2.2 – Aposta na humanidade”.

acrescentemos as hastes de um “rizoma”, proposição de Deleuze e Guattari (1980/1995); seguimos assim os estudos realizados por Câmara (2006a). O rizoma opõe-se ao sistema arborescente, forma característica do saber em diversas disciplinas, de acordo com os fundadores da esquizoanálise. A árvore ou a raiz crescem a partir de uma base, um eixo central ou policentrado, “de comunicação hierárquica e ligações pré-estabelecidas” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995, p. 33). Remete o múltiplo à uma unidade superior, central ou segmentar, cerne da significância e da subjetivação e, por isso, “inspiram uma triste imagem do pensamento” (p. 26):

Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofreremos muito. Toda a cultura arborescente é fundada sobre elas, da biologia à linguística. Ao contrário, nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam seus arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995, p. 25).

Trazem a idéia de uma planta rizomática, que avança em todas as direções e não possui centro, começo ou fim, na qual se pode entrar por qualquer ponto, como a grama e a erva daninha. O rizoma possui formas muito diferentes, “desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”(p. 15). O exemplo da erva daninha demonstra um crescimento que se dá “entre”, pelo meio, “lugar onde as coisas adquirem velocidade” (p. 37).

Mas, para Deleuze e Guattari (1980/1995), os sistemas rizomáticos não se restringem às plantas: “Os ratos deslizando uns sobre os outros são rizomas”, bem como outros animais em sua “forma matilha” (p. 15). Nesse campo em que percorrem “estados”, dizem Deleuze e Guattari, (1980/1995) “O que está em questão [...] é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da arborescente: todo tipo de ‘devires’” (p. 33).

Ao contrário de uma estrutura desenvolvida a partir de um centro organizador, o sistema rizomático,

[...] conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regime de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. [...] Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995, p. 32).

Há certos princípios para o rizoma, os quais não especificaremos neste trabalho, mas vale apresentar suas denominações indicativas de seu funcionamento: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania.

Não se trata de uma oposição de dois modelos, a “árvore-raiz” e o “rizoma-canal” (p. 31), alertam Deleuze e Guattari (1980/1995) a respeito de um possível dualismo. Explicam que o primeiro age como modelo transcendente, ainda que contenha certas “fugas”, enquanto o rizoma instaura um processo imanente que atravessa o modelo e produz um mapa, que pode também trazer suas próprias hierarquias. Com os sistemas arborescente e rizomático, os autores servem-se do dualismo para “atingir um processo que se recusa como modelo” (p. 32). Interessa-nos justamente realçar a idéia do rizoma como um mapa, “que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (p. 33). Em linha com nossa apresentação da empreitada esquizoanalítica, assemelha-se a um convite quando Deleuze e Guattari (1980/1995) dizem que “Ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos” (p. 25). Numa outra publicação, fazem referência clara à pragmática a ser implementada ao assinalar que:

A esquizoanálise ou a pragmática não tem outro sentido: faça rizoma, mas você não sabe com o que você pode fazer rizoma, que haste subterrânea irá fazer efetivamente rizoma, ou fazer devir, fazer população no teu deserto. Experimente. É fácil dizer? Mas se não há ordem lógica pré-formada dos devires ou das multiplicidades, há critérios, e o importante é que esses critérios não venham depois, que se exerçam quando necessário, no momento certo, suficientes para nos guiar por entre os perigos. (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1997, p. 35).

Se as hastes subterrâneas do rizoma proposto por Deleuze e Guattari vêm complementar

a apresentação de sua pragmática, acenam igualmente para “novos usos” e enredam a temática em relação à ciência. Num excerto em que descrevem o processo de construção do primeiro volume da série *Mil Platôs*, assemelham a escrita desse livro a um rizoma, produzido em “platôs”. Convém aclarar que Deleuze e Guattari definem “platô” como “toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a estender um rizoma” (1980/1995, p. 33). Trata-se de uma região intensiva, que não se dirige a um objetivo exterior e que se desenvolve segundo sua própria vibração. Em relação aos platôs do livro, explicam que cada um deles “pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro” (p. 33), uma vez que compõem um rizoma. O trecho a respeito dessa redação em “platôs” insere o debate acerca do conhecimento científico:

Empregamos somente palavras que, por sua vez, funcionavam para nós como platôs. RIZOMÁTICA = ESQUIZOANÁLISE = ESTRATOANÁLISE = PRAGMÁTICA = MICROPOLÍTICA. Estas palavras são conceitos, mas os conceitos são linhas, quer dizer, sistemas de números ligados a esta ou àquela dimensão das multiplicidades (estratos, cadeias moleculares, linhas de fuga ou de ruptura, círculos de convergência, etc.). De forma alguma pretendemos ao título de ciência. Não reconhecemos nem cientificidade nem ideologia, somente agenciamentos. O que existe são agenciamentos maquínicos de desejo, assim como os agenciamentos coletivos de enunciação. Sem significância e sem subjetivação: escrever a *n* (toda enunciação individuada permanece prisioneira das significações dominantes, todo desejo significativo remete a sujeitos dominados). Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais (independentemente da retomada que pode ser feita dele num corpus teórico ou científico). (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995, p. 34; itálico e uso de maiúsculas originais).

Nessa passagem, julgamos menos conveniente a discussão acerca da recusa da cientificidade — arriscamo-nos a deduzir que os autores referem-se à concepção que tenta combater o servilismo às potências com “P” maiúsculo, como a Religião, a Política e a Ciência, que impõem modos de vida, de pensamento, de luta, de amor, num artifício que nos atravessa e nos conforma. Antes, preferimos novamente marcar o posicionamento de Deleuze e Guattari em relação à filosofia, distinto da perspectiva científica reichiana. Elegemos, da mesma forma, como alvo de nosso interesse, os agenciamentos entre a filosofia e a ciência que a noção de rizoma, enlaçada aos fios da trama científica reichiana, veio introduzir.

Contudo, a respeito da relação entre a ciência e a filosofia, optamos por um outro texto de Deleuze e Guattari, precisamente o livro *O que é a filosofia?* (1991/1992), do qual extrairemos trechos propícios ao enlace com a produção de Reich. Trata-se de obra elaborada mais de uma década depois dos volumes de *Mil Platôs* (1980), encerrando a série *Capitalismo e esquizofrenia* que teve início com *O Anti-Édipo* (1972a/1976). Na obra de 1991, Deleuze e Guattari afirmam que a filosofia precisa da ciência, “porque a ciência cruza sem cessar a possibilidade de conceitos, e porque os conceitos comportam necessariamente alusões à ciência, que não são nem exemplos, nem aplicações, nem mesmo reflexões” (1991/1992, p. 208). Expõem uma minuciosa explicação do que consiste a filosofia, em contraposição à ciência, assunto ao qual daremos ênfase, sem, no entanto, acompanhar todo o desenvolvimento que realizam, nem pretender sintetizar fielmente aquilo que propuseram. Fazemos valer, uma vez mais, um tipo de leitura a partir de nosso próprio plano de pensamento.

Os fundadores da esquizanálise propõem uma definição de filosofia inteiramente diversa daquela que sugere a contemplação, a reflexão ou a comunicação. Para Deleuze e Guattari (1991/1992), a filosofia não deve perder tempo com questões do tipo “que é algo”, relativas à essência das coisas. Preocupa-se com a criação de problemas verdadeiros, engrenados com a vida no campo da imanência, pois há lugares do saber destituídos de relação vital. Voltar à vida, tirá-la dos céus ou das profundezas, querem Deleuze e Guattari. Onde, o questionamento acerca do que trata a filosofia, tema do livro em pauta:

Simplesmente chegou a hora, para nós, de perguntar o que é a filosofia. Nunca havíamos deixado de fazê-lo, e já tínhamos a resposta que não variou: a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, seria necessário também que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão. (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 10).

Dirigem-se a exprimir o que seria esse contexto de criação dos conceitos, seus personagens e condições, visto que, para eles, “não há conceito simples” (p. 27).

A primeira alusão à ciência ocorre quando asseveram que “as ciências, as artes⁵⁹, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 13). Num outro momento, explicam que a criação de conceitos própria e exclusiva da filosofia não lhe oferece concessões ou estados privilegiados, visto que existem outras maneiras de pensar e criar, a exemplo do pensamento científico.

A fim de compreender esses outros planos de pensamento, indagam “[...] em que consistem as outras idéias criadoras que não são conceitos, que pertencem às ciências e às artes, que têm sua própria história e seu próprio devir, e suas próprias relações variáveis entre elas e com a filosofia” (p. 17). No que tange à ciência, caracterizam-na por sua teoria das funções:

A ciência não tem por objetos conceitos, mas funções que se apresentam como proposições nos sistemas discursivos. Os elementos das funções se chamam *functivos*. Uma noção científica é determinada não por conceitos, mas por funções ou proposições. É uma idéia muito variada, muito complexa, como se pode ver no uso que dela fazem respectivamente a matemática e a biologia; porém, é essa idéia de função que permite às ciências refletir e comunicar. A ciência não tem nenhuma necessidade da filosofia para essas tarefas.” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 153).

Por função de variáveis, compreendem a razão necessária que abriga variáveis independentes. Numa comparação entre a filosofia e a ciência, assinalam:

As proposições ou funções bastam para a ciência, ao passo que a filosofia não tem necessidade, por seu lado, de invocar um vivido que só daria uma vida fantasmática e extrínseca a conceitos secundários, por si mesmo exangues. O conceito filosófico não se refere ao vivido, por compensação, mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado de coisas. Cada conceito corta o acontecimento, o recorta a sua maneira. A grandeza de uma filosofia avalia-se pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam, ou que ela nos torna capazes de depurar em conceitos. Portanto, é necessário experimentar em seus mínimos detalhes o vínculo único, exclusivo, dos conceitos com a filosofia como disciplina criadora. O conceito pertence à filosofia e só a ela pertence.” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 47).

Deleuze e Guattari (1991/1992) aludem aos acontecimentos como plano de consistência

⁵⁹ Por conta de manter o foco no tema de nossa investigação, excluiremos as belas referências à arte, terceiro ponto da triangulação estabelecida por Deleuze e Guattari nessa publicação, além da ciência e da filosofia. Somente para dar uma idéia, temos que “o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação aos

da filosofia e às referências ao estado de coisas ou misturas nas funções científicas. Em suas palavras:

O conceito não é uma função do vivido, nem uma função científica ou lógica. A irredutibilidade dos conceitos às funções só se descobre se, ao invés de confrontá-las de maneira indeterminada, se compara o que constitui a referência de umas e o que faz a consistência das outras. Os *estados de coisas*, os *objetos* ou os *corpos*, os *estados vividos* formam as referências de função, ao passo que os *acontecimentos* são a consistência do conceito. São esses termos que é preciso considerar do ponto de vista de uma redução possível. (p. 195; itálicos originais).

Observa-se, no lado da filosofia, os acontecimentos, que são a medida de sua grandeza, seu plano de consistência; no outro, aquele relativo à ciência, nota-se as referências da função, compostas pelo estado de coisas, os objetos, os corpos, os estados vividos.

Além da diferença de objeto — conceitos no caso da filosofia, funções para a ciência —, Deleuze e Guattari examinam a atitude de cada uma delas em relação ao caos, compreendido não como desordem, mas como multiplicidade de devires, presença pura, ou ainda,

[...] velocidade infinita com a qual se dissipa toda forma que nele se esboça. É um vazio que não é um nada, mas um *virtual*, contendo todas as partículas possíveis e suscitando todas as formas possíveis que surgem para desaparecer logo em seguida, sem consistência nem referência, sem consequência. É uma velocidade infinita de nascimento e de esvanescimento” (op. cit., p. 153; itálico original).

A ciência impõe um limite de desaceleração ao caos, “renuncia ao infinito, à velocidade infinita, para ganhar uma referência capaz de atualizar o virtual” (p. 154). Tenta desacelerar a matéria de sua “virtualidade caótica” (p. 201) para penetrá-la por proposições, formar uma constante universal. Porém, segundo Deleuze e Guattari (1991/1992), preocupam-se menos com a unificação das coisas num sistema ordenado, do que por um desejo de não se distanciar demasiadamente do caos, “de escavar os potenciais para apreender e domesticar uma parte do que a impregna, o segredo do caos por detrás dela, a pressão do virtual” (p. 201). Portanto, mais relevante que a intenção ordenadora da ciência, é sua preferência em manter alguma proximidade do caos.

De maneira análoga, a adjacência ao caos é imposta à filosofia no contato com a experiência. Porém, em relação ao caos, “a filosofia pergunta como guardar as velocidades infinitas, ganhando ao mesmo tempo consistência, dando *uma consistência própria ao virtual.*” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 153; itálicos originais).

Segundo Deleuze e Guattari (1991/1992), o que define as formas de pensamento é o enfrentamento do caos, tarefa que exige o traçado ou o esboço de um plano. Ciência e filosofia agem de modo diverso: “Guardando o infinito, a filosofia dá uma consistência ao virtual por conceitos; renunciando ao infinito, a ciência dá ao virtual uma referência que o atualiza, por funções” (p. 154). Isso significa dizer que a filosofia “quer salvar o infinito, dando-lhe consistência: ela traça um plano de imanência, que leva até o infinito acontecimentos ou conceitos consistentes, sob a ação de personagens conceituais”. Já a ciência prefere deixar o infinito para “ganhar a referência: ela traça um plano de coordenadas somente indefinidas, que define sempre estados de coisas, funções ou proposições referenciais, sob a ação de observadores parciais” (p. 253).

Ainda que não se distancie do caos, o cientista buscará modelos ou, no termo de Deleuze e Guattari, “funções”, que contém idéias sobre as coisas. O enfoque reichiano pode trazer vários exemplos dessa tese; neste trabalho procuramos expor algumas de suas propostas pragmáticas abrigadas no referencial científico. Ao mostrar sua perspectiva, Reich (1942/1995), com o objetivo de atingir o maior número possível de pessoas, estabelece diretrizes de aplicação sócio-política para seus princípios científicos:

E surge assim a questão: como transformar o princípio em realidade, e como transformar leis naturais de alguns em leis naturais para todos? Claro que uma solução individual do problema era insatisfatória e não atingia o ponto essencial. Uma pesquisa dos aspectos sociais da psicoterapia era coisa nova na época. A abordagem do problema social podia fazer-se por três caminhos: a profilaxia das neuroses, a questão intimamente relacionada da reforma sexual, e finalmente o problema geral da cultura. (p. 165).

No caso desse nosso cientista muito particular, como vimos, seu alvo será o alcance de

melhores condições psíquicas, sexuais, sociais, políticas, educacionais para os seres humanos — clara preocupação com a vida.

Poderíamos relatar outros elementos da concepção de nossos esquizoanalistas sobre a ciência e a filosofia, como os observadores parciais no primeiro caso e personagens conceituais no segundo, todavia, os aspectos que nos auxiliarão no encaminhamento de nossas indagações foram, de forma passageira, apresentados. Em resumo, sobre os planos de pensamento da ciência e da filosofia, segundo Deleuze e Guattari (1991/1992), temos:

Quanto à confrontação direta da ciência e da filosofia, ela se faz sob três instâncias de oposição principais, que agrupam as séries de functivos de um lado, e as pertenças de conceito de outro. É, primeiro, o sistema de referência e o plano de imanência; em seguida, as variáveis independentes e as variações inseparáveis; enfim, os observadores parciais e os personagens conceituais. São dois tipos de multiplicidade. [...] A função, na ciência, determina um estado de coisas, uma coisa ou um corpo que atualizam o virtual sobre um plano de referência e num sistema de coordenadas; o conceito, na filosofia, exprime um acontecimento que dá ao virtual uma consistência sobre um plano de imanência e numa forma ordenada. O campo de criação respectivo se encontra, pois, balizado por entidades muito diferentes nos dois casos, mas que não deixam de apresentar uma certa analogia em suas tarefas: um *problema*, em ciência ou em filosofia, não consiste em responder a uma questão, mas em adaptar, coadaptar, com um “gosto” superior, como faculdade problemática, os elementos correspondentes em curso de determinação. (p. 172).

Assinalam os fundadores da esquizoanálise que esse tipo de oposição propicia uma espécie de “colaboração” em que há “mútua inspiração” (1991/1992, p. 65) entre a ciência e a filosofia.

Novamente a idéia de rizoma vem enredar Reich, Deleuze e Guattari — fios, hastes —, na medida que “A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.” (1980/1995, p. 37). Aliança, ou ainda “um rico tecido de correspondências pode estabelecer-se entre os planos” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 255).

Partindo de planos tão distintos, científico em Reich e filosófico para Deleuze e Guattari, que forças “eminentemente subversivas” (ORLANDI, 2003, p. 93) podem ser viabilizadas,

com vistas a ativar o pensamento crítico desses autores?

No que tange à Deleuze e Guattari, vale indagar: em que medida sua teoria do desejo, amplamente articulada, pode puxar Reich como aliado? No sentido de quererem o indomável das intensidades, numa mútua inspiração na qual ambos prezam a plena presença, a experimentação da vida como obra de arte. Se Reich refere-se à potência orgástica do indivíduo, o desenvolvimento atual de sua teoria, que sugere “encontros potentes” (ALBERTINI, 1997, p. 62), toma a mesma direção incitada por Deleuze e Guattari: é nos encontros entre os corpos que se dá o devir. Todos eles advogam em favor da potência de vida e de uma ética instaurada na fogueira dos acontecimentos.

No caso de Reich, a colaboração de Deleuze e Guattari pode funcionar como um “fora” que força o pensamento a sair de suas “acomodações na interioridade” (ORLANDI, 2003, p. 11). Buscar em cada fórmula científica, maneiras de subvertê-la, ou, dito de outra maneira, submeter os modelos construídos a graus, modos de subversão.

O pesquisador, o cientista deve ficar como o animal, à espreita, no sentido de uma ligação absoluta com seu território. E se território define-se por relações de vizinhança, Deleuze e Guattari (1991/1992) vêm lembrar a vizinhança comum entre a ciência e a filosofia ao caos. Nem os functivos na ciência, nem os conceitos na filosofia prescindem da experiência, que “pode ser perturbadora, estando próxima do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 166).

Essas correspondências incentivam somar, à busca por princípios, a atitude de espreita, a proximidade interessante do caos. Além do abandono ao que se faz sugerido por Reich (1982), há que se suportar o desarranjo, a vertigem do pensamento, permitir o devaneio. “A cultura está ficando irascível com o devaneio. Por que tudo tem que ser sol e claridade? E o final da tarde, propício ao devaneio?” (ORLANDI, 2006, informação pessoal⁶⁰). No sentido de um mundo em

⁶⁰ Informação fornecida por Orlandi em aula na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo em 10 de maio de 2006.

vias de tornar-se “lateralizado”, cabe retomar palavras do próprio Reich, escritas em seu diário em fevereiro de 1920:

Você vê sua vida em seu trabalho, e contudo cada minuto que desfruta aquecendo-se ao sol, cercado de dúzias de crianças de três anos de idade, enche-o de satisfação. Você prega que somente a realização positiva, produtiva é importante — e não o sacrifício da sensualidade emocional aos sonoros estímulos de origem desconhecida — e anseia por um momento de improdutividade, sem nenhuma realização, por um segundo de inatividade preguiçosa! Será que é o sol? Acho que é mais! *O que é a vida?* (1996, p. 111, itálicos originais).

Instaura-se um tipo de conversa quase como uma confidência, “entre amigos”, numa comparação análoga à do filósofo com a sabedoria, delineada por Deleuze e Guattari (1991/1992). Tomamos de empréstimo essa idéia que exprime “uma certa intimidade competente, uma espécie de gosto material e uma potencialidade”, “uma presença intrínseca ao pensamento, uma condição de possibilidade do próprio pensamento, uma categoria viva, um vivido transcendental” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 11). Para eles “é próprio da amizade conciliar a integridade da essência e a rivalidade dos pretendentes” (p. 12).

Diferenciados os planos da ciência e da filosofia, podem ser postos como aliados, Reich, Deleuze e Guattari em relação ao melhor encontro possível, no sentido de um exercício de subversão do pensamento. Visamos assim multiplicar o diálogo, potencializar lutas em íntimas paisagens, ainda mais se considerarmos o paradoxo do contemporâneo, quando as lutas e bandeiras já não se impõem como outrora.

É num excerto dedicado à arte que encerramos o que alia e coloca em “flerte” a produção do cientista Reich à filosofia de Deleuze e Guattari: “Trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (DELEUZE; GUATTARI, 1991/1992, p. 222).

4 CONCLUSÕES

Esta pesquisa originou-se da inquietação ante discussões ocorridas no meio reichiano que traziam idéias de Deleuze e Guattari. Impunham-se-nos certas perguntas: se os grupos e periódicos dirigiam-se ao debate das formulações elaboradas por Wilhelm Reich, por que trazer à pauta a esquizoanálise e a filosofia da diferença? Em que medida é possível comparar as produções de pensadores tão diversos e de épocas distintas? Do ponto de vista conceitual, exatamente em que aspectos aproximam-se e quais são suas diferenças inegáveis? E mais ainda: a que serve tal diálogo?

Ao investigar os trabalhos escritos que de algum modo mencionam Reich, Deleuze e Guattari, verificamos que tiveram início em 1975, com o livro de Dadoun (1975/1991), e foram ampliados significativamente depois de 1994. Portanto, trata-se de interlocução instaurada há mais de trinta anos e retomada a partir de meados da década de 1990, quando os estudos a esse respeito foram intensificados. Desde então produziram-se 24 textos segundo os parâmetros de nosso levantamento, finalizado em dezembro de 2007. Constatamos também que ultrapassam as fronteiras brasileiras, dadas as presenças de comentadores da Argentina, Espanha, França, México e Uruguai. Ainda que não tenhamos realizado uma comparação a todo o universo da produção de comentadores da obra de Reich e de Deleuze e Guattari, tais resultados — em número, abrangência, qualidade, temáticas envolvidas —, denotam sua importância. Apontam a vivacidade e o contínuo investimento teórico realizado por estudiosos e seguidores dos referenciais reichiano e delineado por Deleuze e Guattari.

Se nossa proposta acompanha esse esteio e vem igualmente enredar proposições desses pensadores, serve para destacar a relevância de um movimento coletivo: a nosso ver, a interlocução em questão assume, no círculo de debates de linha reichiana, estatuto análogo

àquele que relaciona a obra de Reich à psicanalítica. Logo, trata-se de uma série, uma importante tendência que precisa ser compreendida e enunciada como tal. É o que Reich anteviu e desejou quando disse: “Devemos esperar que algum dia, quando a fase pioneira da economia sexual e da psicologia política tiver passado, surjam uma oposição e facções” (1953/1976, p. 236) — aqui no lugar das noções de “oposição” e “facções”, preferimos aludir a “direções” ou “vertentes”. Outros pesquisadores reiteram a necessidade de revisar, criticar e recuperar dimensões da teoria original de Reich (BARRETO, 2007; BLANK, 1997; CÂMARA, 1999; REGO, 2005; RUDGE, 1998, entre outros). Se a princípio estabeleceram-se iniciativas isoladas, as conexões que enlaçam o pensamento de Reich e o dos fundadores da esquizoanálise devem ser tomadas e afirmadas como um passo conjunto, uma vez que sugerem o desenvolvimento da teoria e da prática reichiana, ou ainda, o prenúncio de novos rumos.

Por essa razão, julgamos necessário um exame mais apurado desses estudos; apresentamos então uma primeira sugestão para futuras investigações. No nosso caso, dado o intuito de focalizar o tema do pensamento crítico, decidimos apenas mencioná-los sinteticamente — ainda que sob o risco de reduzi-los —, e por isso devemos manifestar nossas escusas a seus autores. Com base nos resultados de nossa dissertação, abre-se o propósito de analisar esses trabalhos numa ótica mais abrangente, que vise compreender se há temas comuns, divergências, retomadas; no sentido de apreender seus contornos, vetores e em que medida proporcionam reelaboração, transformações e afastamentos de elementos da proposta reichiana.

Especificamente a respeito da temática do pensamento crítico, partimos desse mote em razão de vislumbrarmos, já de saída, possíveis aproximações entre a luta cultural empreendida por Reich e o ativo percurso político-social de Deleuze e Guattari. De fato, ao longo deste estudo, pudemos confirmar e apurar a hipótese de um posicionamento crítico e combativo comum a nossos autores. As propostas pragmáticas reichianas exemplificadas — a clínica, as

intervenções de cunho sócio-político, os experimentos laboratoriais que levaram à Orgonomia, o projeto “Crianças do Futuro” — denotam a expressão de sua atuação crítica, em que se manifesta uma proposta libertária em todas as instâncias formadoras. Procuramos dar ênfase ao fazer rigoroso de Reich: sua poderosa e incansável força empreendedora a serviço de transformações político-sociais. A pragmática esquizoanalítica — e suas tarefas negativa e positivas — igualmente ilustram a ação crítica de seus fundadores, assim como outros conceitos delineados por Deleuze e Guattari e apresentados com vistas a marcar a subversão que produzem no pensamento. Por exemplo, instaura-se um tipo diverso de combate, o “combate-entre” (DELEUZE, 1993/1997), que não almeja a batalha contra algo, mas sim uma certa luta consigo, no sentido de “tornar-se”, de apoderar-se da força e de enriquecer-se com aquilo que se está combatendo. Dessa forma, as nuances da contestação esquizoanalítica vem enlevar o tom aguerrido de Reich com uma suavidade, propícia num momento em que não se notam as grandes batalhas de outrora.

Todavia, seguindo o encaminhamento da reflexão de Deleuze (1968, citado por ORLANDI, 1995) a respeito da problemática da diferença, fomos convocados a realçar as distinções. Para ele, não se deve forçar um acordo, há que enaltecer as desconformidades, liberar seus processos intensivos em prol da convivência dos díspares, da formação inusitada de heterocomposições. Se iniciamos esta pesquisa em busca de similaridades ou aproximações, passamos a reconhecer as diferenças e a militar em prol de múltiplas interferências.

No que tange ao combate cultural, é por meio do conhecimento científico que Reich procura soluções para as questões humanas. Numa outra direção, a ligação dos criadores da pragmática esquizoanalítica estabelece-se com a filosofia. Verificam-se então perspectivas inteiramente diversas: grosso modo, a busca do referencial científico-natural de Reich e um certo tipo de filosofia formulada por Deleuze e Guattari. E, ao indicarmos essa primeira dessemelhança, realçam-se, vibram certas particularidades, como indica Deleuze. Reich realiza

um tipo peculiar de ciência, transdisciplinar, “militante” (DADOUN, 1975/1991), profundamente direcionada à alteração das condições da existência humana e numa clara oposição a tudo aquilo que, em sua visão, interpõe-se à construção de melhorias para a sociedade. Trata-se menos de uma ciência usual — pois muitas de suas ações não receberam o rótulo de “científicas” — e mais de uma perspectiva idiossincrática. No caso de Deleuze e Guattari, a pragmática esquizoanalítica recusa a tradicional preocupação filosófica com a essência e advoga a necessidade premente de um saber ligado à vida. Logo, por caminhos explicitamente distintos, Reich, Deleuze e Guattari encontram-se na oposição ao “conhecimento estéril e livresco” (REICH, 1953/1976, p. 145). A isso serve o diálogo entre nossos autores, à comemoração da coexistência das diferenças e à comunicação entre topos de idéias.

A produção de Deleuze e Guattari vem favorecer a atitude de espreita, de ligação máxima ao território. Se verificamos uma aposta reichiana na sabedoria da natureza humana, que por vezes exalta a superioridade da esfera biológica — notadamente quando se dedica ao desvelamento da saúde natural humana —, interessa-nos realçar a força crítica depositada por ele na idéia de plena presença: “estar plenamente vivo em todas as situações da vida” (REICH, 1942/1995, p. 175). É o que estudiosos de sua obra chamam de “ética da intensidade” (ALBERTINI, 1997, p. 63) e de “modo de vida ético” (FUGANTI, 2001, p. 12), “sinalizado pela alegria” e que “instiga o ser pela potência” (p. 13). Acreditamos que o enfoque de Reich possa ser celebrado nessa possibilidade de liberação da vida, em seu combate que almeja afetar, agenciar intensidades não somente sexuais, mas também psíquicas, sócio-políticas, atmosféricas, com “todo tipo de devires”, diriam Deleuze e Guattari. Como um mapa a ser continuamente inventado.

Se para Deleuze e Guattari a filosofia e a ciência são igualmente criadoras, uma aliança, um flerte pode ser empreendido, num rico campo de correspondências. Somar à rigorosa

missão reichiana em busca de princípios e que parte da noção de ciência como “único princípio válido na direção da sociedade” (REICH, 1953/1976, p. 234), a possibilidade de suportar o desarranjo e permitir o devaneio — seria um dos grandes ganhos dessa interlocução. Referimo-nos a nuançar certos modelos e dar ouvidos a “sonoros estímulos de origem desconhecida” (REICH, 1996, p. 111), de maneira a perturbar a serenidade da identidade e da semelhança.

Demonstramos ainda que há vários complicadores no tratamento dos temas “oposição ao princípio freudiano de pulsão de morte” e “aposta na humanidade”. Em linha com o intuito de promover “heterocomposições”, esses assuntos foram apresentados de maneira a priorizar as afetações e subversões, deixando em segundo plano um possível movimento pendular que apontasse semelhanças ou desacordos.

Se existe tanto por parte de Reich quanto de Deleuze e Guattari a contestação ao princípio de destrutividade inerente ao homem tal como proposto por Freud e na denúncia de um certo servilismo da psicanálise a interesses dominantes, mostramos algumas dificuldades que vêm emaranhar tal convergência. A começar pelo fato de haver alterações em suas teorias, nuances no tratamento do tema, obrigando-nos a realizar um recorte e a eleger determinada concepção ou momento de suas obras para que pudéssemos cotejar seus posicionamentos. Reich assinala a existência da agressão humana no sentido de uma ação que visa atender às necessidades vitais humanas e compreende a destrutividade como formação secundária, dando ênfase, portanto, aos fatores externos do conflito, nos termos freudianos. Para ilustrar o pensamento de Deleuze e Guattari, selecionamos o conceito de corpo sem órgãos, o “CsO” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1996), imbuídos pelo convite de tomar como critério de escolha a máxima reverberação possível. A partir de uma visão produtivista do desejo (ORLANDI, 1995), em que se ligam máquinas desejantes e campo social, O CsO vem como uma estratégia de experimentação, numa guerra contra tudo o que é organismo ou organizado.

Lembra a proposta de Blank (1997) de recuperar “a potência do desorganismo, um inundar de sensações e emoções” (p. 63). Contudo, Deleuze e Guattari (1980/1996) recomendam vigilância na experiência de lançamento aos saltos e desarranjos do CsO, uma vez que o limite desfuncional do desejo pode querer a morte. Verifica-se, no CsO, perigosos tangenciamentos com a morte em tãatos, embora não se evoque o passado: é o próprio exercício que pode acarretar, em seu motor imóvel, o encontro com a morte. Assim, num mesmo lance em que Reich, Deleuze e Guattari aliam-se na oposição à proposição freudiana de destrutividade inerente aos seres humanos, multiplicam-se as variáveis e certos desacordos ou, melhor dizendo, distanciam-se seus pontos de vista. O CsO não alude a uma falta nem a um prazer; a exaltação do prazer, tal como postulada por Reich, pode implicar numa direção previamente determinada à qual o desejo insiste em escapar, segundo Deleuze e Guattari, aspecto apontado por Câmara (1998) e Weinmann (2005).

No tópico dedicado ao mote da aposta na humanidade novamente evidenciam-se distinções e afetações. Para Deleuze e Guattari, não há aposta anterior, ela se instaura a cada problema trazido à pauta. Além disso, questionam a palavra extensiva “humanidade”, pois anseiam liberar a vida das generalidades e de suas formas representadas. Impõe-se uma ética dos encontros aleatórios, que se dá nos pormenores, em que cada lance cria a sua regra. É por isso que, segundo a esquizoanálise, não se trata de humanizar ou desumanizar, mas sim de inumanizar, devir animal, mineral, mulher, entre tantos outros e “inventar um povo” (DELEUZE, 1993/1997, p. 14).

Elegemos conceitos indicativos da aposta esperançosa de Reich nos seres humanos para abrir a comunicação com a perspectiva de Deleuze e Guattari, a saber, a auto-regulação e o caráter genital. Em relação à temática da auto-regulação, trouxemos a noção deleuziana de metaestabilidade para favorecer uma nova compreensão e no sentido de multiplicar o entendimento, que privilegie um estado “brumoso” (ORLANDI, 2003, p. 88), nem instável,

nem estável, no sentido de um lançamento à intensidade. A respeito do caráter genital, diversamente da concepção de um “a priori”, procuramos enredar o tom produtivista do desejo da esquizoanálise, que, segundo Garrido Fernández (2006), “declara la guerra al concepto de yo” (p. 31). Se Câmara (1998) traz o conceito deleuziano de “devir” para desconstruir uma certa concepção reichiana assentada na idéia de essência, convida à compreensão de “cerne” “menos como estrutural e mais como um amálgama de forças, de correntes energéticas, potência e intensidades” (2006a, p. 120). Se é no contato que a capacidade auto-regulatória se viabiliza, se o caráter genital volta-se à experiência real, preferimos a perspectiva que enleva, no pensamento reichiano, a concepção relacional. Nessa linha de transformação da teorização de Reich e numa aliança a Deleuze e Guattari e Espinosa, queremos dar ênfase à proposição de encontro uma vez que “aumenta a potência e a alegria” (CÂMARA, 2006a, p. 119). Seja no “encontro inusitado e imprevisível” (WEINMANN, 2005, p. 76), no “encontro potente” (ALBERTINI, 1997, p. 62), ou na “ética do encontro” (GONÇALVEZ BOGGIO, 1999, p. 41), referimo-nos à “porosidade ao excesso, abertura e permeabilidade” (PELBART, 2000, p. 65) que possa ser inventada, articulada, produzida nos encontros.

Finalmente, com a proposição de rizoma, Deleuze e Guattari querem atingir um processo que se recusa como norma, pois para eles o que importa é a rebeldia do que ocorre. “Balançar o conceito de sua presunção” (ORLANDI, 2006, informação pessoal⁶¹) anuncia-se como um interessante convite aos estudiosos do pensamento de Reich. Lembrar que o conceito é plástico no sentido inventivo de sua criação, em sua capacidade de gerar novos acontecimentos, segundo Deleuze e Guattari (1991/1992). Logo, talvez se trate menos de tentar encontrar os princípios de funcionamento saudável natural (REICH, 1984) e mais, muito mais, de espiar o desejo e de criar um funcionamento desejoso possível.

Como um incentivo à continuidade das pesquisas sobre o diálogo entre a produção de

⁶¹ Informação fornecida por Orlandi em aula na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo em 22 jun. 2006.

Reich e a de Deleuze e Guattari, explicitaremos as várias possibilidades que vislumbramos e não pudemos nos deter, pois extrapolavam o assunto a que nos propusemos investigar.

A crítica à psicanálise, presente em momentos e textos diversos das obras de nossos pensadores, mereceria trabalhos específicos; de maneira análoga, pode ser examinada a contestação ao capitalismo.

Tanto Reich quanto Deleuze e Guattari delinearão novas vertentes para a compreensão do masoquismo e valerá a pena relacioná-las: o primeiro mostra que o masoquista anseia e procura o prazer (REICH, 1933/1995) e Deleuze e Guattari (1980/1996) aludem sobre o processo de produção desejante do masoquista. Numa outra oportunidade, Deleuze (1967/1983 citado por ORLANDI, 1995) refere-se à hipotética unidade sadomasoquista, trazendo idéias que podem ser somadas à discussão sugerida.

De maneira similar, cabe seguir e ampliar uma interlocução apresentada brevemente por Orlandi (2006, p. 59) a respeito da esquizofrenia, presente em *O Anti-Édipo*. O comentador aponta a menção à esquizofrenia como modo de existência incompreendido pela psicanálise segundo Deleuze e Guattari (1972a/1976) e mostra como Reich (1942/1995) a valoriza por constituir um tipo de experimentação do elemento vital.

Uma perspectiva histórica que comparasse a conjuntura vivenciada por Reich e aquela presenciada por Deleuze e Guattari seguramente traria novos elementos às nossas pesquisas. O estudo que contrapõe as sociedades disciplinares às sociedades de controle (DELEUZE; 1990/1992) pode, talvez, trazer aspectos a serem incluídos.

A exaltada temática do enlace entre desejo e campo social realizado por Reich e celebrado por Deleuze e Guattari (1972a/ 1976), assunto comentado por vários estudiosos (CALDERÓN GÓMEZ, 2006; GONÇALVEZ BOGGIO, 1999; OLIVEIRA, V. R., 2007; ORLANDI, L. B., 2006; entre outros), afigura-se também como uma oportunidade de pesquisa. Ao assunto caberia acrescentar a perspectiva reichiana de política e os conceitos de “molar” e

“molecular” delineados por Deleuze e Guattari (1972a/1976).

Seria interessante dar continuidade ao debate sobre a influência do filósofo Henri Bergson na obra de ambos, como fizeram Albertini (1994), Câmara (1999 e 2006a) e Dadoun (1975/1991). Do mesmo modo, a preferência de Deleuze a autores relacionados ao vitalismo (PELBART, 2000, p. 67) e a influência do vitalismo no início da produção de Reich (BEDANI, 2007b) geraria uma relevante discussão. Isso sem deixar de lado a importante conexão ao pensamento do filósofo Espinosa.

Por fim, é preciso responder à crítica de Deleuze e Guattari (1972a/1976) de que haveria um “edipianismo difuso em Reich”, lembrando da assertiva reichiana de que “As relações das crianças com adultos de ambos os sexos podiam ser variadíssimas. A fórmula de Freud ‘amo o meu pai ou a minha mãe e odeio a minha mãe ou o meu pai’ era apenas um começo.” (REICH, 1942/1995, p. 78). Podem ser considerados os estudos de Corrêa (2006), Donato (2004) e Weinmann (2002).

Todas essas sugestões contemplam o intento que almejamos promover em nossa investigação: manter vivo o pensamento e alegre saber de Reich e criar uma constelação e aliança que afete o jogo de forças e sentidos daquilo que se está espreitando, como queriam Deleuze e Guattari.

REFERÊNCIAS⁶²

- ALBERTINI, P. *Contribuição para o conhecimento do pensamento de Reich: desenvolvimento histórico e formulações para a educação*. 1992. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1992.
- _____. Reich discorda de Freud: uma crítica ao “mal-estar na cultura”. In: _____. (Org.). *Reich em diálogo com Freud: estudos sobre psicoterapia, educação e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 11-39.
- _____. *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora, 1994. 104 p.
- _____. A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. In: AQUINO, J. G. (Coord.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p. 53-70.
- _____. Três breves comentários sobre os primeiros caminhos de Wilhelm Reich. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 17, p. 12-18, 2008.
- ALBERTINI, P.; SIQUEIRA, F. Z.; TOMÉ, L. A.; MACHADO, T. L. Reich e o movimento de higiene mental. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 393-401, maio/ago. 2007.
- BAREMBLITT, G. Ecletismo, sim, banalidade, não. *Jornal de Psicologia CRP SP*, São Paulo, ano 17, n.105, maio/jun. 1997. Disponível em: <www.crp.org.br/a_acerv/jornal_crp/105/frames/fr_entrevista.htm>. Acesso em: 27 nov. 2007.
- _____. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 1998. 123 p.
- _____. Introdução às terapias intensivas. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 4, p. 94-104, 1995.
- BARRETO, A. V. B. *A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich*. 2007. 245 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007.

⁶² De acordo com as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) de 2002 e que constam no manual elaborado por Funaro (2004). A data entre parênteses refere-se ao ano da publicação da edição a partir da

_____. Reich: poder e afetividade: esboço de uma psicologia política. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 9, p. 10-17, 2000a.

_____. *A revolução das paixões: os fundamentos da psicologia política de Wilhelm Reich*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000b. 204 p.

BEDANI, A. Apresentação. In: MATTHIESEN, S. Q. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007a. p. 13-15.

_____. *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*. 2007b. 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007b.

BEDANI, A.; ALBERTINI, P. Política e sexualidade na trajetória de Reich: Viena (1927-1930). *Encontro: Revista de Psicologia*, Santo André, UNIA, v. 11, n.14, p. 62-77, jul./dez. 2006.

BELLINI, L. M. *Afetividade e cognição: o conceito de auto-regulação como mediador da atividade humana em Wilhelm Reich e Jean Piaget*. 1993. 270 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1993.

BILIBIO, L. F. S. *Trágica educação sexual do erotismo: uma agonística entre Reich e Nietzsche*. 2002. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

BLANK, P. A função da função do orgasmo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 55-66, abr./jun. 1997.

BRIGANTI, C. Psicossomática transdisciplinar-reichiana. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 4, p. 49-63, 1995.

CALDERÓN GÓMEZ, J. Sala de máquinas: aproximación al pensamiento de Gilles Deleuze y Félix Guattari. *Nómadas*, revista crítica de ciencias sociales y jurídicas, publicación electrónica de la Universidad Complutense de Madrid, Madrid, n. 14, jul./dic. 2006. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/nomadas/14/jorgecalderon.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2007.

CÂMARA, M. V. A. *Para além do claustro bipessoal: proposições teóricas para uma psicoterapia grupal de base reichiana*. 1999. 193 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto

de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1999.

_____. Pressupostos filosóficos reichianos: Marx, Espinosa e Bergson articulados ao pensamento contemporâneo. *Pensamento Reichiano em Revista*, Rio de Janeiro, p. 113-130, 2006a.

_____. A propósito da (des)construção de alguns conceitos na teoria de Wilhelm Reich - a perspectiva deleuziana. In: GIBIER, L; MALUF JÚNIOR, N. (Org.). *Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. p. 20-35.

_____. Um certo olhar sobre o corpo na clínica reichiana. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 15, p. 30-34, 2006b.

CIPULLO, M. A. T. *Entre duas abordagens: do diagnóstico psicorporal ao psicodiagnóstico fenomenológico-existencial*. 2001. 226 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2001.

CORRÊA, S. L. *Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade*. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2006.

CUKIERT, M. *Uma contribuição à questão do corpo em psicanálise: Freud, Reich, Lacan*. 2000. 223 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

DADOUN, R. (1975). *Cem Flores para Wilhelm Reich*. Tradução Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1991. 397 p.

DELEUZE, G. (1988). *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Video Edition Montparnasse, 1996. (Vídeo de entrevista concedida a Claire Parnet realizada por P.A. Boutang e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995 pela TV-ART, França. Brasil: TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord; com modificações. Trecho retirado da letra A, de Animal.).

_____. (1990). Entrevista sobre *Mille Plateaux*. In: _____. *Conversações, 1972-1990*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1992. p. 37-48.

_____. (1993). A literatura e a vida. In: _____. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997. p. 11-16.

_____. (1993). Para dar um fim ao juízo. In: _____. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997. p. 143-153.

_____. (1990). *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: _____. *Conversações, 1972-1990*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1992. p. 219-226.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1980). 1730 — Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível... *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. V. 4. p. 35-113.

_____. (1980). 28 de Novembro de 1947 — como criar para si um corpo sem órgãos. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. V. 3. p. 9-29.

_____. (1972a). *O Anti-Édipo*. Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 514 p.

_____. (1972b). *O Anti-Édipo*. Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução Joana Morais Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, s.d. 330 p.

_____. (1980). Introdução: Rizoma. In: _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. V. 1. p. 11-37.

_____. (1980). Prefácio para a Edição Italiana. In: _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. V. 1. p. 7-9.

_____. (1991). *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 288 p.

DONATO, P. R. *Psicanálise e esquizo-análise: algumas notas e reflexões sobre a crítica de Deleuze e Guattari à análise freudiana*. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2004.

ECONÔMICO. In: LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 167-171.

ESTASE DA LIBIDO. In: LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*.

Tradução Pedro Tamen. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 220-221.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. 21, p. 92-145.

_____. (1933). Por que a guerra? *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 22, p. 191-208.

FUGANTI, L. A ética como potência e a moral como servidão. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 10, p. 10-18, 2001.

FUNARO, V. M. B. O. (Coord.). *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP*: documento eletrônico e impresso. São Paulo: SIBi-USP, 2004. 115 p.

GARRIDO FERNÁNDEZ, J. Asaltar la inmanencia: una lectura del anti-édipo. *Eikasía, Revista de Filosofía*, Oviedo, Ano II, n. 8, p. 101-138, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.revistadefilosofia.com/6antiedipo.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2007.

GONÇALVEZ BOGGIO, L. *Arqueología del cuerpo*: ensayo para una clínica de la multiplicidad. Montevideo: Edcs. TEAB, 1999. 138 p. Disponível em: <<http://www.clinicabioenergetica.com/recursos/articulos/Arqueologia%20del%20Cuerpo.doc>>. Acesso em: 03 dez. 2007.

GUATTARI, F. (1989). *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990. 56 p.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992. 208 p.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (1986) *Micropolítica*: cartografias do desejo. 7. ed. rev. Vozes: Petrópolis, RJ, 2005. 439 p.

INSTINTO. In: LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 241-242.

LANS, A. *Devenires de la subjetividad*: la perspectiva esquizoanalítica y los procesos de salud y enfermedad mental. Disponível em: <<http://www.campogrupal.com/devenires.html>>. Acesso

em: 12 nov. 2007.

MALUF JÚNIOR, N. J. *Sistêmica Organística versus Isomorfismo Mente- Cérebro*. 2005. 92 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

MATRAJT, M. *Subjetividad, trabajo e institución*. México, ago. 2002. Disponível em <<http://www.psicologiagrupal.cl/documentos/articulos/subtrainti.html>>. Acesso em: 29 nov. 2007.

MATTHIESEN, S. Q. *A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-social*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 262 p.

_____. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007. 242 p.

MONTEIRO, M. Z.; RODRIGUES, V. A. Editorial. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 13, p. 4-5, 2004.

OLIVEIRA, I. S. *Reich - um percurso bastante singular: incursões na antropologia*. 2004. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2004.

OLIVEIRA, V.R. Psiquiatria materialista de Deleuze, Guattari e Reich. In: CARDOSO JÚNIOR, H. R. (Org.). *Inconsciente – multiplicidade: conceitos, problemas e práticas segundo Deleuze e Guattari*. São Paulo: Editora UNESP, 2007. p. 113-136.

ORLANDI, L. B. L. O indivíduo e sua implexa pré-individualidade. In: PELBART, P. P.; COSTA, R. (Orgs.) *Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto*. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 88-96. (A versão ampliada desse texto foi enviada pelo autor por email em 17 de outubro de 2008 para lilianedetoledo@gmail.com).

_____. Pulsão e campo problemático. In: MOURA, A. H. *As pulsões*. São Paulo: Escuta/Educ, 1995. p.147-195.

_____. Reich em *O Anti-Édipo*. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 15, p.56-66, 2006.

PELBART, P. P. A gorda saúde dominante. In: _____. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 63-82.

PULSÃO. In: LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 394-413.

RAMALHO, S. A. *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico*. 2001. 280 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

REGO, R. A. *Psicanálise e biologia: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich*. 2005. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

REICH, W. (1933). *Análise do Caráter*. Tradução Maria Lizette Branco e Marina Manuela Pecegueiro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 491 p.

_____. *O assassinato de Cristo: volume 1 de A Peste Emocional da Humanidade*. Tradução Carlos Ralph Lemos Vianna e Cid Knipel Moreira. São Paulo, Martins Fontes, 1982. p. 32.

_____. *Children of the future: on the prevention of sexual pathology*. Tradução Derek e Inge Jordan e Beverly Placzek. Nova York, Farrar Straus Giroux, 1984. p. 5-21.

_____. (1932). *O combate sexual da juventude*. Tradução Jorge Silvano. [S.l.], Ed. Textos marginais, 1975.

_____. (1942). *A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica*. Tradução Maria da Glória Novak. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 328 p.

_____. *Paixão de juventude: uma autobiografia (1897-1922)*. Tradução Cláudia Sant'Ana; Sâmia Rios. São Paulo: Brasiliense, 1996. 185 p.

_____. (1953) *People in trouble: volume 2 de The emotional Plague of Mankind*. Tradução de Philip Schmitz. Nova York, Farrar, Straus and Giroux, 1976.

_____. (1946). *Psicologia de massas do fascismo*. Tradução Maria da Graça M. Macedo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 374 p.

ROLNIK, S. (1986) Apresentação. In: GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. rev. Vozes: Petrópolis, RJ, 2005. p. 15-19.

_____. (1986) Prefácio às edições estrangeiras. In: GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. rev. Vozes: Petrópolis, RJ, 2005. p. 9-13.

_____. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. In: *Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro: catálogo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006. 98 p. Catálogo publicado por ocasião da exposição sobre a artista Lygia Clark organizada pelo Musée des Beaux-Arts de Nantes, França (2005) e pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil (2006) com a colaboração da Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark”. Curadoria de Suely Rolnik e Corinne Diserens.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 320-321 e 650-654.

RUDGE, L. L. T. Entre dores e amores, a produção de singularidades. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 6, p. 47-56, 1997.

_____. Formação Reichiana no Sedes. Problematizações e Projetos. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 7, p. 7-14, 1998.

RUSCHE, R. J. *Teatro e educação somática: um estudo com presidiários em processo de criação*. 2004. 299 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

SILVA, E. A. *Filosofia, Educação e Educação Sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana*. 2001. 274 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.

SILVA, J. R. O. *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*. 2001. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

SILVA, J. R. O.; ALBERTINI, P. Notas Sobre a Noção de Caráter em Reich. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, ano 25, n. 2, p. 286-303, 2005.

SOARES, L. G. Processos de singularização e couraça. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 15, p. 67-79, 2006.

_____. *Ritmos e conexões: dançando com Reich, Deleuze e Guattari*. 2003. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

2003.

TADEU, T. Tinha horror a tudo que apequenava... *Revista Educação*, Especial: Biblioteca do professor, Deleuze pensa a educação, São Paulo, ano II, n. 6, p. 6-15, 2007.

WAGNER, C. M. *Freud - Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996. 130p.

_____. *A Psicanálise de S. Freud e a vegetoterapia caractereológica de W. Reich: continuidade ou ruptura?* 1994. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1994.

_____. *A transferência na clínica reichiana.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 209 p.

WEINMANN, A. O. Desejo e Prazer em Reich, Foucault, Deleuze e Guattari. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 14, p. 72-88, 2005.

_____. O orgasmo como espetáculo. *Revista Reichiana*, São Paulo, n. 15, p. 10-13, 2006.

_____. Reflexões sobre a crítica de Deleuze e Guattari à teoria do complexo de Édipo. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, n. 160, p. 31-35, ago. 2002.

XAVIER, J. I. T. *Atenção a si e psicoterapia corporal: efeitos da auto-estimulação somatossensorial sobre a atenção e suas implicações para o corpo, as emoções e a cognição.* Rio de Janeiro, 2005. 393 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

ANEXO – BIBLIOGRAFIA DE GILLES DELEUZE

As informações servem de importante guia para o conhecimento das obras de Deleuze e foram gentilmente enviadas pelo Prof. Dr. Luiz B. L. Orlandi por email em 26/02/2008. Mantivemos exatamente a forma e o conteúdo em que os dados foram apresentados.

OBRAS DE GILLES DELEUZE (1925-1995)

BIBLIOGRAFIA (*)

(*) Bibliografia atualizada (**) por Luiz B.L. Orlandi a partir da estabelecida por Roberto MACHADO, *Deleuze e a filosofia*, Rio de Janeiro, Graal, 1990, pp. 227-234. Ver (**).
 (**) A presente atualização foi publicada em Eric ALLIEZ, *Deleuze - filosofia virtual*, tr. br. de Heloisa B.S. Rocha, SP, Ed. 34, 1996, pp. 59-77. Ver (***)
 (***) A referida publicação carece de várias correções ou acréscimos presentes nesta cópia informatizada refeita em dezembro de 2007.

LIVROS

- * *David Hume, sa vie, son oeuvre, avec un exposé de sa philosophie* (com André Cresson), Paris, PUF, 1952.
- * *Empirisme et subjectivité*, Paris, PUF, 1953.
 - *Empirismo e subjetividade*, tr. br. de Luiz B. L. Orlandi, São Paulo, Editora 34, 2001.
- * *Instincts et institutions. Textes et documents philosophiques*. (Organização, prefácio e apresentações de Deleuze), Paris, Hachette, 1955.
 - “Instintos e instituições”, tr. br. de Fernando J. Ribeiro, in Carlos Henrique ESCOBAR (Org.), *Dossier Deleuze*, Rio de Janeiro, Hólon, 1991, pp. 134-137.
- * *Nietzsche et la philosophie*, Paris, PUF, 1962.
 - *Nietzsche e a filosofia*, tr. br. de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976.
- * *La philosophie critique de Kant*, Paris, PUF, 1963.
 - *Para ler Kant*, tr. br. de Sonia Pinto Guimarães, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- * *Proust et les signes*, Paris, PUF, 1964 (1ª ed.); 1976 (4ª ed. atualizada).
 - *Proust e os signos*, tr. br. da 4ª ed. fr. de Antonio Piquet e Roberto Machado, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- * *Nietzsche*, Paris, PUF, 1965.
 - *Nietzsche*, tr. port. de Alberto Campos, Lisboa, Ed. 70, 1981.
- * *Le bergsonisme*, Paris, PUF, 1966.
 - *Bergsonismo*, tr. br. de Luiz B. L. Orlandi, São Paulo, Ed. 34, 1999. O livro inclui como anexos os textos “A concepção da diferença em Bergson” (1956), tr. br. de Lia Guarino e Fernando Fagundes Ribeiro, pp 95-123, e “Bérgson, 1859-1941” (1956), tr. br. de Lia Guarino, pp 125-139
- * *Présentation de Sacher-Masoch*, Paris, Minuit, 1967.

- *Apresentação de Sacher-Masoch*, tr. br. de Jorge de Bastos, Rio de Janeiro, Taurus, 1983.
- * *Différence et répétition*, Paris, PUF, 1968.
- *Diferença e repetição*, tr. br. de Luiz Orlandi e Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- * *Spinoza et le problème de l'expression*, Paris, Minuit, 1968.
- * *Logique du sens*, Paris, Minuit, 1969.
- *Lógica do sentido*, tr. br. de Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo, Perspectiva, 1982.
- * *Spinoza*, Paris, PUF, 1970.
- *Espinoza e os signos*, tr. port. de Abílio Ferreira, Porto, Rés, s.d.
- * *L'anti-Oedipe* (com Félix GUATTARI), Paris, Minuit, 1972 (1ª ed.); 1973 (nova ed. aumentada).
- *O anti-édipo*, tr. br. de Geoges Lamazière, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- *O anti-édipo*, tr. port. de Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho, Lisboa, Assírio & Alvim, s/d.
- * *Kafka - Pour une littérature mineure* (com Félix GUATTARI), Paris, Minuit, 1975.
- *Kafka - Por uma literatura menor*, tr. br. de Julio Castanon Guimarães, Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- * *Rhizome* (com Félix GUATTARI), Paris, Minuit, 1976 (reed. em *Mille plateaux*).
- * *Dialogues* (com Claire Parnet), Paris, Flammarion, 1977. Nova edição, 1996, contendo, em anexo, o texto de Deleuze « L'actuel et le virtuel ».
- “O atual e o virtual”, tr. br. de Heloisa B. S. Rocha, in Eric ALLIEZ, *Deleuze - filosofia virtual*, tr. br. de Heloisa B.S. Rocha, SP, Ed. 34, 1996, pp. 47-57.
- *Diálogos* (com Claire Parnet), tr. br. de Eloísa Araújo Ribeiro, SP, Escuta, 1998
- * *Superpositions* (com Carmelo Bene), Paris, Minuit, 1979.
- * *Mille Plateaux* (com Félix GUATTARI), Paris, Minuit, 1980.
- *Mil Platôs* - vol. 1, incluindo: Prefácio à ed. italiana de 1988; “Introdução - Rizoma”; “1914 - Um só ou vários lobos” e “10.000 A.C. - A geologia da moral (Quem a terra pensa que é?)”. Tr. br. de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- *Mil Platôs* - vol. 2, incluindo: “20 de novembro de 1923 - Postulados da lingüística” e “587 A.C. - 70 D.C. - Sobre alguns regimes de signos”. Tr. br. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- *Mil Platôs*, vol. 3, incluindo: “28 de novembro de 1947 - Como criar para si um corpo sem órgãos”; “Ano zero - Rostidade”; 1874 - Três novelas ou ‘O que se passou?’” e “Micropolítica e segmentaridade”. Tr. br. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996.
- *Mil Platôs*, vol 4, incluindo: “1730 - Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível” e “1837 - Sobre o ritornelo”. Tr. br. de Suely Rolnik, São Paulo, Ed. 34, 1997.
- *Mil Platôs*, vol. 5, incluindo: “1227 - Tratado de nomadologia: a máquina de guerra”; “7000 A.C. - Aparelho de captura”; “1440 - O liso e o estriado” e “Regras concretas e máquinas abstratas”. Tr. br. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa, São Paulo, E. 34, 1997.
- * *Spinoza. Philosophie pratique*, Paris, Minuit, 1981.
- *Espinosa – Filosofia prática*, tr. br. de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins, SP, Escuta, 2002.
- * *Francis Bacon: Logique de la sensation*, 2 vols., Paris, Éd. de la Différence (1981), 2ª ed. aumentada : 1984.

- * *Cinéma 1. L'image-mouvement*, Paris, Minuit, 1983.
- *Cinema 1. A imagem-movimento*, tr. br. de Stella Senra, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- * *Cinéma 2. L'image-temps*, Paris, Minuit, 1985.
- *Cinema 2. A imagem-tempo*, tr. br. de Eloisa de Araújo Ribeiro, São Paulo, Brasiliense, 1990.
- * *Foucault*, Paris, Minuit, 1986.
- *Foucault*, tr. port. de José Carlos Rodrigues, Lisboa, Vega, 1987.
- *Foucault*, tr. br. de Claudia Sant'Anna Martins, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- * *Le pli. Leibniz et le baroque*, Paris, Minuit, 1988.
- *A dobra. Leibniz e o barroco*, tr. br. de Luiz B.L.Orlandi, Campinas, Papirus, 1991 para a 1ª ed. e 2000 para a 2ª ed.
- * *Périclès et Verdi – La philosophie de François Châtelet*, Paris, Minuit, 1988.
- *Péricles e Verdi – A filosofia de François Châtelet*, tr. br. de Hortência S. Lencastre, Rio de Janeiro, Ed. Pazulin, 1999.
- * *Pourparlers (1972-1990)*, Paris, Minuit, 1990.
- *Conversações (1972-1990)*, tr. br. de Peter Pál Pelbart, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- * *Qu'est-ce que la philosophie?*, (com Félix GUATTARI, Paris, Minuit, 1991).
- *O que é a filosofia?*, tr. br. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- * *L'Épuisé*, em seguida a *Quad, Trio du Fantôme, ...que nuages...et Nacht und Träume* (de Samuel BECKETT), Paris, Minuit, 1992.
- * *Critique et clinique*, Paris, Minuit, 1993.
- *Crítica e clínica*, tr. br. de Peter Pál Pelbart, São Paulo, Ed. 34, 1997.
- * “*L'Abécédaire de Gilles Deleuze*”, entrevista a Claire PARNET realizada por P. A. Boutang em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995 pela TV-ART, Paris: Vidéo Edition Montparnasse, 1996.
-
- * *L'île déserte et autres textes (textes et entretiens 1953-1974)*. Éd. préparée par David Lapoujade, Paris, Minuit, 2002.
- *A Ilha deserta e outros textos (textos e entrevistas 1953-1974)*. Edição preparada por David Lapoujade. Tr. br. organizada por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
Tradutores, por ordem alfabética:
Cíntia Vieira da Silva: textos 7, 24, 36.
Christian Pierre Kasper: textos 33, 37, 39.
Daniel Lins: texto 38.
Fabien Pascal Lins: textos 17, 29, 31.
Francisca Maria Cabrera: textos 10, 11, 32.
Guido de Almeida: texto 22.
Hélio Rebello Cardoso Junior: textos 3, 6, 8, 9, 21.
Hilton F. Japiassú: texto 23.
Lia de Oliveira Guarino: texto 4.
Lia de Oliveira Guarino e Fernando Fagundes Ribeiro: texto 5.
Luiz B. L. Orlandi: textos Apresentação, 1, 2, 12, 14, 15, 19, 20, 27, 28, 35
Milton Nascimento: texto 34.
Peter Pál Pelbart: texto 16.
Roberto Machado: texto 26.

Rogério da Costa Santos: texto 30.

Tiago Seixas Themudo: textos 13, 25.

Tomaz Tadeu e Sandra Corazza: texto 18.

* *Deux régimes de fous (textes et entretiens 1975-1995)*. Éd. préparée par David Lapoujade, Paris, Minuit, 2003.